THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261
Book .M25C5

CLAUDIO

ROMANCE

POR

JULIO CESAR MACHADO

LISBOA
EMPREZA EDITORA, CARVALHO & C.ª
RUA LARGA DE S. ROQUE, 100

CLAUDIO

CLAUDIO

ROMANCE

POR

JULIO CESAR MACHADO

LISBOA
EMPREZA EDITORA, CARVALHO & C.ª
RUA LARGA DE S. ROQUE, 100

PQ9261
.M25C5

387270
'29

AMK 20035

FOLHETIM

DA

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO DE 3 DE JULHO DE 1852

«Já não ha creanças!» exclama a duqueza de Noailles, da engraçada comedia *Les premières armes de Richelieu,* ao contemplar o ardor viril com que o joven duque de Richelieu teima em eliminar o odiado artigo 5.º do contrato de casamento.

«Já não ha creanças!» digo eu agora, passando pelos olhos um romance, recentemente publicado, aonde n'uma especie de advertencia ultima se lêem estas significativas palavras:

«Como livro, está o auctor convencido, de que vale alguma cousa; vale, e não é pouco, muito sentimento verdadeiro, muita decepção amarga, muita dor sentida! o auctor não tem a vaidade de se per-

suadir que escreveu novidades, mas não tem sufficiente modestia para que deixe de confessar que está persuadido que escreveu verdades! Ha muitas cousas em Claudio — que o auctor tem sentido, muitas! ha outras que elle tem visto, ha finalmente outras que elle adivinhou! — é que o auctor d'este livro tem dezeseis annos, e aos dezeseis annos não se sabe ainda tudo por experiencia, adivinha-se muita cousa, e quando se tem soffrido, como o auctor d'este livro, adivinha-se a verdade!»

O nosso seculo pois denuncia-se muito mais progressivo do que o antecedente. Que ha de extraordinario que um rapaz travesso e vivo adivinhe os inconvenientes de um artigo 5.º que o condemna a um illimitado jejum matrimonial? Mas ter dezeseis annos e escrever um romance; avival-o, por vezes, com trechos de uma eloquencia fogosa e scintillante; conceber já as paixões que acommettem o coração mais tarde, soffrer como se soffre, quando as illusões se desbotam, e o pungir de esperanças mentidas vem ferir a alma... eis o que não é vulgar, eis o que denuncía que as intelligencias agora mais rapidamente amadurecem, e como se põem ao nivel d'esta civilisação, que se communica pelos telegra-

phos electricos, pelos caminhos de ferro, pela imprensa, que absorve o espaço e o tempo, que parece não querer desperdiçar os limitados dias, que o homem tem de passar sobre a terra.

Que direi do romance, que todos o não presintam? O talento, por muito prematuro que seja, não póde triumphar das condições que a natureza impõe ao desenvolvimento do espirito: possue dialogo vivo, estylo irregular, mas que se prevê ha de tomar, com o tempo, a realidade artistica: o enredo é incompleto, e mesmo na exageração da duvida, na vehemencia das apostrophes, se denuncía a inexperiencia da mocidade e a ignorancia da vida.

Claudio é o titulo do romance, e o nome do auctor Julio Cesar Machado. Creio bem que n'outras epochas, não lhe faltaria uma ladainha de logares communs, reunida a um sem numero de epigrammas semsabores. Sei tambem que o *coaxar das rãs em lodaçal immundo,* já hoje felizmente não incommoda ninguem: ha sempre o desejo vehemente de esmagar os talentos esperançosos, de adiar o esplendor das reputações merecidas, de contestar ao escriptor laborioso e independente os titulos que o constituem digno da estimação publica; mas a guer-

ra é remissa, e os adversarios não mettem medo: os censores de pitada na mão, de citação latina na bôca, exigindo nos outros a instrucção que elles não possuem, desdenhando e accusando de preguiçosos os que escrevem, quando elles não publicaram nunca uma linha, tornaram-se um typo ridiculo, uma excrescencia *fossil,* uma verdadeira caricatura.

Diriam por exemplo que o mancebo ousado que em tão verdes annos expõe ao publico o seu pensamento, necessita de estudo, de convivencia intellectual com os bons auctores, de tracto intimo com a sciencia. Forte novidade! Elle é o primeiro a reconhecel-a, e para isso não ha mister um homem de encadernar-se em casaca ampla, reduzir o pescoço a uma perpetua emigração n'uma gravata hirta e inflexivel, encher a camisa de *rapé-princeza,* tomado em caixa monstruosa, e escarrar, a toda a hora, torrentes de latim e dóses de aphorismos sediços!

Extrema contradicção! Esses homens, que chamam aos escriptores mais distinctos: *É um rapaz de esperanças!* que nunca entendem que essas esperanças se realisam, vivem na contemplação de si proprios, e acham o seculo indigno de lhes ouvir a voz; encobrem a esterilidade da sua intelligencia, e

pequenez e mediocridade do seu talento, com um não interrompido silencio; morrem, sem que a sociedade, nem por um instante, perceba a sua falta!...

Não estou ainda em idade de dar conselhos, e supponho-os sobretudo caricatos, quando reproduzem as observações que o primeiro parvo é capaz de proferir com magistral entono e severa catadura: o joven escriptor que já suppriu com o fogo da intelligencia, e o fervor das suas leituras, o que lhe faltava na idade, creio firmemente que ha de continuar a applicar-se, e se não deixará deslumbrar com estes triumphos juvenis, que são muito como esperança, que pouco são como gloria definitiva.

LOPES DE MENDONÇA.

I

N'um dos primeiros dias de março de 1850 entrava no café Suisso um rapaz de vinte a vinte e um annos, elegante, bello e bem vestido, mas deixando perceber através de todo o luxo de que estava adornado um não sei quê, indizivel, de desgraça e de dor; o seu rosto era pallido, os seus olhos de uma expressão melancolica espargiam de vez em quando um olhar sinistro traspassado de desespero.

O moço chegou-se a elle e perguntou-lhe:

— Café?

A esta pergunta o rapaz ergueu os olhos para o creado, depois disse friamente:

— Genebra.

Em seguida sentou-se a uma mesa, tirou o chapéu, encostou a cabeça a uma das mãos, metteu os dedos por entre os cabellos castanhos, que lhe on-

deavam em desordem, e disse com uma voz fraca e angustiada:

— Oh! foi isto o que eu quiz!

O servente trouxe-lhe genebra, e tirou-o por esse modo do estado de meditação em que jazia; então, depois de ter bebido um copo, lançou a vista sobre o folhetim de um jornal — era um capitulo de um romance: encostou os cotovellos á mesa e leu o que se segue:

«... Oh! Luiza! tu não sabes o que eu tenho feito por ti, ou não dás peso a que por ti esqueci a minha honra, a minha gloria, a minha vida! Não consideras que por ti renunciei a um futuro que se me apresentava cheio de brilho, cheio de fulgor, cheio de esperanças; não pensas que por tua causa nada ha no mundo que eu não fizesse; nenhum crime que eu não perpetrasse; nenhuma barreira que eu não vencesse; nenhuma difficuldade, que eu não cortasse!...

«Sei... sei tudo isso, replicava Luiza.

«Então se o sabes, se o aprecias, porque não queres tu, tambem, ser boa para mim? — a estas horas, que são; ninguem póde suspeitar nada de nós —... fujamos, Luiza... fujamos...

«E meu pae? bradou ella com altivez, queres tu que eu esqueça meu pae, que lhe manche a sua velhice, que lhe envergonhe o seu nome?»

O elegante amarrotou o jornal nas mãos, brilha-

ram-lhe os olhos funebremente, e disse com uma expressão feroz, diabolica, desesperada:

— Até nas linhas d'este romance está estampada a minha condemnação! — até n'um botequim vim encontrar um despertador dos meus remorsos!

N'esta occasião bateram-lhe no hombro, o elegante ergueu os olhos, e viu diante de si um rapaz de vinte e quatro a vinte e cinco annos, alto, rosto franco, corado, expressivo, typo eminente do janota rico, esperto, bom de coração, mau de cabeça, immerso no ocio mais por exemplo que por vocação, gosando da vida o mais que podia, sacrificando tudo a um prazer, sendo capaz, como Lugarto, de commetter o maior attentado para satisfazer o maior appetite; emquanto ao mais, jovial, generoso, um pouco arrebatado, soffrivel para amigo, bom para conhecido, optimo para sucio.

— Que! disse o elegante, és tu, Claudio! como vaes?

— Bem, respondeu o recemchegado: mas por que estás tu em Lisboa n'este tempo, Luiz? suppunha-te em Coimbra!

Luiz, que assim se chamava o elegante, sorriu-se melancolicamente.

— Em Coimbra, disse elle, dizes bem que lá devia estar já: as ferias do natal acabaram a semana passada, e eu não quiz... não pude partir d'aqui!

— Aposto que são amores!? perguntou Claudio rindo.

— Amores... amores, não.

— Luiz, deves ponderar que é feio um segredo da tua parte para commigo, que nunca os tive para ti! para mim, teu amigo desde a infancia, teu collega, não me lembro já em que aulas...—ah! parece-me que foi em latim...

— E em philosophia tambem...

— É verdade que sim, por signal que tu eras um excellente estudante, que passavas as noites meditando sobre as doutrinas de Socrates e de Platão, emquanto que eu roncava a bom roncar, sem me passar pela idéa nem ao menos o Genuense; era bom tempo esse! Desde então apartámo-nos completamente; tu foste para Coimbra, onde tens cursado medicina com admiraveis progressos, segundo me dizem, e eu entendi-me com meu pae, e disse-lhe em bom portuguez que cada qual tinha a sua vocação e que a minha seria toda e qualquer, menos a de lidar; meu pae, teimou em que, rigido e severo, me obrigaria a estudar, que queria que eu fosse alguem; minha mãe, que se baba por mim, tomou o meu partido, e fez perceber a meu pae que a minha constituição era debil, e que o melhor seria deixar-me livre de pensões, e conceder-me que eu escolhesse a vida que me aprouvesse: meu pae viu-se na coallisão de ceder, e a carreira que eu escolhi foi a

da boa vida! Passeio, fumo, vou aos theatros, arrebento cavallos como um taful perfeito; não pódes fazer idéa de quanto me dou bem com esta vida!

— Invejo o teu caracter, Claudio! Quizera ter, como tu, uma alma fria a todo o sentimento, gelada para toda a dor; deves ser feliz! Para ti a vida é uma estrada de prazeres! Para mim tem sido sempre uma estrada de dores! Sou moço, muito moço, e entretanto tenho já soffrido muito! É que eu fui sempre orphão do carinho, da amisade de pae e mãe! Meu pae morreu tinha eu dois annos; minha mãe expirou ao dar-me á luz; fiquei entregue a um tio riquissimo, que me tem amisade, sim, mas que é um homem duro, severo, inflexivel; esse mesmo se um dia souber que eu o enganei, como o estou enganando, se elle sonhar que eu, em logar de estar em Coimbra, onde elle me julga, estou em Lisboa... com uma mulher...

— Tu?

— Elle mesmo me abandonará tambem!

— Então tu...

— Claudio, vou dizer-te tudo: dá attenção, que é um segredo importante o que vou contar-te.

— Dize.

— Eu estava em Coimbra, quando, n'um baile que ali se deu, me encontrei com um negociante, e uma senhora que o acompanhava, que vinham não sei de onde; tinham ido ver Coimbra e partiam dois

dias depois não sei tambem para onde: o negociante era um homem de cincoenta annos, franco, cavalheiro, um excellente homem: a senhora teria vinte e tres annos, era linda... muito linda! Olhos grandes, pelle mimosa, corada... formosissima! Tanto elle como ella trataram-me perfeitamente — a elle fallei-lhe... de negocios, de viagens, de interesses; a ella... fallei-lhe unicamente de amor! Carlota, que era esse o seu nome, ouviu a minha declaração, mas respondeu-me que não a podia acceitar; esse homem, com quem ella ía, amava-a loucamente, dava-lhe tudo o que ella desejasse — tudo — e eu não podia de certo fazer o mesmo; que atraiçoal-o, isso não! Eu amava-a muito: quando ella me disse isto, dirigi-lhe queixas pungentes! Alem de que, se era só o interesse que a ligava a esse homem, e se ella me queria bem... para que accusava antecipadamente o passo que veiu a dar? Eu dava-lhe um amor tão cego e tão grande, que lhe tirava o direito de ser severa para commigo! Ella comprehendeu isto, e n'essa mesma noite...

— Encontraste a porta cerrada?...

— A porta, não, a janella.

— Ah! a janella, aposto que ella costumava ler novellas! Isso é romantico.

— Oh! mas o que tu não sabes, o que tu não adivinhas, o que tu não pódes imaginar, é o amor que eu tive por essa mulher! Não era uma paixão

de rapaz, era uma adoração intensa, desabrida, incalculavel! esquecia-me de tudo para me lembrar unicamente d'ella; não havia deveres, que me fizessem parar, interesses, que me obrigassem a recuar, consciencia, que me aconselhasse de retroceder: era um d'estes amores surdos e sinistros, que rasgam, para sempre, o peito em que habitam; pedi-lhe por Deus, pela Virgem, por tudo, que me pagasse bem aquelle amor; respondeu-me que sim, que me queria muito, que a prova d'isso era o passo que dera, expondo-se, provavelmente, á miseria no futuro, porque se esse homem soubesse que ella o trahíra, couberalhe a vergonha se continuasse a sustental-a. Pois bem, respondi eu, meu tio é rico bastante para que me deixe uma excellente fortuna, alem de que a mezada que elle me dá é de sobejo mesmo para dois, consequentemente se tu queres... vem viver commigo, só commigo, abandona esse homem a quem só te liga o interesse, abandona-o sem receio, e vem ser feliz nos meus braços, esquecida do passado, entregue ao presente, descuidosa do futuro! queres? — Pois sim, fugirei esta noite comtigo; iremos para Lisboa, e quem ha de ir descobrir-nos!?! — Seja assim, Carlota, mas ao menos quero que reconheças o que vou fazer por ti; despedaçar o meu futuro, enganar meu tio... perder-me, talvez! — Oh! se me tu amasses como dizes, não pensarias assim! Deves saber que o amor não póde unir-se

com o calculo! Olha, queres tu tambem saber o que eu farei por ti—hei de rou... hei de esta noite levar dinheiro que baste para estes mezes: o que eu hei de fazer para o ter, sabel-o-has depois...: e dando-me um beijo languidamente disse-me sorrindo: «Não te esqueças de me esperar á meia noite, á esquina da minha rua. Adeus».

Á meia noite esperei-a, como ajustáramos, ella veiu como tinha promettido; na madrugada d'essa noite partimos para Lisboa. Foi no meio do caminho, que me lembrou que eu pouco dinheiro tinha. Carlota disse-me sorrindo: tenho eu. Nem sequer lhe perguntei quem lh'o havia dado! Foi depois que ella me confessou haver roubado esse dinheiro ao negociante com quem estava!

Chegámos a Lisboa pensando apenas no nosso amor! Cá temos vivido e de dia para dia tem diminuido a minha alegria. Agora perseguem-me lembranças penosas e pungentes. Lembro-me de meu tio, que me julga em Coimbra, de meu tio a quem eu estou enganando vilmente! Lembro-me de Coimbra, do meu quarto de estudo, dos meus livros, dos meus collegas, e tenho saudades amargas, por não dizer remorsos pungentes!

E Luiz encheu outro copo de genebra.

— Pois bem, disse Claudio, accendendo um charuto, confissão por confissão; vou tambem dizer-te uma cousa de importancia: vou casar.

— Vaes...

— Casar.

— Tu?!

— Eu.

— Tu?! Pois é possivel que tu...

— É possivel, tão possivel que já está tudo arranjado, falta apenas a ceremonia: dou-te rasão em te admirares sabendo o meu genio!... Entretanto, quando eu te contar os motivos, has de achar-me justiça; pódes ir um dia d'estes a minha casa?

— Posso; onde moras tu?

— Toma lá um bilhete meu.

— Lá irei.

— A tua mão.

— Pódes apertal-a; é a de um amigo.

— Adeus, não faltes.

— Não.

Claudio saíu do botequim immerso n'alguma melancolia: a historia que Luiz lhe contára impressionára-o. Para se distrahir foi visitar *une bonne amie d'autrefois:* na antiguidade encontra-se ás vezes muita novidade.

Luiz ficou ainda contemplando o terceiro copo de genebra: depois chamou o moço, e deu-lhe um pinto para se pagar; quando elle trouxe a demasia, disse-lhe que a guardasse. O moço dobrou-se todo n'um comprimento, e disse depois de si para si:

— Ahi está um homem franco! Ou tem muito de seu ou mui pouco!

Por este dito do moço se deixa ver que a philosophia póde existir até n'um servente de botequim!

II

Estamos em casa de Claudio de Mendonça; estamos até no seu quarto, estamos até na vespera do seu casamento.

São cinco horas da tarde: Claudio estava escrevendo, quando um creado o preveniu da visita do seu amigo Luiz de Lima.

— Oh! tu por cá, Luiz! Estimo bem; estava escrevendo por não ter em que me entreter: olha, se tu soubesses o que eu estava escrevendo... rias-te.

— Eram versos? perguntou Luiz sorrindo melancolicamente.

— Não; é uma carta a uma mulher! Na vespera do meu casamento é alguma cousa immoral! Oh! mas está soffrivelmente escripta, tem até bastante philosophia; já me lembrou publical-a, fazendo a advertencia da occasião em que foi escripta... talvez me alcançasse celebridade! Queres que t'a leia?

— Porque não?!

— Ora ouve.

Claudio travou do papel em que escrevia, recostou-se mais á sua vontade, e leu a seguinte carta:

«Emilia: — Perguntaste-me a noite passada nos corredores de S. Carlos se era verdadeiro o boato de eu me casar; não te pude responder, porque ías acompanhada de um deputado e receiei comprometter-te com o governo; vou agora explicar-te tudo. Fui teu amante ha tres annos, amei-te o mais que me é possivel amar, alguma cousa, e tu, a fallares verdade, amaste-me muito durante vinte e nove dias, trocaste-me no trigesimo por um estudantesinho, de quem gostaste no primeiro dia, de quem te aborreceste no segundo e a quem largaste no terceiro para te unires a um fidalgão de provincia; de então para cá ficámos amigos; mas tu começaste a evitar encontrar-te commigo; não tinhas rasão: nunca te quiz mal; tenho até estimado ver a maneira feliz por que tens caminhado: contas já na lista dos teus amantes os nomes mais illustres que por ahi ha: dou-te só os sentimentos por começares a fazer-te velha; para te fallar com franqueza aviso-te que te notavam hontem em S. Carlos os que entendem de pintura, que tinhas côr na cara: tinhas, não é verdade? Emquanto á pergunta que me fizeste de relance, vou responder-te. Para mim,

como tu sabes, a vida é um calculo, a felicidade um problema que eu tenho resolvido a meu modo: andar no mundo sem fazer figura, isso não: ora, para figurar é preciso dinheiro, e a minha fortuna não é bastante solida para que eu possa firmar-me n'ella sem cuidados, sem receios, sem cogitações. Andei tres dias a indagar as viuvas ricas que ahi havia no grande mundo, fiz um catalogo, tentei conquistar todas, não conquistei nenhuma! Todas me achavam defeitos! Uma entendia que eu era alto de mais, outra que era mal encarado, outra que eu tinha um bigode demasiadamente negro, outra que eu valsava com desmedida velocidade, outra que dansava devagar de mais; emfim fui repulsado unanimemente! Lancei-me então ás solteiras; ahi o campo era mais vasto, o terreno menos exigente, o caminho menos perigoso. Lancei a vista sobre todas as pombinhas a quem ía disparar o tiro, e fiquei deslumbrado: ali não havia o olho de lynce das viuvas, nem o seu modo desconfiado, nem a sua conversação estudada, nem as suas paixões calculadas: ali era tudo ingeleza, confiança, ingenuidade! Era aquelle o mundo que me convinha! É verdade que para ellas nunca fui o mesmo homem que para as viuvas. A essas fallára-lhes de bailes, de theatros, de romances: a estas fallei-lhes unicamente de amor! Nas segundas não encontrei metade das exigencias que encontrei nas primeiras! Estas não me inven-

tavam defeitos, e esqueciam os que eu tinha; contentavam-se com uma palavra terna, com uma vista meiga, com um aperto de mão expressivo! Namorei talvez trinta ao mesmo tempo, e todas ellas o seu mais fervido desejo era casar commigo! Tive sempre uma fortuna: foi não me apaixonar, e olhar para todas com olhos frios de calculo! Havia apenas uma barreira que se erguia, quasi sempre, entre os meus sonhos e a sua realisação: as manãs ou os papás! Essa difficuldade achei-a finalmente cortada na base: encontrei uma menina que já não tinha pae nem mãe. Era isso o que justamente me convinha. Essa menina estava sob o poder de uma tia velha, que lhe queria do coração; fiz os meus planos, meditei e lancei-me á obra; duas semanas depois já ella dizia á tia que se não casasse commigo morreria infallivelmente: estava portanto chegada a occasião de manobrar; apresentei-me, fiz a declaração do meu amor, primeiro á tia, depois á sobrinha, pedi-a em casamento, e, tres dias depois, tive a resposta, que me foi favoravel. Minha mulher tem quinze annos, é linda como um anjo, tem uma fortuna colossal e ama-me loucamente.

«Ámanhã é o dia do casamento.

«Já vês, Emilia, que eu seria um tolo se não aproveitasse a fortuna que me favorece. Desejo-te, exquerida amiguinha, as maiores ventras. — Teu do coração, *Claudio de Mendonça.*»

Depois da leitura Claudio virou-se para Luiz e perguntou-lhe com um leve sorriso:

— Que tal achas?

— Deliciosa! Queres que te diga uma cousa...

— Dize.

— Tenho inveja do teu genio; deves ser um homem feliz!

— Feliz! Julgas tu que a felicidade esteja no esquecimento!?

— De certo.

— E estás na fé que eu me esqueço de tudo?

— De tudo não, — do que te podia affligir.

— Enganas-te; nada me afflige.

— Nunca na tua vida tiveste vontade de chorar?

— Mais alguma cousa — tenho chorado.

— Tu!

— Eu. Oh! não me admira que tu me não entendas, eu mesmo estou persuadido que sou inintellegivel! Luiz, eu tenho sempre a alegria no rosto, e o riso nos labios, o coração tenho-o entorpecido! Senti muito nos primeiros annos da minha vida, é por isso, talvez, que sinto agora tão pouco! Quando eu tinha dezeseis annos amei desabridamente uma mulher de theatro! Dei-lhe mais do que amor dei-lhe adoração! Ella foi tão vil que me acceitou essa paixão ardente e verdadeira como era, e enganou-me traiçoeiramente, trocando-me por um bacalhoeiro rico!

Luiz soltou uma gargalhada sêcca e pungente.

— Tem-se questionado, disse elle, sobre qual era a cousa que agradava mais a uma mulher; têem dito uns ser o talento, outros a valentia, outros a posição. Eu entendo que o que mais lhes agrada é o dinheiro!

— Apre! replicou Claudio sorrindo. Aposto a minha cabeça em como essa expressão é resultado de algum desgosto recente!

Luiz, sem responder, deixou perceber que era verdade o que dizia Claudio, n'um d'esses sorrisos melancolicos que atraiçoam o homem.

— Claudio, disse-lhe elle depois, lembras-te ainda de uma historia que te contei ha dias no café Suisso?

— Lembro-me, sim; tratava-se de uma mulher com quem tinhas fugido de Coimbra, e com quem vivias ainda n'essa occasião.

— Pois bem, é isso mesmo!... uma mulher com quem eu fugi de Coimbra, uma mulher por quem eu cortei o meu futuro, por quem eu despedacei os meus sonhos de gloria, por quem eu me perdi! — uma mulher... uma mulher que me deixou ha um mez!

— Deixou-te?! percebo, é que conheceu que estavas cada vez mais pobre! E admiras-te, hein? pois a mim não me causa o minimo espanto! Eu concordo perfeitamente com um escriptor philosophico que

disse: *On ne devrait s'étonner que de pouvoir encore s'étonner!*

— N'esse mesmo dia em que estivemos no Suisso é que ella se me declarou: disse-me que o amor que me tivera, por isso que fôra fortissimo, não podia ser de muita duração; que nascêra para viver no grande mundo; que tinha sido sempre a fatalidade que a havia arredado d'elle; que então se lhe offerecia occasião de realisar os seus sonhos... e que era impossivel renunciar a realisal-os; que havia um homem riquissimo que a adorava... que lhe offerecia a sua fortuna... e mais ainda, se ella quizesse, que lhe offerecia... a sua mão!... Que tratasse eu de a esquecer, que lançasse um véu sobre o passado, que não me lembrasse d'ella, nem do nosso amor, que amasse outra mulher, que fosse feliz, que era esse o seu desejo! Depois apertou-me a mão em signal de despedida, pediu-me um ultimo beijo meu, lançou um chaile nos hombros, e saíu: esperava-a na rua uma sege, entrou para ella, fez-me um aceno com o lenço... e partiu! Nunca mais soube d'ella.

Luiz chegou á janella para deitar fóra a ponta de um cigarro, depois fez-se pallido, recuou um passo, tremeram-lhe as pernas, embaciaram-se-lhe os olhos e bradou alterado:

— Claudio... Claudio... aquella mulher... n'aquelle caleche... com aquelle homem... ella... ella!

— Ella, quem?!

— Carlota... Carlota de quem fallavamos!...

— Carlota? aquella mulher que vae n'esse caleche?

— Sim.

— Com uma romeira de pelles marthas nos hombros?

— Sim.

— Que vae deitando agora a luneta?

— Sim... sim, essa!

— E chamas-lhe?

— Carlota, é o seu nome.

— O seu nome, respondeu Claudio sorrindo, essa mulher não tem nome.

— Que?!

— Digo-te que essa mulher á força de ter muitos nomes, não tem nenhum: essa mulher foi minha amante, chamava-se Julia, para mim; foi tua, chamava-se Carlota, para ti; tem sido amante de immensos homens, e tem tido um nome para cada um d'elles.

— Queres dizer...

— Quero dizer... que essa mulher... é uma grande rapariga, que se tem chamado Julia, Eugenia, Guilhermina, Adelaide, Carlota... nem eu sei que mais!

— Estás enganado... não a viste bem...

— Estou enganado... pois bem, vê lá se estou. Essa mulher ha de ter vinte e tres annos...

— É verdade.

— É alta, olhos negros, physionomia expressiva...

— Tambem é verdade...

— E tem um dente postiço.

— Malvado! é ainda verdade! então é ella... é ella! Quem seria o homem que ía a seu lado?!

— Algum pobre homem que não sabe com quem vae!

— Quem me dera poder fallar-lhe...

— A quem, a elle?

— Não, a ella.

— Que lhe queres tu dizer?

— Quero... nem eu sei; quero vel-a!

— Vae ao theatro, talvez a encontres.

— Não tenho dinheiro.

— Que tem isso!? tenho eu: toma a minha bolsa...

— Obrigado... não quero.

— És soberbo para mim!? Parecia-me que entre nós...

— Pois bem, acceito.

— Vaes hoje ao theatro?

— Vou.

— A S. Carlos?

— Está claro.

— E ámanhã jantas comnosco, sim?

— Oh! se me dispensasses...

— Dispenso... mas has de vir á noite ao baile?

— Virei.

— Quero apresentar-te a minha mulher, não a viste ainda?

— Não.

— Has de achal-a muito amavel; alem de que, tem a mesma mania que tu, é louca por Byron!

— Devéras?

— Devéras... mas nunca leu outra cousa, não admira!

— Pois bem, até ámanhã.

— Até ámanhã.

Luiz travou do chapéu e saíu.

Claudio ficando só, dobrou a carta que escrevêra, correu-lhe nos labios um sorriso, e disse:

— Luiz está apaixonado... e eu hei de lhe tirar essa asneira da cabeça!... tenho um projecto excellente, divino!

III

É a noite do baile.

Claudio casára, de manhã; mas, apesar de ser marido havia poucas horas, começava já a operar-se n'elle uma mudança notavel, ía já tomando uma physionomia severa, um olhar aborrido, um porte de marido; sua mulher, D. Maria, essa estava alegre e feliz; de quando em quando approximava-se de Claudio, e perguntava-lhe anciosamente:

— Tens alguma cousa?

— Eu? respondia Claudio sorrindo, não tenho nada, absolutamente, meu amor.

São dez horas da noite; o baile começa a tomar calor.

Um creado annuncia.

— O sr. Luiz de Lima.

Claudio vae até á porta, trava da mão de Luiz, aperta-a com affeição, e vae-o levando até á presença de seu pae e de sua mãe.

— Apresento-lhes, diz elle, o meu amigo Luiz de

Lima, de quem lhes tenho fallado por tantas vezes: depois, virando-se para Luiz: Meu pae, acrescenta elle, e minha mãe.

Jeronymo de Mendonça e D. Gertrudes, que assim se chamavam os paes de Claudio, comprimentam com agrado o amigo de seu filho.

Jeronymo de Mendonça é um homem de cincoenta annos, pouco mais ou menos; é um tanto rustico, talvez em consequencia de ter passado grande parte da sua vida no campo, entregue á lavoura. O seu rosto é pouco expressivo, custosamente até se póde por elle decifrar alguma cousa do seu caracter; a fallar, comquanto não seja eloquente, não diz asneiras; os seus poucos estudos não lhe permittem fallar de muita cousa; apenas em mathematica se dá o caso contrario. Desde dezoito annos que é negociante; para elle o amor é uma palavra sem significação; casou porque seus paes lh'o aconselhavam, tendo sempre em vista a conveniencia. Hoje está senhor de uma fortuna rasoavel, e gosa dos melhores creditos.

D. Gertrudes Peixoto, sua mulher, tem, talvez, quarenta e dois a quarenta e tres annos; a arvore da sua familia tem alguma nobreza; é uma senhora com alguma instrucção: lê romances por vicio e gosta de versos por ostentação; baba-se por seu filho, e é a ella que elle deve não ter passado de philosophia, e ser janota desde os doze annos!

Feita a apresentação, Claudio tomou ainda Luiz pela mão, e disse-lhe com um sorriso:

— Agora... vou apresentar-te a minha mulher.

E foi levando Luiz até á presença de D. Maria, que recebia os comprimentos dos convidados.

— Apresento-te, disse-lhe elle, o amigo que ainda ha pouco te recommendei, o meu caro Luiz de Lima...

Luiz inclinou-se respeitosamente, D. Maria fez-lhe um comprimento gracioso com a cabeça; estava ainda tão pouco affeita ao mundo, que nem sequer se atreveu a dizer-lhe cousa alguma.

Claudio inclinou-se, e disse ao ouvido de sua mulher:

— Verás que has de concordar commigo, é um rapaz de immenso talento, é melancolico como Eurico, faz versos deliciosos, e... e é louco por Byron: conversem... conversem; e deixou Luiz com D. Maria.

Luiz encostou uma das mãos ás costas da cadeira de D. Maria, e travou conversação por algumas palavras banaes. D. Maria respondia-lhe com agrado, mas com comedimento: fallaram primeiro de bailes, D. Maria adorava a dansa.

— A vida, disse ella sorrindo, era uma cousa excellente se fosse possivel passal-a toda dansando!

— É louca pela dansa, retorquiu Luiz.

— E pela musica...

— E de versos... não gosta?

— Se gosto! Mas tenho lido tão poucos! Apenas quando saí do collegio pude haver um livro de poesia, e que poesia aquella! eram as obras de Byron!

E ao pronunciar aquelle nome, aquelle nome a que anda unida a idéa de tanto martyrio e de tanta dor, humedeceram-se-lhe os olhos de lagrimas, e deixou pender a fronte melancolicamente.

— Oh! Claudio tinha-me já prevenido de que v. ex.ª era enthusiasta por Byron...

— E a mim, respondeu D. Maria com um leve sorriso, preveniu-me do mesmo a seu respeito: é verdade?

— Se é! Byron é o maior poeta que tem existido!

— Feliz da Grecia, que recebeu no seu seio o ultimo grito d'aquella alma tão grande!

— A poesia... é um grande pasto para o coração...

— Mas não o enche completamente...

— Que lhe falta então?

— O amor, respondeu Luiz tristemente; e, porque seria? tremeram-lhe os labios quando deu essa resposta.

D. Maria não disse nada, ía a levantar os olhos para Luiz, mas moveu-se e baixou-os: um momento depois perguntou com voz tremula:

— Onde estará Claudio?

Luiz correu com os olhos a sala, e divisou Claudio de pé, encostado a uma janella, com a vista pregada n'elle: ainda que a sua consciencia nada lhe arguisse, Luiz ficou impressionado pelo olhar fixo de Claudio, foi ter com elle, e disse-lhe com voz um pouco alterada:

— Tua mulher perguntou por ti.

Claudio respondeu-lhe sorrindo:

— Devéras? eu lá vou: mas dize-me, então que achas d'ella?

Luiz ficou como petrificado.

— Não ouves? pergunto-te como a achas?

— Eu... oh! uma menina... uma menina adoravel...

— Realmente?

— Juro-t'o.

Claudio chegou até D. Maria.

— Perguntaste por mim.

— Sim, não te via... por isso...

Claudio perguntou-lhe:

— Então?

— O que?

— O que achas de Luiz?

— Oh!

— Um rapaz amavel, de talento, não é assim?

D. Maria respondeu, tremendo-lhe a voz:

— É...

— Falla perfeitamente, é um verdadeiro *gentleman*, não achas?

— Sim... faz um calor n'esta sala!

Luiz tomou um refresco de uma bandeja, e offereceu-o a D. Maria; esta encarou Luiz, travou do copo, e sem reparar deixou-o caír das mãos.

— Caíu-te o copo, disse Claudio sorrindo, estavas pensando n'alguma cousa que...

— Eu! acudiu D. Maria fazendo-se pallida.

— No baile talvez? ah! começa a valsa, vamos, e acrescentou ao ouvido de Luiz: advirto-te que minha mulher é louca pela dansa, eu disse-lhe que tu eras um perfeito homem do mundo... não me deixes ficar mal: depois d'esta valsa... vê como te portas. E estendeu a mão a Luiz.

Luiz estendeu-lh'a tambem.

Claudio disse então sorrindo e entre dentes:

— Bem, vae tudo perfeitamente; bem digo eu, foi um plano delicioso!

IV

O baile terminou: são tres horas da noite; os convidados abandonaram as salas.

Claudio quando entrou no seu quarto travou de uma cadeira, que offereceu a D. Maria, depois puxou outra para si, e disse-lhe:

— Concede-me alguns momentos de attenção?

D. Maria, comquanto entendesse que a occasião era mal escolhida, respondeu comtudo, sentando-se:

— Concedo.

Claudio esfregou os olhos, recostou-se e começou assim:

— O que lhe vou dizer, Maria, nem podia ter sido dito mais cedo, nem a minha consciencia permitte que seja dito mais tarde: é esta a occasião opportuna. Tenho vinte e quatro annos, Maria; tenho sempre vivido no mundo, tenho-o até profundado, e estou quasi a ter a vaidade de lhe dizer que me

parece conhecel-o: o mundo, Maria, por mais que se lhe dissesse d'elle, não poderia fazer idéa nem de metade do que elle é; bom ou mau, está assim formado, que remedio senão sujeitarmo-nos á sua organisação e ás suas exigencias! Eu amei uma vez na vida e no começo da vida. Esses amores são perigosos: deixam sempre estragos e decepções! Para compensar o primeiro amor de um homem ha apenas, li eu já, não sei onde, o ultimo amor de uma mulher! Fui enganado e soffri... soffri muito! Depois seccou-se-me a alma, entorpeceu-se-me o coração, parou-me o sentimento; fiquei frio, impassivel: abraçára até ahi o sentimento, desde então abracei o calculo. Oh! acredite, Maria, para se chegar a este estado em que eu estou soffre-se muito, gosa-se muito pouco; para aos vinte e quatro annos se descrer de quasi tudo, duvidar de tudo, é preciso que o scepticismo se tenha alcançado por uma estrada de dores e de maguas. Até aos vinte annos, se alguem me fallasse em casar, ouviria apenas de mim uma gargalhada! E, entretanto, estou casado. Maria, quando pedi a sua mão jurei a sua tia de não a fazer infeliz: de a fazer feliz... isso não jurei! Cumpre-me dar-lhe algumas explicações ácerca do meu caracter: se tem somno, diga.

Maria sorriu tristemente, e disse com voz fraca:

— Continue.

Claudio metteu os dedos pelos cabellos, traçou

uma perna sobre a outra, recostou-se ainda mais, e proseguiu:

— Fui extravagante até aos vinte annos, fui doudo até aos vinte e tres, e agora sou apenas gastador; tenho mau genio; não gosto que me contradigam, sou indulgente, fui muito curioso, hoje não o sou absolutamente nada: não gosto que me questionem, e não soffro de modo algum que me vigiem ou que se importem com o que eu faço; não sei se me percebe bem, não soffro de modo algum que me vigiem ou que se importem com o que eu faço: ouviu bem, Maria?

D. Maria tinha quinze annos, como dissemos; nunca na sua vida fallára dez minutos a sós com um homem: estava, pois, duplicadamente petrificada, já por essa alteração, já pelas palavras frias, pungentes e severas de Claudio: quando elle lhe perguntou se ouvíra, teve vontade de chorar, mas lembrou-se que já acabára o seu tempo de creança, que estava agora já uma senhora, e que devia portar-se como tal: respondeu-lhe tambem com frieza.

— Ouvi perfeitamente.

Claudio começou a descalçar as luvas, e disse-lhe sorrindo:

— Que achou da minha confissão?

— Eu...

— Achou-a franca, não é verdade?

— É.

— Não lhe parece que fiz o meu dever fazendo-lh'a?

— O seu dever... não!

— Então o que?

— Foi excesso da sua cortezia.

Claudio travou da mão de D. Maria e levou-a aos labios: estava fria; escorregou-se-lhe então pelos labios um sorriso, e disse de si para si:

— Bem; não me ama.

V

Luiz de Lima era filho de um major de artilheria, que desposára á força uma menina que seduzíra; D. Marianna, que era este o nome da mãe de Luiz, era uma menina de optimo nascimento, que logo no seu primeiro amor topára com um homem que a queria enganar; amára esse homem como se ama pela primeira vez: amára-o louca e cegamente! N'um momento de paixão cedêra-lhe; depois é que ella mediu bem o que fizera; seus parentes obrigaram-na a dizer tudo, a innocente confessou-o mais como um desafogo do remorso, do que como um queixume da dor. O homem que tentára perdel-a encontrou mallograda a sua tentativa, obrigaram-no a desposal-a.

Luiz de Lima cedo ficou privado dos laços paternaes: entrou muito novo no mundo, e muito novo recebeu as suas decepções: acostumou-se a soffrer

desde creança; para elle o soffrimento era já um habito: entretanto Luiz de Lima era poeta, e a alma de um poeta, ainda mesmo quando é trespassada pela descrença, tem sempre algum raio de illusão que lhe mitiga o pezar.

Luiz tinha um livro onde costumava escrever todas as noites os acontecimentos notaveis que tinham tido logar com elle durante o dia: vamos revistar o que dizem essas paginas desde o dia 8 de abril, em que tiveram logar as scenas do capitulo IV até ao dia 19.

Jornal dos acontecimentos de Luiz de Lima — 8 de abril: — Fui hoje apresentado á mulher de Claudio; D. Maria recebeu-me perfeitamente, mas mostrou um certo acanhamento, uma insciencia do mundo, que ainda a torna mais recommendavel: ao principio fallámos de Byron, ella é louca por esse immortal poeta, depois a conversação caíu pouco a pouco sobre amor; eu não quizera fallar-lhe a esse respeito, mas impellia-me a fazel-o uma força ignota, poderosa: D. Maria pareceu perturbar-se, eu tambem achei-me n'um estado de confusão que nem me recordo bem do que se passou! O que sei é que D. Maria caíu-lhe o copo da mão quando lhe offereci um refresco: porque seria? Quem sabe se... que loucura!

9 de abril: — O fundo das illusões é sempre tão amargo, que tenho medo de mergulhar n'ellas! En-

tretanto tudo me impelle a que supponha que... não, mil vezes.

Maria estava hoje tão bella! O olhar parecia perder-se-lhe no infinito! A bôca triste e pallida, e aquelle sorriso que parece que não a ha de deixar nunca, nem alem da vida! Linda mulher! Quando me appareceu similhou-se-me que se alterára, e eu tambem senti uma impressão, que se diria que... Claudio é feliz! Se eu podesse descansar a cabeça, que me arde, no peito de uma mulher onde batesse um coração por mim, que me importavam alguns soffrimentos amargos que o amor de uma mulher póde eclipsar!? E então o amor de Maria! Oh! Claudio é feliz. Se é!

10 de abril. — São onze horas da noite: suffoca-se-me o coração, arde-me a cabeça, batem-me desabridamente as arterias, soffro muito, amo Maria! e ella? oh! meu Deus, que torturas! Desejo que ella me ame porque o meu amor precisa do seu, e desejo que ella me não ame, porque o contrario seria atraiçoar Claudio! Mas para que insta elle commigo em que eu frequente muito a sua casa?! oh! é impossivel continuar a frequental-a — é impossivel!

12 de abril. — Tenho passado dois dias horriveis! O meu coração diz-me que vá ver Maria, a minha honra exige-me o contrario: ah! maldito de mim!

13 de abril. — Claudio veiu hoje procurar-me julgando que eu estava doente, deixei-o ficar n'essa

supposição, mas não pude esquivar-me a prometter-lhe ir ámanhã a sua casa; quizera não ir, mas o meu coração não m'o permitte — irei.

14 de abril. — É o destino que me perde, é a fatalidade que me persegue. Tinha promettido a Claudio ir hoje a sua casa, e... não pude faltar! Claudio tinha saído, appareceu-me só Maria. Descrever o que eu senti quando a vi, após dois dias de ausencia, não seria facil. Maria alegrou-se quando me viu; o tom com que me perguntou se já estava bom, nunca me esquecerá: e quando lhe respondi affirmativamente, que expressão que tomou! Tinha-me pedido que lhe mostrasse versos meus, para que os quereria ella ver? Recusei-me a fazel-o, hoje travou do seu album, e ordenou-me que escrevesse n'elle alguma cousa; era-me impossivel dizer que não: mas que lhe havia de escrever sem me trahir? Peguei na penna e escrevi immediatamente os versos que se seguem:

Pedis-me versos, senhora,
Não sei se versos farei!
P'ra que dizer o que sinto?
Basta soffrer... o que eu sei!

Não vos hei de aqui'stampar
Lugubre canto de dor...
E prefiro antes calar-me
Do que fallar-vos... d'amor.

Maria travou do album, e leu os meus versos

com crescente perturbação, depois ergueu os seus lindos olhos para mim e disse-me em ar de reprehensão:

«Estes versos... para que m'escreveu aqui estes versos, senhor?

E arrancou a folha do album, mas não a rasgou: dobrou-a e escondeu-a na mão: eu não pude vencer-me, caí de joelhos ante ella, e disse-lhe com enthusiasmo:

«Obrigado, oh! muito obrigado! se rasgasse essa folha, rasgava-me a alma, porque n'esses versos está a minha alma inteira...

E beijei-lhe a mão soffregamente: então Maria, com uma voz fraca e languida:

«Levante-se, disse, olhe que me perde...

«Oh! respondi-lhe eu, se soubesse, se podesse suppor o amor que lhe tenho, perdoar-me-ía não ter podido vencer-me a suffocar no peito esta paixão que m'o devora! Oh! Maria... Maria... uma palavra de amor... uma só, e eu serei feliz!

«Feliz, disse-me ella severamente reprehensiva, então quer a sua felicidade a troco da minha desgraça?

«Perdoe-me: as minhas palavras são loucas, porque a minha rasão está desvairada: perdoe-me, quando se ama como eu a amo tão loucamente, falla-se como eu fallo, tão loucamente tambem. Maria... Maria, diga-me só que me ama...

«Luiz, o meu silencio diz-lhe mais que quantas palavras eu lhe dirigisse... entretanto peço-lhe por quanto ha que se retire, que deixe de vir a esta casa, que julgue tudo isto um sonho... Parta, peço-lh'o encarecidamente...

«Partir!?! e lembra-se de similhante cousa! Partir! quando eu a amo, quando me ama tambem?! Partir! renunciar á felicidade que se me apresenta, renunciar ao seu amor!

«Ao meu amor... e se eu lhe dissesse, Luiz, se eu lhe jurasse que o amarei sempre, ainda que ausente...

«Ainda assim, ainda assim é impossivel! Se quer a minha morte... então...

«A sua morte!? e pergunta-me se a quero, eu que por si esqueço os meus deveres, esqueço tudo! Oh! mas pense bem, senhor, veja que Claudio é seu amigo... que póde desconfiar, vir a saber tudo... Oh! veja que se perde e me perde a mim...

N'isto ouvimos passos, era Claudio que voltava: Maria empallideceu, quiz dizer-me alguma cousa, mas não pôde, faltava-lhe a força para fallar! Claudio entrou! vinha com o seu ar prazenteiro e descuidoso, estendeu-me a mão amigavelmente e perguntou-me:

«Estás bom completamente?

«Estou: e tu, que tens feito?

«Eu, fui á camara dos deputados pela primeira

vez na minha vida! e, beijando a mão a Maria que lh'a deu petrificada, acrescentou, isto é já uma prova de que começa a minha conversão!

Maria sorriu-se levemente; emquanto a mim estava n'um estado de incommodo terrivel; todo o meu desejo era retirar-me d'ali, a presença de Claudio torturava-me horrivelmente: pensei um momento no crime que commettia atraiçoando-o a elle tão meu amigo e estive quasi a trahir-me; mas D. Maria prescrutava os meus menores movimentos, e lançava-me de vez em quando uma vista severa que me aterrava.

Claudio instou commigo, para que jantasse com elles, mas recusei-me, tive medo de mim, e ainda mais medo tive, porque agora sei que Maria me ama tambem. Será o amor de Maria uma felicidade para mim, ou uma desgraça?

VI

O amor tem sido um ponto gravemente debatido pelos poetas: têem-lhe chamado por differentes nomes, têem-lhe attribuido diversos caracteres, tem querido definil-o, explical-o, e o amor ficou sempre sendo o que era, tendo o nome que tinha, e indefinido como estava; Claudio tambem tinha querido explicar o amor, mas essa tentativa fôra feita na crise de uma paixão vigorosa, e de mais a mais aos dezeseis annos! Claudio dizia de si para si que tinha a seu favor uma grande circumstancia; se algum homem podia explicar o amor era de certo aquelle que o sentia, e Claudio sentia-o, e muito; mas era o contrario do que elle pensava; mesmo por elle o sentir immensamente é que lhe era impossivel explical-o, ou definil-o; contentou-se então em chamar-lhe uma illusão suave.

Aos vinte e quatro annos perguntou-lhe um dia

um amigo o que entendia elle por amor; Claudio respondeu-lhe sorrindo, — uma estrada para se chegar ao sitio em que se vê o mundo como elle é.

— Então, perguntára-lhe o tal amigo, ama-se apenas uma vez na vida?

— Conforme: ha alguns que param de vez em quando.

— Tu, por exemplo.

— Eu, respondeu Claudio, andei já toda a estrada; e, depois de se ter chegado ao fim, ninguem se lembra de começar novamente a jornada; é que ella não é das melhores.

— D'esse modo estás persuadido, que já não has de na tua vida ter amor?

— Estou.

Claudio tinha quasi vinte e cinco annos, havia portanto pouco tempo que elle tinha dado essa resposta: entretanto realisa-se com elle o proverbio: *Ninguem diga d'esta agua não beberei;* e a prova é o que se segue.

Claudio disse por vezes, concentrando-se n'uma alegria immeditada: Foi um excellente plano este meu! No principio estas palavras saíam-lhe tão ligeiramente dos labios, que bem se deixava ver que eram a expressão fiel do que elle sentia: ao pronuncial-as brilhavam-lhe os olhos de prazer e escapava-lhe um sorriso absolutamente espontaneo: a pouco e pouco começou a desamparal-o mais essa alegria,

e no vigesimo dia depois do seu casamento Claudio recolheu-se, contra o seu costume, ás dez horas da noite, entrou para o seu gabinete sob pretexto de escrever uma carta de importancia, deu volta á chave, preveniu que o não incommodassem por cousa alguma d'este mundo, foi sentar-se a uma mesa, para onde mandára ir uma garrafa de aguardente de França, encheu d'ella um copo de prata, lançou-lhe fogo, accendeu um charuto, encostou os cotovellos á mesa e a cabeça ás mãos, e ficou immerso n'uma melancolia sepulchral. Alguns momentos depois Claudio, como lhe parecesse luz de mais a que o alumiava, apagou a de uma véla de cera que esclarecia a casa, e ficou reduzido á luz incerta, duvidosa e tremula que a chamma da aguardente de França espargia espreguiçando-se. Por cima da sua cabeça estava um retrato de mulher; a chamma reproduzia-o na parede como phantasticamente, e essa sombra, que ondeava balbuciante em frente de Claudio, fazia-o soffrer ainda mais: o retrato era o de sua mulher.

— Sim, dizia Claudio, com voz fraca e alterada, faltava ver-te em sombras para te ter visto de toda a maneira! Em sonhos... em devaneios, em illusões, em realidade, em sombras! Oh! Meu Deus! meu Deus!

E escondeu a cara com as mãos, tapou os olhos para não ver, e ainda assim viu, viu como d'antes,

talvez que ainda peior! Fechou os olhos, cerrou-os com todas as suas forças e ficou sempre vendo! De repente ouviu uns sons divinos que o fizeram estremecer: era Maria que estava tocando ao piano, e que cantava, para se distrahir, uns tristes versos de amor: fazia lembrar a ingenua Margarida do Fausto, descantando melancolicamente a sua canção favorita:

Il était un roi de Thulé
A qui son amante fidèle
Legua comme souvenir d'elle
Une coupe en or ciselé.

Claudio ouviu aquella voz... ouviu-a e brilharam-lhe os olhos com uma expressão diabolica; prestou attenção e escutou esses versos:

Pobre creança perdida!
Entretida
Brincavas no teu jardim!
Só t'importavam as rosas
Que radiosas
Desabroxavam para ti!

Sorrias-te para as estrellas
Que, tão bellas,
Te estavam sempre a invejar!
Vias-te ao luar nas aguas
Sem ter maguas,
Nem cuidados, nem pezar!

Vivias feliz, isolada,
Retirada
D'este mundo falso e vão:
Donzella, foram matar-te
Em tirar-te
O socego, a solidão!

Pobre lyrio amargurado,
Espesinhado,
Triste, secca, murcha flor!
Pobre rosa desfolhada,
Fanada
Pelos prantos, pela dor!

Os ultimos versos cantou-os Maria com voz tão fraca que mal podiam ouvir-se; mas deu-lhes uma expressão tão sentida, que Claudio estremeceu de raiva: a aguardente de França estava já quasi queimada, e a chamma era já mais frouxa e ainda mais incerta. O retrato apparecia agora na parede puramente com as fórmas de um phantasma! Claudio fez um esforço sobre si e olhou fixo para a sombra; então arripiaram-se-lhe os cabellos, bateram-lhe desabridamente as arterias, pulsou-lhe o coração com immensa força, quiz fechar os olhos e não pôde, quiz gritar e não lhe foi possivel! A aguardente de França queimou-se finalmente, e a chamma extinguiu-se: com ella serenou mais tambem a agi-

tação de Claudio: a escuridão cercava-o, e concentrou-se de bom grado no silencio consolador das trevas.

Maria tinha já acabado de cantar; mas ainda esvoaçava com os dedos no piano e soltava ainda sons divinos. Claudio não pôde renegar de ouvir aquelles sons: destapou os ouvidos e escutou; a harmonia era agora mais doce, mais branda, mas impressionava ainda mais: Maria repetiu com voz debil os tres versos

Pobre rosa desfolhada,
Fanada
Pelos prantos, pela dor!

—Fanada, disse Claudio dolorosamente; fanada, pobre rosa na flor da vida! fanada e por mim! Oh! desgraça... desgraça!

Calou-se tudo. Maria cessou de cantar e fechou o piano: o silencio reinou depois com toda a sua magestade.

—Quiz salvar-me e perdi-me! disse Claudio. Entendi que podia manobrar a meu grado com dois corações de creanças e enganei-me! Aposto que Luiz ama já Maria! Tenho medo de pensar que Maria ama Luiz! E se assim fosse?! De quem era a culpa senão minha?! Julguei conhecer os corações dos outros, e comecei por me enganar com o meu! Oh! meu

Deus! meu Deus! Para que o determinastes vós assim?! Oh! é a desgraça que me busca! é a fatalidade que me persegue! Julgava a minha alma secca para todo o affecto, o meu coração cerrado para todo o amor, e, tenho até medo de o dizer, amo Maria! Ah! Então para que se diz que se ama apenas uma vez na vida? Para que se diz que o amor é uma illusão de creança?! Oh! Fausto, Fausto... tambem tu duvidavas do amor, e tambem tu amaste com todas as forças da tua alma! Eu amei em tempo louca e desenfreadamente; entretanto agora amo com um amor mais forte e mais temivel: é que n'uma idade ama-se apenas com o coração, e n'outra ama-se com o coração e com a cabeça. Maria amava-me, e eu enganei-a! Disse-lhe que lhe tinha amor e nunca lh'o tive! O amor de uma mulher como Maria é a maior aureola para a gloria de um homem! Portei-me mal! Comprei a alma de um anjo a troco de um affecto fingido: agora odeia-me ou despreza-me ella, a troco d'esse affecto que eu lhe fingi! Até aqui tinha a certeza do amor de Maria, e brincava com esse amor: agora que ella já me não ama, adoro-a eu desabridamente! É assim o homem! Se se lhe curvam, eleva-se; se se elevam, então curva-se! Maria é um anjo! Se é! A sua belleza é de enlouquecer! a sua candura é de arrebatar! Oh! o seu amor... o que não daria eu pelo seu amor?! Se já fosse tarde... Esta idéa é horrivel! Não. É impossivel!...

Maria ha de amar-me ainda... ha de! Mas se já não podér!... Oh! meu Deus! meu Deus! Entretanto a culpa é unicamente minha. Nem posso ter ao menos o allivio de me queixar de alguem! O que fiz eu para agradar a minha mulher? Quasi nada! Apresentei-me, fallei-lhe de amor, jurei-lhe serem verdadeiras as minhas palavras, e ella acreditou-me. Então se lhe disser agora que estou louco por ella, agora que eu fallo verdade, não tem ella mais rasão para me acreditar?! Mas se já fosse tarde... se ella já amar Luiz de mais para poder esquecel-o! Oh! É que então... então, tenho até medo de mim! Tudo... tudo, menos amar uma mulher e ver que ella ama outro! Tudo, menos a vergonha!

Dizendo isto, Claudio accendeu a luz; no estado terrivel em que elle se achava, tinha agora precisão de claridade, como ha pouco tivera necessidade de trevas. Diante d'elle estava um livro aberto: Claudio lançou a vista sobre elle e leu o que se segue:

«Morrer! Que importancia que vós ligaes a isso, amigo Williams! Morrer é uma cousa tão natural! E então tendo na vossa mão escolherdes o genero de morte que vos aprouver! É excellente! Ora vêde; podeis asphyxiar-vos, se vos parecer bom, mas isso na minha opinião é uma morte de homem estupido; podeis deitar-vos ao Tamisa, mas é morrer muito

vulgarmente; podeis despedaçar os miollos com uma bala, mas expondes-vos a ficar torturisado e defeituoso, no caso de falhar; podeis finalmente suicidar-vos a pouco e pouco e quasi sem que deis por isso, podeis engolfar-vos no prazer, mergulhar-vos na orgia, submergir-vos no vicio; podeis matar-vos em festas, morrer gosando sempre; e não será isto melhor do que viver, vivendo infeliz, consumindo no peito algum amor muito forte, ou suffocando na alma algum remorso muito pungente?!»

Claudio deixou de ler, encostou a cabeça a uma das mãos, e disse com um ar de homem que medita:

— Schelley diz bem: ha casos em que a morte é o unico meio de deixarmos de soffrer muito; e o poeta tem ainda rasão, morrer é uma cousa immensamente natural, todo o homem tem na sua vida uma occasião em que devia morrer; a morte lava muita nodoa, risca muito crime, apaga muito odio, póde mesmo evitar a deshonra; a morte é a ultima esperança com que o homem se acalenta quando desgraçado, descrente, maldito, nega ou duvida de tudo quanto ha; quando, sem ter a cabeça de um amigo que o comprehenda, ou o coração de uma mulher que o ame, se vae entregar de bom grado ao socego do sepulchro! Então não se pensa em — depois —: quando se chega a esse estado de descrença está-se persuadido que tudo acaba no tumu-

lo; foi n'uma d'essas crises de decepção que Camillo escreveu:

A morte vejo-a de perto
O sepulchro aberto está;
Alem da campa o que é certo
Ninguem o diz nem dirá.
É cruel esta incerteza,
Mas eu morro na firmeza
De que tudo acaba ali!...
Já puz na campa o ouvido,
E ao cadaver corrompido
Nem um gemido lhe ouvi.

Claudio ficou por algum tempo entregue a uma melancolia profunda: ouviu um relogio dar horas; escutou — era meia noite.

— Meia noite, disse elle agonisantemente, pois é só meia noite? pois passaram só duas horas desde que vim para aqui! E entretanto escalda-me a fronte, pulsam-me furiosamente as arterias, tenho calor, frio, tenho febre! oh! meu Deus... meu Deus!

Em seguida tomou uma resolução repentina, e:

— Ámanhã, disse elle, ámanhã decidir-se-ha da sorte de todos tres: na crise em que estamos, as nossas existencias acham-se encadeadas! Maria ha de amar-me, esquecer Luiz; ha de: emquanto a elle... partirá: farei com que se ausente d'aqui... que vá para longe... para muito longe, onde não possa saber d'ella, onde faça por esquecel-a: te-

nho bastantes relações, farei por lhe assegurar um futuro brilhante, cheio de esperanças, de brilho, de gloria!

Ao pronunciar esta ultima palavra, Claudio sorriu-se amargamente.

— A gloria, disse elle, chimera de creança, sonho vão do homem! o que é a gloria? esse vulto phantastico, brilhante e poetico, que sempre se concebe, mas quasi nunca se realisa! bem disse Victor Hugo:

La gloire est vite abattue;
L'envie au sanglant flambeau
N'épargne cette statue
Qu'assise au seuil d'un tombeau!

N'esta occasião ouviu o ruido de carruagens que passavam pela rua: tinham acabado os theatros.

— Boa noite, boa noite, ó vós que passaes! para vós outros a vida é o prazer, o ruido, a festa! Tambem eu fui assim! suffocae-vos no ruido como eu me suffoco no silencio; pedi ao mundo a felicidade assim como eu a peço á solidão! passae... passae, ó turbas! boa noite, boa noite!

Claudio ergueu-se, travou do castiçal, apagou o charuto que estava fumando, e dirigiu-se para o seu quarto: achou Maria sentada á borda do leito desatando os cabellos negligentemente.

— Tardaste tanto, disse Maria, estiveste a escrever?

— Eu?... estive... a escrever, estive: tens os olhos tão vermelhos!

— Vermelhos! é engano.

— Não é: tu choraste, Maria; ora dize, não choraste?

— Não.

— Para que é negar, se eu o estou vendo? Maria... Maria... tu soffres?

— Eu! soffrer! nada absolutamente; não me vês sempre alegre... feliz...

— Feliz! oh! Maria... tu estás mentindo! tu não és feliz...

Arrasaram-se-lhe a ella os olhos de lagrimas, e disse com voz suffocada:

— Sou; então porque não havia de o ser?

Claudio deixou caír a cabeça sobre o peito, e disse de si para si:

— Ámanhã hei de dizer-lh'o. Qual será o resultado de tudo isto, meu Deus? oh! foi um plano maldito, o meu!

VII

Claudio tinha, como se acaba de ver, formado uma resolução firme de revelar a Maria o amor que lhe tinha agora: fazia-o apenas recuar, uma idéa, se Maria teria já amor a Luiz; se Luiz amaria já Maria! N'esse caso havia apenas um meio, ou antes um fim, e era inevitavel essa medida arrojada: a morte de todos tres!

Lembrára-lhe tambem que era um atrevimento desabrido esse, de dispor da vida de dois entes que nada tinham feito com espontaneidade para merecerem a morte! Lembrára-lhe Deus que o puniria, lembrára-lhe aquella mansão tão bem descripta por Dante, aquella mansão terrivel a que se chama inferno, e pareceu-lhe ver no espaço em letras de fo-

go os versos sinistros que o poeta puzera como inscripção á entrada d'elle:

Per me se va n'ella città dolente!
Per me se va n'ell'eterno dolore!
Per me se va tra la perdutta gente!
.....
Lasciate ogni speranza—ó voi ch'entrate!

Pensou por algum tempo n'isso, depois riu-se! Que lhe importava a elle o céu ou o inferno! Para elle o céu era Maria; o inferno seria se ella lhe negasse o seu amor!

São sete horas da manhã: o dia está lindo, o ar embalsamado, o céu côr de anil! Tanto Claudio como Maria levantaram-se cedissimo.

Immensas vezes Claudio buscára declarar-se francamente a sua mulher, e de todas ellas uma hesitação timida, balbuciante, incerta, punha termo aos seus impetos violentos.

A final travou da mão de Maria, conduziu-a a uma cadeira, e pôde vencer-se e dizer-lhe:

—Pódes-me escutar por um instante, Maria?

Esta, que já havia percebido que Claudio tinha alguma cousa importante a dizer-lhe, respondeu um pouco alterada:

—Posso, perfeitamente...

Claudio ficou um momento estatico e meditativo; em seguida collocou melhor a sua cadeira, las-

cou uma unha nos dentes, mordeu um beiço, puxou os cabellos para traz, e começou:

— Sejamos francos, Maria; se de alguma maneira eu me posso salvar é de certo com a franqueza! Já te declarei abertamente as causas que me impelliram a solicitar a tua mão; não foi o amor, foi o calculo; casámos, e no momento solemne de jurarmos perante o padre que haviamos de ser fieis, n'esse momento, Maria, tive um impeto violento para acabar com tudo o que tinha feito, para te dizer que te não amava, que não te queria fazer infeliz, para te deixar livre de escolheres outro, que te amasse devéras; n'esse momento em que me acommetteu esta idéa, entrou na igreja uma senhora com quem eu pretendêra casar, por ser rica, e que me rejeitára, provavelmente por eu pender para pobre! Então tive um d'esses sobresaltos de altivez que acompanham sempre o caracter arrebatado do rapaz, e deixei continuar a ceremonia; d'ali a um instante estavamos casados, casados, Maria, unidos para sempre, para todo o sempre! É uma sociedade solemne e respeitavel, a conjugal! Desposei-te sem te amar, sem nunca te ter amado, sem mesmo esperar ter-te um dia amor! Eu amára até ahi, como já te disse, apenas uma vez. A primeira e unica mulher que eu amára tinha-me enganado; desde então jurára não tornar a entregar a minha alma ás paixões caprichosas de nenhuma mulher;

suffoquei no fundo do peito os restos de um amor violento, abafei no centro da alma os dissabores de uma paixão escarnecida, e tentei, como unica consolação, abrir os arcanos da minha dor a um amigo: esse homem que eu tinha por amigo, ouviu a minha confissão inteira, pareceu mesmo interessar-se n'ella, e quando me deixou divertiu-se contando tudo aos primeiros sucios que lhe appareceram! A minha alma chagou-se com esses dois successos amargos e dolorosos, e não tive o peito de um amigo verdadeiro sobre que eu vertesse essas lagrimas, ou a fronte de uma mulher que me tivesse amor, para partilhar d'esse pranto: descri então de tudo! Quiz vingar-me do mundo e dos homens, vel-os soffrer e divertir-me com as suas dores, implorarem-me piedade e dar-lhe uma gargalhada em resposta. Tentei fazel-o, mas não pude. É que eu era ainda bom! Limitei-me a lançar-me ao mundo com um proposito firme de não dar a ninguem o poder de zombar de mim. O mundo recebeu-me, como elle recebe sempre um rapaz rico, que faz a sua entrada julgando já saber tudo, e não sabendo ainda nada, recebeu-me de braços abertos, com um sorriso de satisfação nos labios, com uma expressão de contentamento no rosto, recebeu-me como a um filho querido! No dia da minha apparição no mundo os elegantes levaram a sua benevolencia ao ponto de me fazerem gastar dez moedas em vinho de

Champagne! Data d'ahi o começo da minha vida de homem do mundo.

Claudio fez aqui uma pausa de concentração de idéas, e continuou d'ali a pouco:

— Gastei muito nos meus primeiros tempos de elegante; fui modificando as minhas despezas, mas ainda assim fiquei sempre gastando bastante, mais até do que podia. Fui amante das primeiras mulheres que por ahi ha; tenho gosado a vida o mais que tenho podido. Acostumado ao viver do grande mundo, bem vês tambem que não poderia renegar a elle: era isso o que eu receiava, desposando-te! Desejava um erro pequeno da tua parte, alguma cousa que pungindo-te na consciencia, te não deixasse ser demasiadamente severa para commigo; queria que não me dissesses nunca a minima reprehensão, com receio de que eu te reprehendesse a ti com justiça.

Claudio fez uma pausa breve, depois seguiu com um sorriso amargo:

— É aqui que começa verdadeiramente a historia: havia um rapaz que fôra meu collega e meu amigo, e a quem eu não via depois de muito tempo: esse rapaz appareceu-me na vespera do nosso casamento, na occasião, portanto, em que eu cogitava estas cousas! Appareceu-me apaixonado, louco, perfeitamente louco por uma mulher, que lhe dera uma prova evidente de lhe não ter amor, uma mu-

lher que o deixára depois de o perder. Tive dó d'elle! É que eu sei o que é amar uma mulher que nos não ama, consumir no peito um amor desabrido sem o poder acalentar com a idéa de sermos correspondidos! Pensei em o salvar, mas lembrou-me que primeiro estava salvar-me a mim: de repente occorreu-me uma idéa luminosa, radiante, divina na apparencia; triste, tenebrosa, diabolica na realidade; quiz de um só meio salval-o a elle e salvar-me a mim, e, de louco que fui, gloriei-me com esse plano maldito! O amigo de quem te fallo, é Luiz...

Maria estremeceu: Claudio fixou-a indagadoramente, e proseguiu:

—Luiz, que tinha uma paixão desenfreada por uma mulher do mundo, que não fazia já caso d'elle; Luiz, que apenas podia salvar-se esquecendo essa mulher, que o não amava, por alguma que lhe desse amor.

—E depois? perguntou Maria anciosamente.

—Depois... oh! depois, Maria, eu te digo o que aconteceu. Eu queria salvar-me e salval-o, como acabei de te dizer, e julguei achar um meio, que nos salvava a ambos! Has de lembrar-te que no proprio dia do nosso casamento eu te apresentei Luiz, recommendando-t'o extremamente; continuei a procurar occasiões para que tu lhe agradasses, para que elle te agradasse a ti... e pouco tempo

depois, Maria, eu conheci que elle te era sympathico, que tu lhe agradáras a elle: oh! estavamos ambos salvos! Salvos, sim, porque eu conhecia-os de sobra para ter a certeza que nenhum excederia os limites, ao ponto de se esquecer de todo! Salvos, porque Luiz, amando-te, esqueceria essa mulher que o ía perdendo, porque, amando-o tu, commettias um erro, e esse erro havia de te pesar na consciencia, e tu, longe de quereres importar-te com a minha vida, havias de unicamente desejar, que eu não quizesse prescrutar a tua: entendes tu isto bem, Maria?

Maria deixou descaír a cabeça sobre o peito, e balbuciou quasi inintelligivelmente:

— Se entendo!

— Oh! mas não foi assim como eu imaginára! É um proverbio bem certo o de — o homem põe e Deus dispõe! — ao principio andou tudo bem; tu, pobre Maria, ingenua e candida, como és, vendo o mundo através do prisma seductor que os teus sonhos tinham creado, começaste a ter por Luiz uma d'estas affeições singelas, que só cabem n'um peito de creança! Pela sua parte, Luiz amou-te em pouco tempo; se t'o disse, não sei, é provavel que sim.

Maria córou extremamente. Claudio continuou:

— Um dia tentei prescrutar os sentimentos de ambos, não era cousa difficil! Tu, pobre menina, engolphada nas idéas nobres e melancolicas de By-

ron, tu acostumada a viver pudicamente sob as vistas de tua tia, tu, cujos labios se não abriram nunca para dar soltas a uma mentira, facilmente deixaste perceber que Luiz não te desagradava.

— Senhor...

— Vamos, não te afflijas, se esta é a verdade, pois dize, não é? Ora! estás a deixal-o ver na expressão dos olhos... na confusão em que estás... em tudo! deixa-me continuar. Eu já te tenho dito, Maria, que amei aos dezeseis annos pela primeira vez, que me enganaram, e que então jurára odio eterno á mulher, escarneo perpetuo ao amor! Ha juras que parece haverem de permanecer sempre de pé, e que entretanto se quebram quando menos se pensa. Assim foi esta; o coração não se sujeita a um juramento de occasião; não se humilda a uma imprecação atrevida, que os labios soltaram n'um momento de amargura; o coração sente, e o sentimento não se rege; foi assim commigo. Desposei-te sem te amar, Maria, sem me passar pelo pensamento vir a amar-te um dia, travei todo este plano que te expuz, occupei-me de o pôr em acção, e quando menos o pensava veiu um sentimento novo lançar por terra aquelles que existiam já: oh! mas d'esta vez era um sentimento poderoso, colossal, indestructivel! Era o amor, mas não o amor do mancebo, vulto aerio de olhos scintillantes, de fórmas risonhas e ligeiras, de expressão terna mas leviana,

era o amor, mas o amor do homem, profundo, immenso, magestoso! Oh! mas vê bem que não era o amor de um homem acostumado a amar desde a infancia, que se habituou já a esse sentimento, que não póde já passar sem elle; era o amor de um homem que tinha renegado para sempre a amar; de um homem que julgava a sua alma secca para todo o sentimento, gelada para toda a dor; e este homem viu quebrarem-se as suas decepções, fugirem as suas preoccupações, este homem sentiu e soffreu!

Maria ía agora tomando já mais interesse no que lhe dizia Claudio, começou a ter um vago presentimento do que elle lhe ía declarar.

— Oh! Maria... tu não sabes, tu não pódes saber o que é um amor assim! Ha paixões que rebentam furiosamente, mas que se extinguem depois; ha outras que medram surdamente no peito, e que só morrem quando o despedaçam! Eu amo-te, Maria, oh! agora amo-te desabridamente! Fazer-te entender por palavras a extensão do meu amor, não posso; paixão como esta sente-se, não se define! Amo-te, que mais te hei de dizer? amo-te, como nunca ninguem amou no mundo, como ninguem imaginou que se podesse amar!

E Claudio caíu de joelhos ante Maria, travou-lhe das mãos com loucura, rojou-se ante ella, e com voz agonisante:

— Perdão... perdão, disse elle, perdão por te

ter enganado, perdão! que d'está vez fallo-te a verdade; a verdade pura, oxalá que não fosse tanto! amo-te... amo-te; oh! Maria, por Deus, pela Virgem, pela ultima benção de teu pae, pelo derradeiro beijo de tua mãe, ama-me, e eu serei feliz, serei o mais feliz da terra, oh! dize... dize que me amas...

Maria pallida e alterada guardava silencio.

—Oh! não ouves tu, Maria, não ouves tu que te supplico, não vês que me rojo ante ti, que me humilho, que sinto, que soffro horrivelmente! oh! Maria... Maria... dize-me que me amas...

Maria guardou ainda silencio.

—Oh! mas que mal te fiz eu? Ter-te enganado uma vez? Mas se eu te não amava ainda; se é agora que te amo, e com que amor, meu Deus, com que amor!

Rolou uma lagrima pela face de Maria.

—Oh! tu choras... é porque te compadeces, é porque vês que te amo... que ninguem é capaz de te amar assim! oh! obrigado... obrigado! é que tu amas-me, não é verdade?

Maria hesitou, depois abriu os labios languidamente, e com uma expressão melancolica, e como quem tambem soffria, disse tristemente:

—Não.

—Não? ah! não me amas... previa-o já! amal-o a elle... tenho medo de o prever!... a elle! a el-

le, o meu maior amigo, que te ama tambem, provavelmente, e que eu julguei salvar, perdendo-me a mim, e perdendo-o!

— A elle?

— A elle, sim, está perdido tambem: oh! tu não avalias o meu amor, nem o meu odio! Um amor como o que eu tenho por ti é muito para uma mulher o desejar, um odio como o que tenho por elle... é muito para se temer; eu queria salval-o, ainda mais do que salvar-me a mim, conheci já tarde as consequencias de um projecto concebido com leveza, mas resta-me ainda uma consolação, a ultima para quem soffre, a vingança.

Maria ergueu-se do seu logar, e, firme, resoluta, e altiva, disse com um olhar irado a Claudio:

— A vingança! Mas que direito tem o senhor a ella? Tem, quando o queira, de vingar-se... mas de si! pense bem: medite quem foi que armou todo este plano infernal, diabolico, infame!

— Oh! infame, não! Foi mais a minha amisade para esse homem, do que a idéa da minha conveniencia que fez com que eu projectasse isto tudo; alem de que, tudo isto me parecia bom! e, demais, preciso de vingar-me de alguem... de ti, não, Maria, porque te amo, porque te adoro, porque, apesar de tudo, te respeito e te admiro: respeito-te, porque sei que soffres tambem, admiro-te, porque és grande e resignada no teu soffrer!

— Soffro? perguntou Maria sorrindo amargamente, quem lhe disse que eu soffro? Não vê que não tenho motivo para soffrer, porque o senhor se tem sempre portado perfeitamente para commigo, porque tem feito quanto tem podido para me tornar feliz!

— Oh! não me attribuas tudo a mim! Todos nós temos concorrido para soffrermos assim! Se quizeres dizer a verdade has de confessar que todos tres esquecemos os nossos deveres!

Uma das portas abriu-se repentinamente, e Luiz de Lima appareceu quando ninguem o esperava.

— Confesse o senhor tambem, disse elle, que foi o primeiro a esquecel-os!

VIII

Á apparição de Luiz de Lima, tanto Claudio como Maria voltaram-se para a porta surprehendidos: viram Luiz olhando-os fixa e tranquillamente. Claudio caminhou para elle, notando-lhe uma visivel perturbação.

— Ah! é o senhor, estimo bastante! Parece que adivinhava que eu estimaria vel-o n'este momento; é verdade que no costume em que está de nos fazer a honra de nos visitar... tanto a miudo, foi esta visita de hoje mais obra do habito, que de milagre!

— Oh! do habito, não, retrucou Luiz; vim a sua casa a estas horas, expressamente para lhe fallar! Previa já que havia de ter que me dizer, e eu tenho tambem desejo de que me conceda alguns momentos de conversação.

Maria comprehendendo que os dois homens desejariam estar sós, retirou-se sem dizer nada.

Claudio e Luiz olharam-se algum tempo em silencio e com uma expressão sardonica; a final Luiz de Lima cruzou os braços, e disse com um sorriso amargo:

— Fez-nos a todos felizes, o senhor!

Claudio permaneceu calado: ao fim de algum tempo indicou-lhe uma cadeira, e disse-lhe com colera concentrada:

— Queira sentar-se.

— O que o senhor tem a dizer-me penso que não será muito longo: o que eu tenho para lhe dizer... é muito breve...

Claudio estendeu-lhe a mão com agrado.

— Entendo, disse elle; acceito, tambem eu desejo o mesmo...

— Oh! Enganou-se ainda! Não era esse o sentido verdadeiro das minhas palavras! Bater-me com o senhor... bater-me comtigo, Claudio...

— Não; aqui não ha Claudio, aqui ha um homem que o salvou de um abysmo, concentrando-o e concentrando-se n'outro ainda peior; aqui ha um homem que foi sempre seu amigo, que o é ainda, talvez, que soffre muito... que precisa vingar-se, que deseja alguem que queira tambem vingança! Eu não sou já esse Claudio de outr'ora, esse elegante requintado, esse homem do mundo por emprego, esse

rapaz de riso nos labios e de fogo nos olhos! Sou outro agora e muito differente, muito! Eu nunca me persuadi que tornaria a amar, quanto mais que havia de amar assim! Luiz... tu amas Maria, não é verdade?

Luiz de Lima não respondeu.

— Amas Maria, não amas?

— Amo! respondeu Luiz tristemente.

— É essa a nossa condemnação, a de todos tres! Amal-a... Oh! Mas é horrivel!

— É, mas a culpa é unicamente tua!

— Minha... talvez... sim... não... que importa! Não quero que ninguem m'o diga, ninguem! Ai d'aquelle que me lembrar que sou eu o culpado! Não basta que a minha consciencia m'o recorde?! E demais, a culpa não é só minha! Se tu eras meu amigo, se amavas Maria, se conhecias que ella te amava, para que continuavas a frequentar esta casa? Não podias deixar de cá vir... renunciar a vel-a?

— Não, isso não podia!

— Ah! É que tambem a amas muito!

— Muito!

— Fatalidade!

— E é!

— Luiz...

— Dize...

— Tu sabes tudo, não é verdade?

— Sei.

— Sabes que eu amo minha mulher, sabes que a adoro, sabes que ella me não ama... sabes que eu não posso soffrer que ella ame outro...

— Outro... mas a quem julgas tu que ella ama?

— Senhor!...

— Oh! Claudio, tu estás perfeitamente enganado! Maria não te ama porque te portaste mal para com ella, mas Maria não ama ninguem!

— Ninguem!... Luiz, em nome de tudo quanto te é caro, de tudo quanto tu amas ou respeitas na terra, não me enganes! Maria não te ama?

— Não.

— Mas como o sabes tu?

— Sei-o.

— Mas como... como?

— Sei-o porque ella m'o disse, porque rejeitou nobremente a declaração que eu lhe fiz, porque me ameaçou de te contar tudo se eu tornasse a fallar-lhe de amor, porque respondeu com desprezo á minha confissão e aos meus protestos...

— Será verdade!...

— Pela minha honra.

— Oh! Onde está ella?... Quero vel-a, pedir-lhe que me perdoe, que se esqueça... e eu que suspeitei!... Oh! Miseravel que sou!...

E Claudio saíu arrebatadamente por um lado, emquanto Maria, que ouvíra tudo, entrava pelo outro.

— Luiz! disse ella.

— Ah! Escutava-nos? Então ouviu...

— Ouvi tudo: é uma nobre alma a sua, Luiz! Salvou-me perdendo-se!

— Perdendo-me, diz bem! Que me resta agora?

— A minha gratidão, Luiz... o meu amor! Não lhe basta ter a certeza de que o amo... que o hei de amar até á morte?...

— Até á morte?

— Juro-lh'o.

Claudio entrou n'este momento, dirigiu-se a Maria, ajoelhou ante ella, e...

— Perdão... oh! perdão, disse elle; eu sou culpado, Maria, muito culpado; não te peço o teu amor, porque conheço que não me pódes amar... mas peço-te ao menos que esqueças o ter suspeitado de ti...

Maria estava pallida e tremula, quiz balbuciar alguma phrase, mas expirou-lhe nos labios; não pôde mais do que estender a mão a Claudio, que lh'a beijou respeitosamente.

Luiz de Lima, estatico e silencioso, olhava-os com uma expressão de tristeza impossivel de se descrever. Claudio ao fim de alguns instantes de extasis, e depois de hesitar por um momento, estendeu-lhe a mão e disse-lhe:

— Portaste-te dignamente, Luiz; confio perfeitamente em ti e só te peço uma cousa.

— Dize.

Claudio continuou em voz baixa:

— Que faças por esquecel-a... que deixes de a ver tão amiudadamente...

— Oh! Está descansado, Claudio; eu vim hoje a tua casa unicamente porque conheci que tu adivinháras já que eu amava Maria, e que desconfiavas que ella me amasse tambem; quiz declarar-te francamente ser verdadeiro o primeiro juizo, ser perfeitamente falso o segundo! Peço-te que sigas o exemplo de tua mulher, que me perdoes como ella te perdoou, que esqueças como ella esqueceu!

Claudio apertou-lhe a mão; Maria sentiu humedecerem-se-lhe os olhos.

— E, continuou elle virando-se para Maria, v. ex.ª tambem, minha senhora, esqueça um louco que teve a leviandade de a adorar, a ousadia de lh'o dizer, esqueça, porque elle tem o seu castigo na maneira por que a sua loucura foi recebida.

Maria não pôde dizer nada.

— Agora, proseguiu ainda Luiz, resta-me apenas dar-lhes parte que vou regressar a Coimbra, a fim de terminar o meu curso: parto ámanhã.

Depois acrescentou em voz baixa a Claudio:

— Estás satisfeito?

— Partes... para Coimbra... Oh! Independente de tudo mais, fazes muito bem! Faltam-te apenas dois annos, não é assim?

— Dois annos.

— Oh! Dá-me um abraço... dá-me um abraço, meu amigo: és um digno moço!

Luiz abraçou Claudio com pronunciada affeição, depois disse para Maria:

— V. ex.ª determina alguma cousa, minha senhora?

— Eu, respondeu Maria com a voz suffocada, que hei de eu determinar?

E deixou-lhe caír o seu lenço, que Luiz apanhou sem que Claudio visse.

— Agora, disse Claudio, quando nos tornaremos a ver?

Luiz respondeu indo já a saír:

— Quem sabe!

IX

Luiz de Lima tinha fallado a verdade quando dissera, despedindo-se de Claudio e Maria, que ía regressar a Coimbra.

Tinha pensado em que a vida é uma cousa prosaica e rude, e que era preciso tomar uma resolução, porque viver de amor é um viver demasiadamente ideal, e que corre grandes riscos de caír, quando menos se esperar, no positivismo o mais amargo — morrer de fome.

Faltavam-lhe apenas dois annos para terminar o curso de medicina, e com quanto precisasse durante esse tempo entregar-se todo á aridez da sciencia, havia comtudo uma idéa, que lhe daria valor — era aquelle juramento de Maria, de o amar até á morte.

Desde que saíra de casa de Claudio, Luiz empregára todo o dia em preparativos para deixar Lisboa: reservou unicamente um trabalho para a noite, fazer o inventario do que se continha na gaveta

da sua mesa de escrever; objectos de nenhum valor para um velho, e de muito valor para um rapaz — versos, cartas de namoradas, lembranças, prendas, etc.

E qual é o rapaz, que não liga um valor desmedido a esses nadas preciosos, que lhe promovem depois o riso: qual é o rapaz, que não quer antes ter menos um mez de vida, do que perder a madeixa dos lindos cabellos da namorada, que ella lhe offertou em prova de amor!

Á noite Luiz de Lima sentou-se ante a sua mesa, abriu a gaveta, e sorriu-se: que de esperanças desfolhadas, que de sonhos descridos, que de cogitações perdidas, que de trabalhos baldados, que de illusões quebradas, não jaziam ali! que diversas epochas da sua vida tão symbolisadas n'aquelles diversos talismans! Começou a sua revista por um quarto de papel onde estavam uns versos, que elle escrevêra, havia pouco tempo, a uma menina que morrêra tisica: os versos eram os seguintes:

Morreste! quem sabe, ó virgem,
Se mais é isso viver!
Sob o lagedo da campa
Talvez não haja soffrer!

Eras um anjo, se ha anjos,
Foste para o céu, se é que o ha!
Vaes, talvez, ser mais feliz
Do que nunca o foste cá!

P'ra que amavas tanto a festa,
Tanto amavas o prazer?!
Se n'este mundo a ventura
E não nascer, ou morrer!

Eras um anjo, se ha anjos,
Foste para o céu, se é que o ha!
Vaes, talvez, ser mais feliz
Do que nunca o foste cá!

Depois tirou um cinto de seda, desdobrou-o melancolicamente, e recordou-se assim:

— Este cinto deu-m'o Luiza; pedi-lhe um dia alguma cousa d'ella, e deu-me esse cinto que abraçava a sua cintura, que eu por tantas vezes tinha estreitado em delirios de amor! Disse-me que o guardasse bem, que me lembrasse ao menos da offerta, se me esquecesse de quem m'a fizera; com esse cinto vieram encadeadas mil promessas, mil juras, mil protestos de amor: que é d'elles?! Luiza casou dois mezes depois com um homem a quem namorava ao mesmo tempo que a mim.

Oh! este gancho... este gancho, que prendia os cabellos de uma actriz! n'um momento fervido de paixão pedi-lhe que me désse uma liga, recusou-m'a; pedi-lhe um pente exquisito, que ella costumava dar-me para alisar os cabellos, disse-me que não, porque lh'o dera o seu amante fixo, e tinha medo que elle lhe perguntasse por elle; pedi-lhe ainda outras cousas, disse-me que não a tudo; gostei d'aquella

resistencia imperiosa n'uma mulher de theatro; para romantisar o caso roubei-lhe este gancho, sem ella dar por isso. A elle estão ligadas mil recordações penosas; eu dei a essa mulher todo o amor susceptivel de existir n'um peito de homem; ella nunca quiz acreditar, que eu lhe fallava verdade, quando lh'o dizia; uma intriga mesquinha cujo auctor ella sempre me occultou o nome, levantou entre mim e ella uma barreira, que o seu capricho não quiz derrubar, que o meu orgulho não quiz vencer: resta-me d'ella unicamente este gancho, que lhe roubei!

Oh! bem te conheço meu raminho de alecrim do Norte! Vieste dentro de um livro, que eu emprestei a uma mulher.

E a ti tambem conheço-te á legua, minha liga tão saudosa! Foi Amalia quem m'a deu, Amalia, que quiz experimentar o que era, e o que valia o amor desenfreado de um rapaz, que entra no mundo ainda com os olhos vendados, Amalia que fez uma cadeia das minhas paixões, que a quebrou quando lhe pareceu! N'essa liga está symbolisada uma epocha notavel da minha vida; por causa d'essa mulher ía eu perdendo os meus creditos de estudante; por causa d'essa mulher ía-me eu perdendo; esconda-se... esconda-se esta liga no fundo de todas essas reliquias.

Em seguida Luiz, ao travar de uma carta soltou um riso secco e pungente.

— Esta carta, disse elle, esta carta foi um balsamo falso para o meu coração lacerado violentamente n'uma crise de amor; tenho-a lido cem vezes em delirios de alegria, tenho-a lido cem vezes tambem em crises de decepção.

Luiz abriu a carta e leu:

«Luiz. — Uma barreira temivel e medonha veiu erguer-se repentinamente para despedaçar a cadeia dos nossos affectos! Querem casar-me! oh! mas dás tu todo o valor a esta phrase diabolica — querem casar-me!? Não vês tu que nos querem lançar por terra os nossos sonhos tão poeticos? Não vês que nos querem derrubar as nossas esperanças tão queridas! Oh! meu Luiz, com a realisação d'esse projecto virá tambem conjunctamente a minha morte; e que morte horrivel será; que morte acompanhada de tanto tormento, de tanto ciume, de tanto receio de que, ficando tu vivo, ames outra mulher!... Oh! tem cuidado, Luiz; se assim te portasses, na crise violenta dos meus zelos, eu teria forças para despedaçar a pedra da minha campa, e te ir bradar ao ouvido, — trahiste uma mulher, que morreu por te não trahir!»

Luiz pousou a carta sobre a mesa e disse friamente:

— Esta mulher escreveu-me esta carta dictada pela mãe!... mentiras empregadas para ver se eu me determinava a dizer ao pae que, se m'a não

désse em casamento, tirar-lh'a-ía pela justiça! O plano da mãe falhou!

Apoz um momento de concentração de idéas, Luiz deixou vergar a cabeça sobre o peito, e disse melancolicamente:

— De Maria é que só possuo um lenço! Oh! mas longe de mim a idéa de o misturar com essas reliquias tão profanas; n'esse lenço, que ella me deu, estão algumas lagrimas vertidas, talvez por mim!

E Luiz de Lima beijou o lenço com uma commoção crescente: depois travou de um papel, e, como se conhecesse o que era, mesmo sem o abrir:

— Oh! disse elle, estes versos... estes versos fiz eu n'um momento de arrebatamento impio, são o que ha mais blasfemo e immoral!

E leu o que segue:

Mulher, a vida é rude e affanosa
Não tendo a quem amar!
Uma hora de amor bem deleitosa,
Nem thronos, nem imperios,
Nem mil reinos aerios
A podem compensar.

Mulher, ou astro, ou anjo, ou luz, ou fada,
Que és minha só rainha,
Despreza o mundo inteiro, o mundo é nada!
Despreza a terra, os céus,
Despreza as obras de Deus;
Se queres gosar — sê minha.

Fallaste-me do mundo com receio
Do seu dizer maldoso;
Que t'importa, meu anjo, o mundo vil,
Espectro fatal do goso?

Eu amo-te com crença e fanatismo;
Quizera igual amor.
Trocaria por ti dos céus o imperio,
E do sol o esplendor.

A mulher que quizer ter a minh'alma
Ha de amar-me por mim,
A honra desprezar, inferno ou céu,
Como eu faço por ti.

— Basta, disse Luiz, basta de heresia e de loucura!

E travou dos papeis, e de tudo que se continha na gaveta, e arremeçou-os para a mala.

— Agora, clamou elle tristemente, adeus, meus sonhos de amor, meus devaneios de namorado! Agora vae outra vez começar para mim a vida simples e severa de estudante; adeus, Lisboa, que tens sido o theatro dos meus prazeres, dos meus erros, dos meus pezares! Adeus tudo que eu amava aqui; adeus, Maria!

. . . . . .

Luiz de Lima partiu de madrugada para Coimbra.

X

Um mez depois das scenas d'estes ultimos capitulos, Claudio de Mendonça annunciou um baile.

Desde o dia em que Luiz de Lima partiu para Coimbra, desde esse dia fugiu a pouca alegria que havia ainda em casa de Claudio.

Maria andava triste, preoccupada, e parecia dominada por uma idéa fixa; emquanto a Claudio notava-se-lhe um abatimento profundo, e um sorriso frio e calculado, que se lhe espreguiçava sempre pelos labios, não parecia mais que um fingimento para occultar alguma dor.

Claudio de Mendonça fôra, como nós já dissemos, o que se chama com justiça um homem do mundo; não fôra o casar-se que o fizera mudar o habito, que contrahíra, de se engolfar nos prazeres, de não perder um divertimento; fôra o amor.

Desde o momento em que começou a amar sua

mulher, Claudio mudou inteiramente de vida; não saía já senão raras vezes, não apparecia n'um theatro, ninguem o via nos bailes, a sua reputação começava a declinar; Claudio percebeu isso, e, talvez para mostrar ao mundo que elle sabia ainda ser leão, deu um baile estrepitoso.

Os elegantes sentiram-se impressionados por esta inesperada resurreição; e para poderem com justiça restabelecer-lhe, ou não, os creditos de homem de gosto, que Claudio ía perdendo, affluiram todos ao seu baile.

Maria estava lindissima n'essa noite: tinha uma pallidez que encantava, que seduzia, que arrebatava! Desenhavam-se-lhe, por baixo dos seus languidos olhos pardos, umas olheiras, capazes de tornar melancolico um D. Cesar de Bazan.

Estava vestida de branco, tinha o seio um pouco descoberto, e, graças á delicada invenção da manga curta, os seus lindos braços podiam admirar-se perfeitamente; porém o que se lhe lia na fronte, n'aquella candida fronte de anjo, era uma tristeza, uma melancolia profundissima.

Claudio tambem estava meditabundo: os seus amigos faziam-lhe ás vezes perguntas, e elle não lhe respondia sequer.

O baile ía delicioso; se havia nas salas alguem que estivesse pouco alegre, era unicamente Claudio e Maria; a musica soava, as dansas enlaçavam-

se; Maria foi pedir a Claudio se dansava com ella uma valsa; Claudio não pôde recusar-se, mas não percebia o motivo por que sua mulher, tão triste, como estava, podesse ter vontade de valsar!

Alguns momentos depois, Maria reclinada suavemente sobre o hombro de Claudio, voava doudejantemente ao som de uma valsa arrebatadora; Maria era encantadora nos impetos da dansa! Umas vezes o seu rosto tomava uma expressão altiva e alegre, outras reassumia a sua tristeza habitual; todos os olhos estavam fixos n'ella e a admiravam.

Quando Claudio conduziu Maria ao seu logar, fez reparo em que tinha os olhos arrasados de lagrimas, apertou-lhe a mão, e achou-a fria, fria de neve; fixou-a, e notou que estava pallida, como se estivesse morta.

—Maria... Maria... clamou elle, que tens tu, Maria?

Maria ergueu os olhos para elle, e respondeu com um sorriso frio e aterrador:

—Nada.

Depois cerrou-os languidamente, escorregou pela cadeira, torceu-se toda na ultima agonia, e não deu nem um ai.

Estava morta.

XI

Aquella valsa, que ella pedíra a Claudio, fôra para se despedir da dansa, de que ella tanto gostava. É que ella sabia já que o veneno que tomára, devia-a matar em pouco tempo!

O baile terminou no centro da maior confusão.

Claudio de Mendonça recolheu-se ao seu quarto no maior auge da desesperação, arremeçou-se a um sophá, escondeu o rosto com as mãos, e bradou desorientado:

— Morta! Morta! Morta!

Ficou por muito tempo n'essa posição, depois ergueu-se de repente, brilharam-lhe os olhos com uma expressão funebre e diabolica, e bradou, com voz potente:

— Estou amaldiçoado!

Depois, tremendo:

— Veneno... Envenenada, ella! E nunca mais

a ver! Ideal desconhecido, foi seu destino succumbir á malicia brutal da vida! Oh! Maria! Maria! que de dores amargas não terias tu suffocado no peito para te determinares a este ultimo recurso, a morte! Tu soffrias, Maria! Soffrias por minha causa! Misero de mim, a quem só o calculo dirigiu! Misero de mim, que me perdi, perdendo-te!

Ajoelhou ante ella, travou-lhe das mãos brancas e geladas, banhou-as respeitosamente de lagrimas, e bradou com a voz suffocada pelo pranto:

— Adeus! adeus, mulher, que eu tanto amei! Eras um anjo do Senhor, e o meu halito perdeu-te! Fôra Deus que te enviára á terra para me fazeres arrepender das paixões mundanas; mas eu estava já arreigado immensamente no vicio; a tua fronte pura haviam de escurecel-a os meus osculos, os teus beiços crestal-os-ía o meu halito! Atravessaste este cahos de paixões terrestres, nefandas, pestiferas; atravessastel-o sem te elle perder! Oh! Gloria a ti, anjo!... Meu anjo querido! Vieste pura do céu, e voltas pura para lá! Parte, alma! Parte! Adeus, pallidez indizivel da melancolia! Doces olhos, que bebiam o azul do céu! Não te demores n'este mundo, que este mundo não é o teu! Adeus, Maria! Tu, que vaes para junto de Deus, pede-lhe que me perdoe a mim, a quem elle, provavelmente, mandará para tão longe de si! Adeus! Adeus!

Dizendo isto, Claudio abriu arrebatadamente a

porta do quarto de Maria: d'ali a um instante saíu, tendo na mão um frasco.

— Cheio! bradou elle, quasi cheio! Oh! Devo ter uma morte feliz, breve!

E bebeu tudo o que se continha no frasco.

Depois avançou para Maria, tomou-a nos braços, e, collando soffregamente os seus beiços ardentes nos labios pallidos e gelados do cadaver, e nos cabellos, louros como os das santas, que a poder de louros se confundem com a aureola, disse com uma expressão melancolica e apaixonada:

— Oh! agora, Maria, que já nenhum de nós pertence á vida, permitte que te dê o primeiro beijo de amor!

Publicar uma obra sem lhe acrescentar um prologo, um epilogo, algumas reflexões, ou seja o que for, que entretenha o leitor por alguns minutos, tão mal empregados que no fim elle fica sabendo o que sabia já sem o ler, affirmaram ao auctor que seria quasi um ultraje aos costumes da epocha: elle não hesitou em o fazer, porque lhe parece haver d'isso alguma precisão.

Claudio é um romance, segundo pretende o frontispicio da obra; mas, meditando-se, será elle bem um romance? Não haverá ali nada de mais? Não haverá nada de menos?

Que importa! N'estas cousas a questão é uma, como disse Victor Hugo, é o livro bom ou mau? *Voilà tout le domaine de la critique!*

Como romance é cousa tão simples! Pela concepção, pelo andamento, por tudo. Pensamento jogado entre tres pessoas; tres pessoas por quem o lei-

tor se interessa, de quem gosta necessariamente; romance sem traidor, sem tyranno, sem desmancha-prazeres! Será verdadeiramente um romance? Talvez não.

Como livro, está o auctor convencido de que vale alguma cousa; vale, e não é pouco, muito sentimento verdadeiro, muita decepção amarga, muita dor sentida! O auctor não tem a vaidade de se persuadir que escreveu novidades, mas não tem sufficiente modestia para que deixe de confessar que está persuadido que escreveu verdades! Ha muitas cousas em *Claudio* que o auctor tem sentido, muitas! Ha outras que elle tem visto, ha outras que elle tem ouvido, ha finalmente outras que elle adivinhou! É que o auctor d'este livro tem dezeseis annos, e aos dezeseis annos não se sabe ainda tudo por experiencia, adivinha-se muita cousa, e quando se tem soffrido, como o auctor d'este livro, adivinha-se a verdade!

Se lhe perguntarem por que escreveu esta obra, elle não saberá responder. Escreveu-a, isso sim, sentindo; tomou-lhe amor a pouco e pouco, e não a teria, talvez, dado á imprensa, se não se fiasse na sua estrella: quando lhe lembrou recuar, era tarde! hoje que ella vae correr mundo, hoje que ella perde de todo o dominio do seu auctor, para se sujeitar ao do publico, hoje elle tem pena; tem saudade, quasi até que tem medo! É que ha no seu livro

muita cousa, que difficilmente será comprehendida; é que ha de haver muita gente que lerá essas paginas sem lhe achar fundo algum; é que é preciso ter soffrido para se dar valor ao soffrimento; é que é necessario ter-se acostumado ao riso contra vontade, tel-o tomado por mascara habitual da dor para se poder avaliar o que isso vale; é que tem dó de arremessar o seu livro, que não tem culpa de similhante idéa, a andar errante, exposto a motejos, a enojos, a desprezos!

Se o auctor não receiasse que lhe não dessem ouvidos, pediria... que tivessem tambem dó do seu livro.

Junho — 1852.

AQUELLE TEMPO

N'uma tarde de 1850, estando n'uma lojita na rua do Oiro, lojita que abriu e fechou sem quasi chegar a ser conhecida, e que foi a primeira tentativa commercial do livreiro Silva, ou do Silva livreiro, se querem por este modo conhecer melhor, por ser assim que lhe chamam todos, esse que tem hoje a famosa livraria do Rocio, andando a farejar não sei que livros de estudo, e demorando a vista de vez em quando ora n'um romance ora n'uma comedia, sempre com o ar de estar procurando um compendio; vi entrar ruidosamente, com uns modos meio excentricos meio petulantes um homem alto, forte, magnifico, de cabellos louros compridos, hombros largos, peito aberto, perna firme e intrepida.

O livreiro Silva, que parecia conhecel-o muito, ergueu a vista do livro de contas em que estava escrevendo, deu-lhe um sorriso, e continuou serenamente a fazer a sua escripturação, sentado a uma

pequenina mesa que havia á esquerda, entrando, n'um vão.

O homem fincou ao canto do olho direito uma luneta de um vidro só, olhou para os livros, para a rua, para quem passava; depois para o livro que eu tinha na mão, depois para mim.

O livro intitulava-se:

MEMORIAS

DE

UM DOUDO

POR

A. P. LOPES DE MENDONÇA

Folheei o livro, fui com elle para um canto, sentei-me, e li.

O livreiro Silva ía escrevendo. O homem ía para a porta, tirando-nos um pouco a luz, que não tinha outro sitio por onde entrar, fallava a um e a outro, comprimentava as senhoras, deixava-se cortejar reverentemente pelos boleeiros, vinha, ía, accendia um charuto, cantava um trecho de musica com palavras em italiano

Ó ciel tu sai si Mathilde m'è cara,

apostrophava alguem que ía passando, dizia um grande adeus a este, um simples bom dia áquelle, promettia o que quer que fosse a um pretendente, replicava não sei o quê a um credor: depois gy-

rava outra vez, n'aquelle limitado passeio da lojita, vinha, ía, fumava, cantava.

N'uma das voltas parou diante de mim:

— Vossê está gostando de ler isso?

Levantei os olhos do livro, espantado com aquella interpellação *ex-abrupto;* o homem olhava-me com uma grande fixidez, com ar de intimativa um pouco excepcional. Era uma physionomia muito agradavel: uma cabeça de artista, de grande parecença com Theophilo Gautier. Devia ter vinte e cinco, vinte e oito annos, cara larga, olho scismador, luzidio, um pouco vago ás vezes. Os cabellos descansavam-lhe nos hombros. Enorme exuberancia de vida; a força, o vigor, a robustez, em toda a sua expressão. Um d'esses homens que Deus dá ao mundo de tempos a tempos, quando está em veia de prodigalidade. Sentindo-se como que fóra d'isto tudo; não com os ares presumidos de um vaidoso, mas de um phantasista. Não dava idéa de viver na lua, como é costume dizer-se, mas de haver creado um mundo seu, um mundosito marmoreo, esplendido, divino, e de andar errante, com a vista deslumbrada d'esses espectaculos, de andar errante por entre nós, sem fazer caso do que por cá vae, e parecendo até não perceber bem o que podia a gente querer d'elle e que especie de creaturas eramos nós. Quasi a comprehender-nos, quasi a entender-se comnosco, e a querer ficar para sempre nosso igual, occupando-

se como nós das cousas pequeninas — *de minimis* — recreando-se com as nossas alegrias, rindo com as nossas facecias, achando dignas as nossas dores, tomando a serio as nossas ambições e as nossas luctas; mas, n'esse momento, avistando no ar uma pombinha, por cima mesmo da cabeça d'elle, tendo uma rosa no bico, e atirando-lhe com as folhas...

— Vossê gosta de ler isso? perguntou-me elle.

Eu disse-lhe que sim com a cabeça.

— Porque?

— Porque é bem escripto.

— É a primeira obra que vossê lê?

— Já li mais duas.

— Quaes são?

— *Saint-Clair das ilhas* e *Nossa Senhora de París*.

— Que viagem entre as duas! disse elle a rir, para o Silva.

Eu continuava a ler, attentamente.

— Leve esse livro, disse-me elle. Leve-o para casa; é seu; offereço-lh'o. Ó Silva, faça favor de assentar na minha conta este exemplar das *Memorias de um doudo*. Como se chama vossê?

— Julio.

— Julio quê?

— Julio Cesar Augusto da Costa Machado.

— Hé! lá! lá! Que de nomes! Tem pae?

O Silva explicou-lhe quem eu era.

— Ah! É seu pae, o Luiz Machado! Grande ele-

gante! Bom. Guarde esse livro em lembrança minha. Adeus, Machadinho!

E saíu.

Eu levantei-me com o meu livro, um pouco perplexo, um pouco indeciso do que me cumpria fazer; comprei o compendio que tinha ido ali buscar, e perguntei ainda ao livreiro:

— Então este livro?

— É seu.

— Bem. Obrigado.

— Não me agradeça a mim. Não fui eu que lh'o dei, mas estimo que elle lh'o offerecesse se isso lhe dá gosto. Queira lembrar-me a seu pae; passe muito bem.

— Ó sr. Silva!

— Diga?

— Quem é então este sujeito?

— Qual sujeito?

— O que me deu o livro.

— Pois não o conhece?

— Não, senhor.

— É o auctor.

— O auctor das *Memorias de um doudo?* O Lopes de Mendonça?

— O Lopes de Mendonça, sim!

O livreiro riu da minha admiração e da minha alegria. Eu fiquei devéras surprehendido e contente. Tinha lido já alguns folhetins de Mendonça em casa,

aos sabbados, quando ía da aula e que apanhava a *Revolução de Setembro*. Suave, benefica leitura! Quantas vezes, ao voltar triste do collegio militar, depois das brutalidades de um celebre Mesquita, mestre de latim que lá havia, e que retalhava as mãos á gente com bordoada que nos mandava dar por qualquer cousa, me consolei eu a ler as divagações graciosas d'aquelle bello espirito, que soube ser, na mais elegante, na mais harmoniosa prosa portugueza, poeta, historiador e critico!

Muitas vezes o avistei, depois d'esse dia, no theatro de S. Carlos, quando eu ía em companhia de meu pae ouvir a Sannazaro, que n'essa epocha fazia correr Lisboa como que pendurada pelas orelhas ao canto delicioso d'aquella artista de tão gentil talento.

De uma occasião, n'um intervallo, ao voltar de um corredor, Lopes de Mendonça, que vinha saíndo, viu-me, fixou-se um instante em mim com o modo de quem faz diligencia por se lembrar se conhece pessoalmente alguem, e, de repente:

— Adeus, Machadinho!

Eu fiquei contente, mas contente como se me tivessem dado alguma cousa boa. Foi uma especie de gloria para mim o elle conhecer-me. Fiquei ufano. Pareceu-me melhor o theatro e a noite. Julguei-me um homem.

— D'onde te conhece o Lopes de Mendonça? perguntou-me meu pae.

— De um livreiro.

— De um livreiro?

— Do livreiro Silva. Encontrámo-nos lá. Elle principiou a fàllar commigo, eu respondi, pergunguntou-me o nome, deu-me a mão á despedida.

— É boa! disse meu pae.

Depois, rindo:

— Ha um grande perigo n'esse conhecimento.

— Que perigo é, meu pae?

— O perigo das litteraturas! Tu já sabes o que isso é...

E sabia. Ó deuses immortaes! Sabia-o gravemente; custára-me isso alguns sustos extraordinarios. O caso passára-se assim. Em 1849 os bilhetes do theatro do Salitre annunciavam

THEATRO NACIONAL DO SALITRE.

DOMINGO 30 DE DEZEMBRO DE 1849

EM BENEFICIO

A 1.ª representação da comedia em 1 acto,
UMAS CALÇAS DE LISTA
O resto do espectaculo será annunciado.

Assignatura.

Na vespera o guarda do theatro do Salitre, o famoso Naval, que ainda hoje lá está de guarda a elle, vendo passar meu pae, disse-lhe estas palavras formidandas:

— Então, sr. Machado, ámanhã temos a peça do seu menino?

Meu pae não o entendeu.

— Hein?

— Vae ámanhã a peça do seu menino, a *Calça de lista*. Muito bonita! Ha de agradar muito!

Meu pae, que era um homem do mundo, homem das elegancias, para quem o gosto era tudo, preferiu fazer que percebia bem o que lhe estava dizendo aquelle homem a ter de receber do Naval uma revelação que elle estava como que receiando adivinhar.

Ao chegar a casa perguntou-me:

— O que quer dizer um porteiro do Salitre com o annunciar-me uma peça do meu menino?

Eu senti que ía esclarecer-se d'ali a nada um dos factos mais importantes da humanidade, e respondi titubeando;

— Eu lhe conto, papá.

E elle sem me dar tempo:

— Tu fizeste uma peça?

Eu puz os olhos no chão, com uma modestia que desafio qualquer outro auctor dramatico a ser capaz de ter na sua vida.

— Fizeste uma peça!?

— É verdade: fiz uma peça.

Meu pae ficou sem saber o que havia de dizer-me. Devia ter-se passado no seu animo uma alluvião de sentimentos desencontrados. A colera, a indignação pelo receio do ridiculo, o pasmo por uma extravagancia completamente inesperada, e tambem talvez a ternura, a doce fraqueza da ternura dos paes, e que aquella alma affectuosa e meiga teve em tanta maneira por mim!

— Uma peça! Bem; por mais singular que isto seja, é uma peça, está dito. Agora vamos a saber como veiu isso, como foi isso, de que nasceu isso? Estou ouvindo. Venha uma confissão completa d'essa monstruosidade...

— Gosto muito de theatro e gosto immenso de ler. Li todo um volume do *Archivo theatral,* que apanhei por ahi n'umas ferias; a *Torre de Nesle* e o *Urso e o pachá,* o que fazia chorar e o que fazia rir: gostei de tudo; sei ambas de cór.

— Ó rapaz!

— Sei ambas de cór, papá. E tambem sei grandes trechos do *Preboste de París,* da *Catharina Howard,* alguma cousa da *Camara ardente,* e da primeira á ultima palavra a *Lucrecia Borgia*... O nosso vizinho José Manuel Alves é ponto do theatro do Salitre: temos fallado por vezes a respeito de peças e de representações; elle ía fazer benefi-

cio, e contou-me que não tinha comedia. Isto não me caíu no chão. «Tenho drama, dizia elle, um drama magnifico, grande, cheio, chorado e criminoso; mas não tenho comedia, comedia em um acto».

— E então?

E então eu pensei, estive calado obra de tres minutos, e disse-lhe:

— Olhe, José Manuel, sabe uma cousa? Não se rale!

— Que?

— Não se rale por isso. Deixe estar.

— Como, deixe estar! O beneficio está marcado para d'aqui a um mez; que tempo tenho eu para descansar sobre isto?

N'essa noite comecei a escrever uma comedia; no dia immediato tinha tres scenas, chamei José Manuel ao meu quarto, fechei a porta, pedi-lhe que me escutasse com a attenção de que podesse dispor, e que se preparasse para o severo papel de juiz. Li-lhe as scenas. Terminada a leitura, perguntei-lhe categoricamente:

— José Manuel, que lhe parece isto?

José Manuel achou bonito. Se é bonito, se não é, meu pae, não lh'o sei eu dizer; mas José Manuel disse que sim, que estava bom.

— Não está nada mau, não! ponderou elle, e por tal signal a rir, como ainda a saborear o caso. Está bem bom!

Isto animou-me a dirigir-lhe estas perguntas:

— Ó José Manuel, o meu amigo já tem comedia para o seu beneficio?

— Ainda não tenho.

— Se eu acabasse esta, parece-lhe que estaria no caso de poder ser representada?

— Porque não!

— E o José Manuel era capaz de a escolher para o seu beneficio?

— Certamente que sim; até vou dar estas tres scenas desde já ao copista para adiantar as cousas; póde ir já hoje copiando e tirando papeis.

— José Manuel, vossê é um anjo!

E saltei-lhe ao pescoço com tanta alegria, que deve ficar marcado para sempre: ía-o afogando.

Dois dias depois estava prompta a comedia: quatro dias depois estava a ensaios. Pedi-lhe a elle que não dissesse nada ao papá emquanto a peça não fosse á scena; se ella agradasse, seria eu o primeiro a dizer-lh'o; se caísse, evitar-lhe-ía a contrariedade que isso lhe iria dar.

— Representa-se ámanhã?

— Ámanhã. Hoje é o ensaio geral.

— Viste já algum ensaio?

— Nenhum. Os ensaios são de manhã, das dez em diante, e á noite depois das oito. De manhã estou nas aulas, e á noite quer o papá que me recolha exactamente á hora a que o ensaio principia.

— Bem. Vou eu ao ensaio esta noite. Quero ver isso.

Á noite, fiel ao regimen estabelecido, que consistia em recolher de passear ás oito horas, estudar até ás dez, tomar chá, e metter-me na cama, esperei com uma anciedade, digna de maior assumpto, noticias da minha peça.

Ás onze horas chegou meu pae. Eu perguntei-lhe da cama:

— Foi, papá?

— Fui.

— Viu o ensaio?

— Vi.

Calei-me, sem força de lhe perguntar mais.

— Está feito, assim mesmo cuidei que fosse peior.

Oh! Como eu respirei! Com que alegria agradeci á Providencia. Estava passado o primeiro escolho, o maior para mim; vencer a indisposição de meu pae pela minha mania das letras, indisposição que elle fazia sempre sentir com o extremo bom senso d'estas palavras:

— Por emquanto o que se quer é estudar. Ha muito tempo para as litteraturas. Isso depois. Agora, é trabalhar, aprender!

Na noite immediata representou-se a peça. O papel principal era representado pelo actor popular Joaquim Bento, que é hoje um dos principaes ar-

tistas do theatro do Principe Real. Uma das damas era a Douradinha, Adelaide Douradinha, que ainda ha poucos annos cantou a *Adalgisa,* n'uma *Norma* que deram no Circo, e que tem sido corista de S. Carlos. O galã... já não me lembra quem era o galã. Rollão, creio eu; sim, um chamado Rollão, homem intelligente, artista de convicção, que tomava a serio todas aquellas cousas, que até tomava a serio a minha peça.

As calças de lista fizeram fanatismo. Ás quintas feiras e aos domingos enchia-se a platéa de meninos dos differentes collegios, que íam com os seus respectivos professores apreciar aquella obra de outro Scipião, ou, quero dizer, de outro menino.

Logo que baixava o panno, rompia a rapaziada pequena em gritos, auctorisados pelo perfeito a titulo de incitamento e animação aos vôos da idade tenra:

— Bravo!

— Bravo!

— Bravissimo! O auctor!...

— O auctor!

Vinha eu á scena em companhia d'aquella gente toda que tinha papeis na peça. As senhoras velhas achavam muita graça a isso; os pequenos applaudiam o meu triumpho, como se fôra o da innocencia.

No fim de cada recita ía eu ao emprezario, José

Martiniano da Silva Vieira, e recebia um pinto, o que fazia com que eu, mais que ninguem, achasse aquella peça muito engraçada!

Tinha quatorze annos.

O professor Henrique Henriques de Brito e Oliveira, lente de rhetorica no lyceu, antiga casa das Merceeiras, foi por esse tempo a victima da minha alegria. Um medico muito estimado hoje pela elevação do seu talento, pela sisudez desaffectada das suas qualidades e pela extrema graça do seu espirito, conta ainda com um chiste que dá valor ao caso, e uma reminiscencia que me surprehende, os variados episodios que se deram por aquelle tempo n'essa aula. Eu andava n'uma ebriedade de jubilo, que se manifestava menos no brilhantismo das lições, do que por outros meios de maior novidade, quaes os de cantar na aula, sem abrir a bôca, um pouco á moda de um homem que se foi casar, e quando o padre estava dirigindo á noiva a pergunta do estylo, se recebia por sua livre vontade aquelle sujeito por marido, largou sem mexer os beiços este grito singularissimo:

— Ó mamã?

Todos na igreja ficaram espantados, olharam para um lado e para o outro sem perceber onde estivesse a creança que assim chamava por sua mãe, cortando a attenção que se devia á ceremonia, quando o noivo disse baixinho á noiva:

— Fui eu. Cala-te.

E ella pasmada.

Depois, sempre baixinho, o noivo acrescentou:

— Sou ventriloquo!

Assim era eu. Cantava-lhe ali a grande aria de tenor da *Lucia,* cantava-lhe trechos do *Propheta,* figurando, por maior assombro, não um só, mas todos os tres anabaptistas, e sempre de bôca fechada, á excepção de certos intervallos em que fazia provisão de folego.

Ao hoje dr. Manuel Bento de Sousa — que é esse o medico a quem me refiro, e meu companheiro n'esse tempo — não lhe dizia eu ao ouvido:

— Sou ventriloquo!

Mas levava mais longe a minha habilidade, cantando d'aquella maneira... sem o ser!

Santo Henrique Henriques! Era um philosopho, e um poeta, esse bom velho! Era uma especie de *Velho da montanha,* da lenda arabe, um aïssaoua, um sectario de alguma irmandade musulmana fundada ha trezentos annos por um marabout que decretasse prodigios de obediencia passiva nos discipulos, para lhes dar fóros de apostolos. Elle não queria senão rhetorica; para elle não havia outra cousa; quem não se occupasse d'isso muito a serio, era seu inimigo; quem considerasse altamente o exordio, e chegasse com os mesmos sentimentos, sem debilidade de crenças, até á peroração, era digno

de pertencer a um cenaculo de alto valor estimativo, que elle ía compondo de anno para anno com dois ou tres monos, que escutavam n'um silencio meio de convicção, meio pacovio, a lista dos segredos da eloquencia.

Saía de madrugada a passear. No verão ía em seroulas e de capote; era o seu *jerkin* inglez; o seu *kilt* de monte, da Escocia; levava uma cafeteirinha, comprava n'um botequim á Magdalena o seu café, depois ía ao encontro de umas vaquinhas, acabava de encher a cafeteira com leite mugido, ía para casa, aquecia a bebida, e engulia-a com acompanhamento de bolachas: era o seu almoço.

Homem instruido e elegante, sobretudo excentrico. Sabia muita cousa antiga e curiosa; que os romanos moiam os pavões á pedrada antes de os cozerem, *et cætera;* e tinha para tudo uma citação latina. Quando eu lhe cantei na aula, me disse elle uma extremamente boa:

— Nada de cantoria, menino. Eu já por vezes aqui tenho ouvido gargantear, mas nunca havia podido perceber de onde vinham esses accordes. Gosto muito de musica, e não lhe levo a mal que tenha igual predilecção; mas, n'este logar, não consinto. A musica, que n'um colyseu póde ser considerada merecidamente como um prazer solemne e até religioso, torna-se em um escandalo nas *Merceeiras,* e mal do homem por quem vem escandalo ao mundo.

Væ homini per quem scandalum venit: vá lá para fóra acabar de cantar isso nos corredores...

— Mas, senhor Henrique Henriques...

— *Væ homini!...*

No dia immediato elle fazia annos, felizmente; já me não lembro como eu soubera isso; sei, porém, que me colloquei muito sorrateiro ao lado de Manuel Bento de Sousa, e, logo que o professor subiu o estrado e se sentou na sua ampla cadeira, fui depor respeitosamente em suas mãos uma folha de papel fino, dobrada em regra, e, cortejando, voltei modestamente ao meu logar.

Era um soneto. Um soneto a *Quintiliano junior,* para aproveitar a moda dos *junior* que reinava então. Hoje já não ha *juniors!* Até o sr. Mendes Leal deu baixa: o ultimo *junior!*

Elle abriu, leu, sorriu-se, e disse-me:

— Vejo que tem vocação poetica.

Eu abaixei os olhos com timidez, Manuel Bento de Sousa ía morrendo asphyxiado com o suster o riso, e esse excellente Henrique Henriques acrescentou:

— Dê-se á rhetorica. Eu agradeço-lhe esta lembrança; mas desde já renovo o conselho, dê-se á rhetorica. É estudo difficil, exige grande attenção; mas, por isso mesmo, trabalhe com afinco, sem desanimar: *Labora et noli contristari.* É d'esse banquinho que devem saír os mancebos destinados mais

tarde ás galas e prendas da eloquencia e a tornarem-se varões de palavra auctorisada: *Vir dicendi peritus!* É n'estes compendios que está o segredo de um tal futuro; é preciso passar pelas Merceeiras para chegar um dia á gloria: *Ad augusta per angusta!...*

A mania das sociedades litterarias acompanhava n'esse tempo a mania das philarmonicas. Estas duas baldas levadas á proporção de furia, faziam com que toda a gente dansasse, tocasse, cantasse, ou fosse litterato. Os rapazitos emquanto não chegavam á idade das philarmonicas, consideravam-se na idade da litteratura: assim o entendi eu tambem.

Rodrigo da Fonseca Magalhães, sendo presidente da *Sociedade philomatica*, havia por vezes incitado benevolamente a mocidade a applicar-se ás discussões e ao nobre exercicio de fallar em publico.

Effectivamente d'ali saíram alguns oradores dos que mais tarde vieram a ser a honra e a gloria da tribuna e do fôro; e muitos escriptores que adquiriram pelo tirocinio da palavra a facilidade, a abundancia, a espontaneidade, a rapidez e fluencia na expressão.

Os echos d'esse club litterario repercutiam-se e chegavam aos ouvidos de toda a gente. A uns constava algum discurso famoso do que foi mais tarde o grande Rebello da Silva; outros apregoavam os louvores de uma memoria que lêra este, de um es-

tudo ácerca da influencia do romance, que havia composto aquelle, da grave oração d'aquell'outro, da replica que se lhe dera, e dos ditos, ápartes, epigrammas, com que alguns dos socios davam testemunho da sua veia satyrica, exercitando-se por esse modo sem animosidade e sem rancor, mas simplesmente movidos pelo sentimento artistico, nas pugnas da palavra.

Ás vezes esse sentimento artistico creio que deitava os bracinhos de fóra, e o proprio presidente animava as sessões com um ou outro chiste que não entrava propriamente pelos dominios da oratoria. Para com Sebastião Ribeiro de Sá, por exemplo, permittia-se elle com frequencia uma caturreira, que só tinha graça pela insistencia com que a corrigia logo o futuro redactor da *Revista universal.*

Sebastião Ribeiro de Sá era um homem baixinho, extremamente trigueiro, de olhos vivos e sagazes. Quando elle mais tarde tomou a direcção da *Revista universal lisbonense,* tornaram-se afamados os seus *chás,* pela tafularia com que regalava os litteratos. Íam a essas reuniões, verdadeiros *raouts* das letras e da sciencia, o doutor José Antonio Arantes, Antonio de Oliveira Marreca, Rebello da Silva, Andrade Corvo, José Horta, Lopes de Mendonça, Bulhão Pato, etc. Conversava-se n'uma saleta, e, ás dez horas, um creado, mettido até os olhos n'uma libré vistosissima e ambiciosa, corria magestosa-

mente um reposteiro e annunciava com voz theatral:

— Vae servir-se o chá.

Passavam então todos á sala, e começavam com a maior dignidade litteraria a comer uns sandwichs ou umas torradas.

Tudo isto era feito á principe.

Os creados offereciam, em grandiosas bandejas, copos de Porto e de Madeira, chavenas de chá preto, ou de chá russo.

O chá russo era uma das vinetas elegantes d'essa epocha; ignorava-a completamente a burguezia, e, por isso mesmo, a litteratura aproveitava o ensejo de brilhar por ella.

O chá russo, como calculam, é chá da China que fez a viagem da Russia... ou mesmo que a não fez. Em todo o caso, por ser a raridade o que dá valor ás cousas, assim como o oiro é o primeiro entre os metaes sujeitos a acabar, o chá russo é o principal entre os chás sujeitos a serem bebidos.

Sebastião Ribeiro de Sá com o ar cavalheiroso que o distinguia, — e effectivamente respirava d'elle, pelo entono, pela attitude, pelo esmero do vestuario, pela garridice das camisas, de amplos peitilhos faustosamente engommados a preguinhas miudas, que era o supremo *chic* de então, um homem habituado a viver bem — fazia as honras da noite com a supremacia de etiqueta com que lord Palmerston

deveria tratar os pares de Inglaterra nas occasiões de conferencia ou de alta reunião politica.

Rodrigo da Fonseca Magalhães gostava d'elle; mas gostava tambem, como dizem as mulheres, de implicar com elle. Não o fazia com a intenção de o metter á bulha, mas pelo gostinho de lhe dedicar de vez em quando uma brincadeira, como certas pessoas, á mesa, têem a predilecção de atirar com bolinhas de pão ás orelhas dos amigos.

E então, como Sebastião Ribeiro de Sá era trigueiro, muito trigueiro, extraordinariamente, phenomenalmente, impermeavelmente trigueiro, e não muito formoso, nem muito esbelto de estatura, comquanto espertissimo de physionomia, Rodrigo da Fonseca enganava-se de vez em quando ao proferir o seu nome na occasião de lhe conceder a palavra que elle pedíra para algum discurso, e, em vez de Sebastião, chamava-lhe Simão.

— Tem a palavra o senhor Simão...

E quando ía a acrescentar «Ribeiro de Sá» já o auctor da *Desmoralisação e o seculo* lhe acudia com a emenda:

— Sebastião, Sebastião...

— Quê? dizia Rodrigo, como que não tendo percebido bem.

— Não sou Simão, sou Sebastião.

— Ah! Queira perdoar-me! Tem a palavra.

E rompia o orador o seu discurso, sempre em es-

tylo altisono, que ainda mais contrastava com a *chanternidade* de abrir errata aos equivocos do presidente.

De uma occasião, e foi a ultima vez em que o celebre estadista se deixou vencer da teima de gracejar sobre este ponto, Ribeiro de Sá, que havia faltado ás duas ou tres ultimas sessões da *Philomatica,* por motivo de doença, pediu a palavra para dar parte d'isso á mesa, e disse-o n'este tom romantico:

— Senhor presidente! Erguendo-me apenas do leito da dor...

Rodrigo da Fonseca não pôde esperar mais:

— E então agora vae melhorzinho, senhor Simão?

O orador d'essa vez retorquiu com voz de stentor:

— Sebastião, senhor presidente, chamo-me Sebastião!

Rodrigo acceitou a emenda, os philomaticos sorriram, e Sebastião Ribeiro de Sá não tornou mais a ser Simão.

A fama d'essas sessões memoraveis chegára ás escolas; uns poucos de mancebos, impressionados pelos triumphos do talento, pelas seducções da eloquencia, pelas victorias da argumentação, emprehenderam fundar tambem um club. Ajustou-se, combinou-se, preparou-se, levou-se a exito; realisou-se tudo, menos o titulo.

— O titulo depois se resolve! disse Antonio Schwalback.

— Qualquer titulo serve! ponderou Nuno Pacheco.

— Apoiado! disse Manuel Roussado. Chame-se-lhe *Phoco-litteraria!*

— Bravissimo! gritou José Pedro Nunes. *Sociedade phoco-litteraria:* sessões aos domingos, tarde e noite. Hoje é quinta, temos diante de nós sexta e sabbado: d'aqui a dois dias primeira reunião!

— Para discutir os estatutos!

— Seria bom fazel-os primeiro!

— Velho systema. Vamos discutil-os antes, depois os faremos!

— Domingo!

— Domingo!...

Grandes apertos de mão, grandes abraços, promessas de fidelidade á luta e de coragem para a lida.

— Fundemos a gloria!

— Viva a *Phoco-litteraria!*

— Para sempre!

— Viva!...

Viveu.

N'um velho casarão dos Anjos inaugurou-se este club por excellencia.

Ás tres horas da tarde os irmãos Pacheco, Caetano e Nuno, já hoje morto um d'elles, Caetano,

e o outro vivo, magnifico, official de artilheria, passeavam no seu solar, pé cá, pé lá, esperando a chegada dos convidados.

— Nuno! dizia gravemente Caetano a seu irmão. É natural que te elejam secretario. Escreves com facilidade, tens grande facundia de expressão, amas a gloria e o perigo, e és de tenra idade. Todos estes dotes favorecem o futuro de um secretario. Habitua-te desde já á idéa de que d'aqui a bocado estarás talvez gosando das regalias d'este cargo, e manda comprar papel almasso, do bom, do azul, pautado se quizeres, para fazeres a acta!

Nuno não precisou ouvir isto duas vezes, e foi elle proprio á tenda proxima escolher papel e pennas. As pennas, o papel e elle a entrarem em casa e os socios da *Phoco-litteraria* a irem chegando.

Os visitantes para maior regularidade annunciavam-se a si mesmos.

— José Elias Garcia! dizia um.

— Francisco Frederico Hopffer! dizia outro.

— João Felix Pereira!

— O Africano!

— O Cunha!

— Simões, do Algarve!

— Manuel José Ribeiro!

A pouco e pouco chegaram os socios. Installou-se a mesa. Abriu-se a sessão.

Os discursos foram incendiarios. Disse-se mal de

tudo, leis, instituições e prendas. Um dos socios, Cunha, um Cunha da escola polytechnica que morreu tisico logo no outro outono, entendeu que era bom igualmente dizer mal da arte oratoria, e accusou, como se fôra um crime, o fallar bem. Tinha elle proprio grande dom de palavra, e o seu discurso originalissimo ainda se tornou mais excentrico pelas faculdades de eloquencia em que primava.

— Fallar em publico! Fallar bem! dizia elle. E chamam a isso uma arte, sobre util, digna! É um mal, senhor presidente. Onde poderá levar-nos esta deploravel diligencia de nos fazermos oradores? Viremos a conseguir, se triumpharmos, dar calor, força, animo ao erro, á má fé; a eloquencia é uma arma funesta, é um instrumento perigoso. Só falla bem o homem que diz o que é preciso, chãmente. Fallar bem; que detestavel habilidade! Dar á verdade os artificios que só convem á mentira, e apresentar a mentira armada e enfeitada a fingir que é verdade! Nem ha cousa peior para a liberdade, senhor presidente...

— Apoiado!

— Para a justiça...

— Apoiado!

— Para a philosophia; até para a philosophia! Andam por ahi uns impostores a imitar os gritos da natureza, a fingir o que não sentem e a desprezarem a linguagem do senso commum; apparece de-

pois na camara um declamador politico, e apaga os cidadãos modestos que discutem os interesses publicos sem balburdia de adjectivos: estamos bem servidos se o futuro d'este paiz...

—A minha patria! gritava José Pedro Nunes.

—A minha terra natal! dizia outro.

—Não esqueça o Tejo...

—*De crystal,* acrescentava o orador; e proseguia com seriedade. Estamos bem servidos se a minha terra natal...

—Nobre Portugal!

—Se este nobre Portugal tem de estar á mercê de um deputado palrador! De mais a mais a eloquencia seduz principalmente quem não sabe nada. Os deputados, tenho horror a dizel-o, senhor presidente, não sei se diga...

—Diga!

—Diga! Diga tudo!

—Digo tudo? Direi, para dar um exemplo ao mundo. Os deputados que fallam bem, senhor presidente, quando se encontram cara a cara, piscam o olho uns para os outros com o sorriso infame dos auruspices de Roma! Para que estamos nós aqui a aprender a fallar bem? É para enganar o povo? Respondam, respondam-me, que é o que eu quero. A segurança social, a magestade das leis e dos direitos, senhor presidente, aconselham e exigem que evitemos o fallar bem!... Lede a historia, senho-

res, lede a historia de um governo representativo qualquer, seja qual for, todos servem, e vereis quantos estadistas começaram por ser declamadores populares para conseguirem armar melhor poleiro á sua venalidade. Perguntae aos povos o que ganham elles, o que têem ganho sempre com essas metamorphoses odiosas! Que diabo tem feito a eloquencia? Pela liberdade, por exemplo, que tem essa carocha feito em favor da liberdade? Que estados preservou da ruina, a que povos quebrou o jugo? Sempre quero agora ver, senhor presidente, se o Guilherme Tell era eloquente, ou se a emancipação da America se deveu aos oradores! A prenda de fallar bem póde levar-nos a tudo, senhor presidente; até ao crime!

— Peço a palavra!

— Peço a palavra!...

— Peço a palavra! Com urgencia! A palavra!...

Foi grandioso. Havia iras e gargalhadas: dois foram para a rua jogar a pancada; a vizinhança estava toda pelas janellas, aterrada.

Nuno Pacheco dizia:

— Isto não póde continuar.

E Manuel Roussado:

— Ao contrario. Isto vae menos mal. Mas precisâmos um caso. Matar a mesa!

— Apoiado! Matar a mesa!

O presidente fechou a sessão.

O que é feito hoje d'esses socios do temivel club *Phoco-litterario?*

Os que não estão mortos, estão illustres, quasi todos. Aposto, por exemplo, que o leitor soltou agora um vivo sorriso, quando leu o nome de Roussado, hoje barão, e nosso consul em Bordéus.

Era preciso ver Roussado, n'esses tempos, no botequim do Suisso!

Roussado vivia ali de tarde. Elle teve sempre a mania, a indispensabilidade, da chavena de café; não podia passar sem isso. Sopa e café eram os seus pratos, o seu copo, o seu acepipe. Comia bem, bebia bem, gostava da cozinha do Escoveiro, elogiava-a com sensatez:

—É pyramidal! O Escoveiro é no tempo em que vamos o unico cozinheiro de caçarola!

Apreciava os guisados; inventou a ostra de fricassé; protegeu largamente os destinos da eiroz grelhada, que n'essa epocha ainda mal saía das faxas infantis; assombrou por vezes o capitão Ferreira, proprietario da hospedaria da Bella Estrella, na rua da Prata, pela serenidade com que conhecia o fraco ás aves e as trinchava e destruia por modo especial; a salada deveu-lhe muito; o camarão e a lagosta eram-lhe dilectos; conhecia os direitos que tem o doce a ser engulido, sem perturbação, logo em seguida ao assado; entrava pelo queijo como quem se compraz nos rasgos do des-

embaraço e da ousadia; e, para as fructas, era um *praxista,* como se costuma dizer d'aquelles doutores em direito, que sabem de cór e salteado os artigos do codigo, e não se enganam nunca na occasião opportuna.

Mas a sopa...

A sopa!

Essa foi durante muito tempo a paixão dominante n'elle, das tres horas da tarde ás cinco.

Depois, findo o jantar, Manuel Roussado encaminhava-se, com a gravidade imperturbavel que todos os seus contemporaneos lhe admiraram, por aquelle Rocio fóra, até á casa do Suisso.

Este suisso, John se chama elle ainda hoje com a mesma teima antiga de se chamar como um inglez, não sei se ainda é dado á litteratura, mas n'esse tempo dava-se muito bem com os jovens litteratos. O ser joven hoje já não presta, e creio que não existe, mas eu conservo a palavra, apesar de archaismo. Aquella foi a epocha dos jovens:

O joven Rodrigo Paganino.

O joven Silveira da Mota.

O joven Matheus de Magalhães.

O joven Arthur Napoleão.

O joven Sebastião José de Carvalho, hoje visconde de Chancelleiros.

Os jovens Fontana, Galeazzo e Achilles.

O joven Campos Valdez.

E um ou outro, que eram mais adiantados na nobre estrada das letras, das artes, ou da vida, mas que, por uma concessão graciosa, ainda se gosavam d'esse titulo honorifico:

O joven Francisco Palha.

O joven Bulhão Pato.

O joven Rodrigues Cordeiro.

Et cætera.

Alguns escapavam a esta designação, o que os dispensava mais tarde ou mais cedo de levarem baixa de posto, e aguentavam-se com um diminutivo galante no appellido.

Rebellinho (Luiz Augusto Rebello da Silva).

Cordeirinho (Ricardo Cordeiro).

Campinhos (Luiz de Campos).

E este seu venerador, que foi durante annos Machadinho, e envelheceu primeiro em *inho,* estando agora a envelhecer em *ado.*

No Suisso formigavam jovens, e a litteratura regalava-se de ter ali um viveiro de neophytos.

Á mesa do canto, da direita, fizemos nós, annos depois, um jornal. Um verdadeiro jornal! Com redacção e administração; um jornal que se imprimia, um jornal que se publicava! Chamou-se-lhe o *Folhetim.* Tinha artigos de theatro de Roussado, um romance de Pedro Freire de Almeida; as revistas de Lisboa fazia-as eu. N'essa mesa se escreviam os artigos, o que lhe dava fóros de escriptorio de re-

dacção, e ali tratavamos com F. P. B. Nogueira, hoje director do *Jornal das damas,* e que era então nosso administrador, o que a tornava tambem em escriptorio de administração.

Roussado pedia o seu café, explicava a idéa do seu artigo e escrevia-o, conversando.

Não se apressava.

Molhava vagarosamente os labios no café, que estremecia de orgulho; saciava saborosamente sua vasta sêde n'um copo de agua que lhe traziam sempre na bandeja, e que tambem ondeava de prazer; enxugava a bôca, para não deixar humida sua ampla barba, e anediava-a com o guardanapo, ainda por desdobrar, o qual guardanapo parecia tambem tremelicar de jubilo ao seu contacto.

Depois, encaixava a luneta no olho direito, dardejava para fóra da gola a sua cabeça grande e maliciosa, com uma melena omnipotente a brincar-lhe na calva, despedia um olhar olympico sobre o dr. Barreiros que estava sempre a jogar o dominó n'uma mesa ao lado, atirava outro olhar profundo para o famoso John acocorado ao balcão, e fumando no seu cachimbo, inclinava-se sobre o papel que pulava de contente, e começava a escrever...

Roussado era já, como foi sempre para a vida de rapaz, Manuel Roussado; no trato official foi Manuel Lourenço Roussado, desde 1852 em que foi em-

pregado na secretaria da procuradoria geral da corôa, até 1870, em que principiou a ser barão de Roussado.

Era a alegria em pessoa.

Faceto, bem disposto, nedio, pimpão, namorista, armando bem o soneto, deleitando-se com o epigramma. Esse homem resistiu commigo muito tempo á desmoralisação do seculo, mas não á da bolsa, e por isso emprehendemos, alem d'esse jornal, varias emprezas litterarias de que o tempo com a sua ingratidão apagou hoje a memoria.

Tivemos, por exemplo, com Eduardo Tavares e Nicolau de Brito um jornal em Cacilhas!

E esta!

Um jornal chamado o *Almadense,* que se publicou por mais de dois annos, e que mereceu n'um artigo de Tavares as honras de se referir a elle o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, n'um artigo da *Revolução de Setembro,* que n'essa epocha dava as cartas em tudo, politica, letras e noticias.

O escriptorio do *Almadense,* uma lojasita em Almada, que Eduardo Tavares tinha alugado por uma nobre ostentação jornalistica, era situado no largo, junto da igreja, e servia para os redactores dormirem pelo tempo das festas do S. João e dos cyrios da Atalaia; no resto do anno estava fechada, e nunca houve exemplo de ir um assignante perturbar o silencio d'aquella moradia. No vapor é

que se tratava tudo, e no caes. O nosso distribuidor era um burriqueiro; quando elle tinha mais que fazer, distribuiamos nós a folha por aquella rua de Cacilhas adiante, Nicolau de Brito pelas casas da direita, eu pelas da esquerda, Roussado pelo meio da rua ás pessoas que vinham ou íam. Eduardo Tavares, de lista de assignantes na mão, ía-nos indicando os numeros das portas onde deviamos bater, e o nome a quem era destinado o periodico.

Foi uma grande publicação. Só o que ali se moeu a camara de Almada por causa de um boi que entrára no cemiterio, por ver a porta aberta, e fôra tasquinhando na relva que encontrou por aquelle campo dos mortos! Vimos n'isto um desacato horroroso, e Tavares, que já n'esse tempo se destinava á politica, deu áquella respeitavel camara as primicias da sua austeridade e intransigencia, que mais tarde no parlamento se têem feito sentir de vez em quando.

Roussado era, n'esse tempo, auctor de muitas obras que havia de fazer: as *Metamorphoses de um cidadão*, um romance *Os agiotas de Lisboa*, etc.

Mais tarde, depois de collaborar no *Echo das provincias*, no *Nacional*, no noticiario da *Revolução de Setembro*, — muito chistoso n'esse tempo — escreveu para o theatro do Gymnasio uma revista *Fossilismo e progresso*, satyra aos acontecimentos do anno de 1855, em que se brincava com tudo e com todos,

o que incommodou a auctoridade, que foi prevenir o ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, de que havia lá um grande desacato.

— Seriamente! exclamou Rodrigo.

— O mais serio possivel.

— Vejam lá! E que vem a ser esse desacato?

— Metter á bulha um grande do reino, um homem illustre...

— Qual homem?

— O marechal Saldanha, senhor, o marechal Saldanha!

— E o marechal deu cavaco com isso?

— Não sabemos por emquanto; mas é natural.

— E a cousa tem graça?

— Sim, a peça é chistosa.

— Pois então, sabe o que havemos de fazer? Eu lh'o digo. Tirem da comedia o marechal, e mettam-me a mim. Mettam-me a mim, já lhe disse, senhor governador civil; não me importa isso para nada: e até me é agradavel, se a peça diverte o publico e dá lucros á empreza, ajudar o gosto e o interesse de ambos.

D'ahi em diante em vez do marechal, apparecia na revista o Rodrigo.

Homem impagavel, homem completamente especial para tudo que era ter graça. Vi-o uma unica vez na minha vida, e está a parecer-me que ainda foi hontem, tão viva é a impressão que me deixou.

Eu encontrára Sousa Almada, que ía apresentar-lhe os inundados da Madeira, em 53 ou 54; o desejo que eu tinha de ver Rodrigo da Fonseca, levou-me a perguntar a Almada:

— Ha duvida em que eu vá comsigo?

— Nenhuma. Venha d'ahi. Vossê não quer ser apresentado tambem como inundado?

— Não. Quero só ver o Rodrigo.

— Ah! Muito bem. Vamos ver o Rodrigo.

Fomos. Entrou o Almada, adiante das victimas; disse o que quer que foi a Rodrigo da Fonseca; depois um dos inundados, homem magnifico, de uma robustez que tornava natural que elle resistisse a toda e qualquer inundação, encetou uma allocução que trazia preparada e que principiava por este modo:

— Senhor: estamos padecendo...

Rodrigo interrompeu-o brandamente:

— Ponha soffrendo; padecer, é soffrer com paciencia, e se os senhores a tivessem não haveriam vindo até cá!

Era um typo de comediante.

Nascêra actor.

Tinha todas as prendas de engenho e malicia, todos os dotes de expressão que o theatro exige.

De uma occasião respondeu na camara a uma accusação da imprensa — simplesmente lendo o artigo.

Lendo um artigo de accusação, entenda-se bem!

Por tal maneira foi cortando as phrases, accentuando, dividindo, fazendo pausa, e acompanhando a leitura com gestos e attitudes intencionaes, que n'isso mesmo ía o melhor commentario e a resposta mais breve, mais concisa e mais graciosa.

Garrett conhecia-o tanto a fundo, e entendia-lhe por tal arte as astucias, que, encontrando-o em caminho das côrtes n'um dia em que contava fazer-lhe uma interpellação, e vendo-o de repente dar-se ares de achacado, abordoando-se vagarosamente á bengala, parando a miudo como que fatigado, e tomando a respiração com a difficuldade e canceira de um homem que vae indisposto de saude, ou está alquebrado de annos ou desgostos, disse-lhe, sorrindo, como de auruspice a auruspice:

— Hoje *vaes* de velho?

Apesar de dissentirem e se separarem de vez em quando, estes dois homens queriam-se muito, e comprehendiam-se. Era o poeta, e o comico. N'uma sessão em que Rodrigo queria evitar que Garrett tomasse a palavra, foi sentar-se ao lado d'elle a titulo de querer contar-lhe, ou saber d'elle, não sei o quê. Garrett respondia-lhe a principio um pouco distrahido: seguia a sua idéa, mais do que o escutava; depois Rodrigo dizia-lhe cousas com graça, dava-lhe logar a alguma boa resposta, e assim o ía entretendo. De repente, como que impressionado, fixou muito as calças do auctor de *D. Branca:*

— Que bonitas calças que tu tens!

— Não são feias! disse Garrett sem maior attenção.

— Não são feias? São muito bonitas. Eu não sei, tu tens um gosto especial para te arranjares...

— Ora, adeus!

— Tens. E, senão, é olhar: todos nós temos calças, vês, eu, o Xavier da Silva, o Avila, o Pereira dos Reis, todos; vê se ha algumas aqui tão elegantes. Onde compraste tu isso?

E Garrett ía principiando a responder-lhe, mas, de repente, entendeu-o, e largou a rir:

— Vae-te embora d'aqui. Já me distrahiste de ouvir o que se está dizendo, e talvez eu tivesse querido responder...

— Para evitar isso é que eu cá vim!

E largaram ambos a rir.

Para um homem d'estes, a revista de Roussado não poderia ser uma inquietação; dar-lhe-ía porventura, isso sim, vontade de collaborar n'ella!

Essa epocha ainda estimava o riso.

Estimava-o tanto, que, á falta de auctor nacional que a divertisse, lia constantemente romances de Paulo de Kock, traduzidos por um tal Nery, que tentou de uma vez fazer obra por sua conta com os *Oculos da velha,* verdadeiros oculos... para ver ao longe, porque de perto faziam dormir.

As obras de Paulo de Kock foram a primeira em-

preza lucrativa de traducções em Portugal. Publicavam-se em cadernetas de 64 paginas, a pataco, em papel medonho: mas foram moda.

Não se fallava senão de Paulo de Kock! Só de lhe ler o nome, já a gente desatava a rir!

Por fim de tudo, era justiça.

Em todos os tempos os francezes, diga-se até em consolação das suas desgraças de hoje, fizeram cousas notaveis; deitaram thronos de pernas para o ar, armaram revoluções, ganharam e perderam imperios; mas lá como o *Coitadinho,* isso é que nunca fizeram nem tornam a fazer!

Paulo de Kock não foi só o romancista mais popular de França e de Navarra: chegou a ser como que um auctor de cá, um auctor nosso!

O chiste dos seus romances estava logo no titulo *Este senhor, Sem gravata* e o *Filho de minha mulher:* a graça dos personagens principiava-lhes no nome e no emprego, era o Robineau, era o Robinet, era a Fifina, era a Zizina: e um faz barretes, e outro é confeiteiro, este pinta taboletas, aquelle faz lamparinas, é negociante de melaço, é salchicheiro: todos ás cambalhotas, cáem d'aqui, d'acolá se levantam, em grande risota, a tirarem o fato a maior parte do tempo, mesmo aquelle que o pudor inglez chama indispensavel...

Vivemos muito tempo n'aquellas ranchadas; já conheciamos os chalinhos, as toucas das *grisettes,*

as botas de cutim crú, as idas ao campo, o amor, de burrinho, a trotar pela floresta de Montmorency... Tratavamos pessoalmente com o sr. Dupont, Georgeta, a leiteira de Montfermeil, Gustavo, tudo gente que andava aos tombos, mas que sabia caír como soldados de cartas, sem se fazerem mal, e por cima de louças, por cima de vidros, de cabeça para baixo e pernas para o ar, pelos telhados, pelos subterraneos, pelos esconderijos!...

Grande homem, que inventou os burguezes e os sucios, deu lingua aos patuscos, aos lojistas, aos vendilhões, ás adelas, á rapaziada; e só não fez caso dos ladrões, deixando-os ao Ponson du Terrail para viver d'elles e tirar subsistencia e fama d'essa cambada fusca e suja! No dia em que chegava a caderneta, tinha Lisboa a certeza de estar umas poucas de horas a rir: não com aquelle riso delicado, que volteia por um momento nos labios e foge, mas o riso grosso e espalhado da jovialidade caseira, promovido por aquelles personagens de viver meio bruto, meio phantastico; caricaturas a carvão n'um muro tosco, mas com toques de artista.

Ninguem se importava de saber se eram verosimeis aquelles casos; tinham-se por verdadeiros, que ainda era melhor: a verdade nem sempre é verosimil. Quantas cousas por cá mesmo succederam sempre n'aquelle genero! Não ha ninguem, que não conheça alguns d'aquelles typos de os ter encontrado;

que não haja assistido a alguma scena, que lhe caberia a elle por direito de invenção.

Não nomeio, por exemplo, o caso de um sujeito, porque não é de uso apontar a dedo; mas chamemos-lhe o *sujeito*. Tem sido um caçador de dotes; tem passado a vida a requestar ora as inscripções do pae de uma, ora os predios do pae de outra, sempre em procura de uma posição... marital. Talvez cuidem que é por ser feio que ainda não apanhou nada? Não é tal; insignificante sim, mas pendendo para bonito.

Andava fazendo a côrte a uma menina, que não parecia insensivel ás suas attenções, e chegou a fazer inveja a uns rivaes que juraram pregar-lhe alguma. Passava-se isto no meio de um verão, no campo, onde a menina estava com a familia a ares. A familia tinha muitas visitas, como succede sempre nas casas em que ha herdeira rica. Era gente agradavel; passeiavam, umas vezes a cavallo, outras a pé; tocava-se piano, conversava-se; passava-se bem: entretanto, apesar do bem tratado que ali se era, obrigavam ás vezes as conveniencias a privar-se uma pessoa das commodidades mais indispensaveis á vida...

De uma vez, íam todos passeiando de ranchada, estava o tempo lindissimo, puro, sereno; céu sem nuvens; banhava-se a terra n'uma atmosphera de mocidade e de amor; renascia, sorria tudo na natu-

reza: tudo, excepto o *sujeito,* que havia já um pedaço que se achava absorto em cuidados, como que contrafeito, olhando para um lado, para o outro, olhando principalmente para os cantos, até que descobriu um coio, que lhe agradou, e esquivou-se com tal presteza que nem se deu pela sua ausencia. Talvez fosse melhor deixarmol-o nós... ir só. Mas, não ha remedio senão seguil-o!

Só passados instantes, os amigos, para não dizer os rivaes, principiaram a scismar no que teria elle ido fazer. Para o *sujeito,* no canto, ía tudo o melhor possivel, e não seria capaz ninguem de ir dar com elle na balseira onde estava encoberto, a não ser uma circumstancia fortuita que revelou aquelle segredo cheio... de horror.

Chamam-se folosas uns passaros pequeninos, muito mais pequenos até do que pardaes, que dão o cavaco por depenicar figos. Junto do tal esconderijo de silvados onde se occultára o *sujeito,* havia uma figueira, e as maganas das folosas deu-lhes n'aquella occasião a vineta de se irem a ella.

Avista-as um do rancho, e diz ás senhoras e aos homens:

— Olhem que de folosas, alem! Quem vae atirar-lhes, sou eu!

Ainda as senhoras disseram que deixasse os passarinhos, que não fizesse mal aos que são viventes, que é ter mau coração ser caçador; mas o homem,

teimoso, vae n'um pulo buscar a espingarda, volta, faz pontaria, e ía já o tiro a partir quando o *sujeito,* espreitando pelas silvas da balseira, vê o perigo que ameaça sua estimavel pessoa.

O medo faz esquecer as precauções mais necessarias. O homem não se lembrou de mais nada senão do tiro, e largou a fugir com quantas pernas tinha. Por não haver outro retiro, e ser tudo descampado, teve de ir correndo por ali fóra, um pouco á fresca e sem ceremonia, como se o tivessem ido acordar á cama no melhor do seu somno.

Imaginem que risota, que caçoada, que falsa posição para o *sujeito,* a quem a menina nunca mais pôde ver sem rir, a quem toda aquella gente ficou chamando: «O folosa» por ter estado por um triz a ser caçado, e que teve de renunciar á conquista e voltar para Lisboa conversando com os seus botões... já mettidos nas casas...

É isto, ou não é, um verdadeiro capitulo d'aquella obra, uma scena que parece inventada em qualquer d'aquelles romances excepcionaes, anomalos, subversivos, mas de que toda a gente gosta, porque os leitores são como a fortuna, gostam dos audaciosos, e não ha ninguem que não tenha rido com aquellas farçadas titanicas, promettescas, que revelam passos de gigante na amplidão e ratice, aquillo a que a gente costuma chamar uma boa asneira, que vale mais do que chalacinhas laboriosas e delambidas.

Ainda quiz por ahi algum urso espalhar d'esse auctor a fama de immoral. Fortes virtuosos! Vejam se a alegria é immoral, e se é immoral o quadro da mocidade galhofeira e sadia, raparigas ageis e coradas, e rapazes que são umas flores, sempre contentes, quer tenham dinheiro quer não, engraçados, namoristas, tropa de leva, jovial e intrepida, salta aqui, salta ali, gostando de mulheres que se pellam, e não fazendo mal a ninguem. Isso é lá ser immoral, grandes asnos!

Nem Ramalho com as traducções de Walter Scott, nem os irmãos Castilhos com o *Judeu errante* e os *Mysterios de París* levaram á palma em popularidade ás cadernetas do traductor Nery, que vivia a tal ponto dentro da pelle do auctor francez, que se fez um dia romancista só por não encontrar já romances d'elle para traduzir; mas Paulo de Kock pagou-lhe mal: não o traduziu a elle; provavelmente para não se expor por esse modo a fundar uma amisade litteraria... *traduccional!*

A fabrica de papel da Abelheira, as typographias, os distribuidores, os brochadores, os livreiros, toda essa gente durante annos comeu e bebeu da *Irmã Anna,* do *Homem dos tres calções,* da *Magdalena,* da *Mulher, marido e amante.* Nos gabinetes de leitura custava a dar aviamento a quem pedia a *Casa branca,* o *Barbeiro de París, Nem sempre nem nunca, Um rapaz encantador,* e o *Amante da*

lua; era a loja cheia de gente a gritar pelo *Homem da natureza* e pelo *Vizinho Raymundo.*

Ali mesmo faziam conhecimento uns com os outros, aquelles leitores; gente amiga de rir: ficavam para sempre amigos; cada um lembrava seu caso, largando todos ás gargalhadas quando se citava o entornar dos espinafres nas calças brancas, o gato pendurado á campainha da porta ou aquella desculpa do marido quando a mulher o achava sem camisola de malha!

— Que fizeste tu á camisola de malha?

— Que?

— O que fizeste tu á camisola de malha?

E o marido embuchado como se comesse um marmello:

— Á camisola?...

— De malha?! Levaval-a vestida quando saíste; agora recolhes e não a trazes!

— Já não sei! Ah! Pois não foi outra cousa...

— O que lhe fizeste?

— Esqueceu-me em casa do tabellião!

D'esses leitores todos, sabem quem foi o herdeiro?

Manuel Roussado.

Apanhou-os por outra arte, mas apanhou-os.

Deu-lhes boa pilheria, uma alegria pantagruellica, uma ebriedade de riso que não ía a copinhos de licor, nem a decilitros, mas a canadas, gargalhada de se alargar o fato ou de estoirarem as costuras.

Dotado de um talento extraordinariamente comico, já n'aquelles annos em que eramos rapasitos Roussado fazia as nossas delicias pelos recursos chistosos do seu cavaco. Conservou-se muitos annos sem pachorra para firmar com o seu nome um livro que desse a medida da sua vocação, até que um dia o poema *D. Jayme* de Thomás Ribeiro teve artes de fixar a attenção d'esse supremo distrahido, que não dava sequer por si.

A sua parodia *Roberto* não tinha por unicas ambições suscitar o riso, que alguns auctores conseguem mais facilmente... quando estão serios. Havia merecimento n'aquelles gracejos; aproveitou com atticismo as situações do poema, sem abstrahir da poesia, e deixando sentir a par dos dotes da graça os da imaginação. Registemos, por exemplo, este trecho, um dos logares do poema em que melhor se accentuam as condições litterarias que o distinguem:

Bem custa o pesadelo de uma noite,
soffrido em contorsões de ancias terriveis,
nos fumos de carneiro tormentoso,
sobre má digestão!
quando as vagas do sangue procelloso
batendo como açoite
co'as rapidas marés do coração,
o põe em mil corcovos desiguaes!
Quando os roncos de tripas turbulentas
lembram mula manhosa entre os varaes!

Bem custa o pesadelo de uma noite,
levada a ver da cama
longas scenas de horrivel melodrama,
que representa uma indigesta ceia,
e a phantasia a produzir comparsas,
e o vinho a referver de veia em veia!

O silencio do quarto abre-se em vozes,
roucas, profondas, engrolando o *requiens*,
para extrahir de um morto os maus peccados.
A solidão povoa-se de gente,
morto, prior e sacristão na frente!
seguem atraz os gatarrões pingados.

E o misero mortal ardendo em sede,
da cama se esqueceu e o solho mede.

Acorda no sobrado o agonisante,
olha, escuta, espantado,
os moços do *Lagoia!*
Estende a mão... encontra a lamparina!
Pergunta quem morreu, falla ao finado,
responde-lhe uma voz, ao longe, e fina,
do gato esperto a remiar distante,
unico som, na casa entregue ao somno.
Suor quente lhe escorre da camisa,
alagando-lhe o peito chammejante,
pelo chão deslisa.

Ao morto quer fugir, não póde vel-o;
sob a roupa se furta, os olhos cerra,
mas não se furta a novo pesadelo;
carneiro com batatas não dá treguas,
se conversa comnosco!

Transfigura-se o quadro. Os vultos negros
transformam-se em credores,
severos, asp'ros, brutos, furibundos;
são dez, e vinte, e cento, e mais, e innumeros,
compridos, curtos, magros e rotundos;
e juntam-se, recrescem, multiplicam-se
juros, penhoras, qu'relas e sentenças;
e o carneiro tenaz, que tudo cria,
sobe, desce, resalta e se mistura,
c'o as sombras da torvada phantasia.

E o misero mortal ardendo em sede,
da cama se esqueceu, e o solho mede.

Passada a noite longa da agonia,
doutor com toda a luz da medicina,
vem achar os signaes d'essa tormenta
nas olheiras da face macilenta,
e curar os estragos do carneiro
c'o a mistura salina.

E que serão doze annos de agonia?
doze annos de sonho tormentoso,
doze annos c'o a bolsa erma de pintos,
doze! doze! sem ter da fama o goso?
sem *cavaco* no *Gremio Litterario*,
sem um sorvete á noite no *Martinho*,
sem um copo do *termo* no *Penim*,
sem bailar em nenhum noticiario,
sem ouvir da *Canaria* agudo grito,
sem nome no *Almanach de Lembranças*,
sem ter á perna um dia o *Braz Tizana*,
sem occupar o estro do *Agapito*,
sem cousas estudar transcendentaes,
sem habito da ordem—*San-Thiago*,
sem nas côrtes ouvir *Ze de Moraes* !

E assim por diante, com uma facilidade chistosa, uma jovialidade pittoresca, e sempre em antithese constante entre o tom alto do verso e a galante miseria do assumpto.

Nos folhetins do *Diario popular* affirmou elle durante dois annos a veia comica e critica que o caracterisava; era a graça portugueza na sua corda boa. Havia no talento d'este escriptor o que quer que fosse de José Agostinho de Macedo sem a brutalidade, o que quer que fosse de Bocage sem a melancolia.

Nos tempos da *Phoco-Litteraria* elle era um pimpão pequeno, todo emproado, muito curioso. Com um grande jalecão, dos que se usavam n'essa epocha, que não chegava bem a polka nem a quinzena; e um chapéu de palha... Estou a vel-o. Hombros largos, braço arqueado, pescoço atochado e curto, grande colleirinho e grandes punhos, um ar de facundia por ahi alem, já dizendo chistes e fazendo sonetos. E o caso é que com os sonetos e os chistes é que elle arranjou a sua vida. Tratou de todas as questões entre dois charutos, e em quatro meias columnas de um jornal, cada uma da largura de tres dedos, creou os Possidonios e matou-os. Teve uma preguiça sua, especial, privativa — a preguiça animada. Deu, por fim, tudo isso em dois milagres, n'um consul que trabalha e n'um barão que é esperto!

Turris eburnea, ora pro nobis!

Quando a *Phoco-Litteraria* suspendeu as suas sessões, a casa dos irmãos Silveira da Mota foi por algum tempo um pequeno cenaculo de litteratos que estavam a crescer, e que ainda não faziam a barba. Ignacio Silveira da Mota teve desde tenros annos o amor das letras e do estudo, e uma arca enorme onde arrecadava um numero illimitado de *Condes de Monte Christo*, obra para a qual assignava por uma alluvião de exemplares, para ler ora um, ora outro.

Lá conheci eu:

José Carlos dos Santos.

Pedro Maria da Silva Costa.

José Gama.

Luiz de Araujo.

Rodrigo Paganino.

Andavamos todos pela mesma idade, quatorze, quinze annos, e escusado é dizer que já eramos todos litteratos. Um havia feito seis grandes dramas de duas folhas de papel almasso cada um; outro tinha uma excellente comedia e uma *excellentissima* opera comica, promptas e á primeira voz para serem representadas em qualquer dos theatros: este extrahia uma peça do *Conde de Monte Christo*, e, quando digo que a extrahia, era como se a *prégasse:* aquelle planeava um theatro, formava a companhia, estabelecia-se primeiro actor, e figurava entre si um

repertorio e mil triumphos; aquell'outro, em vesperas de partir para Coimbra, delineava as suas impressões de viagem, riquissimas de sentimento nacional, e já traçava para o fim do segundo capitulo o subir da serra do Alfazeirão, vendo ao longe a lagoa de Obidos e o oceano; no terceiro, o ir de madrugada pelo valle de Alcobaça; no quarto, ao passar pelo velho monumento, dar uma lagrima e um pensamento áquella que ali repousa e que

Depois de morta foi rainha;

no quinto, chegar a Aljubarrota e ir-se logo a um trabalhador campesino, atropelando-o de estylo:

— Pegureiro?

— Deus lhe dê muito bons dias!

— Que elle seja comtigo, ancião. Narra...

— Se o boi marra? Não, senhor.

— Refere, te digo, o que saibas com respeito ás perguntas que endereçar-te vou.

— Que ha de querer?

— Infanção qual me lobrigas, nutro seccuras de saber, e arde em meu peito a poesia.

— Ó filho, olhe que a agua aqui é rica; beba da bilha á sua vontade, pegue lá!

— Não, rustico velho; de maior tomo é meu empenho. Dize-me, onde poderão minhas avidas vistas enxergar aquella pá que tão esforçadamente manejou Brites de Almeida?

— Isso dizem que está lá arrecadada na casa da cam'bra.

— A ella me vou!

— Vocemecê vem para lá empregado?

— Não, camponez vetusto. Visito em peregrinação os logares notaveis, e ainda esta tarde me irei de partida a contemplar o grande monumento da nossa gloria, aquelle poema de pedra, aquelle cantico de Affonso Domingues...

— D'esse não dou noticia. Elle ha ahi para riba um que é barbeiro, só se é esse.

— Esse que, vilão?

— Esse Domingos.

— Fallo-te de Santa Maria da Victoria, fallo-te da Batalha, que ha de ser o sexto das minhas *Impressões*...

— Vocemecê, menino, vae para a familia?

— D'ella me parti. Quando o sol nascer mais tres vezes, haverei chegado ao fim da minha romaria.

— Foi promessa?

— Vou para o Pateo, ancioso de que chegue a hora de me curvar reverente diante do frontispicio de Santa Cruz, monumento mais velho que tu, pegureiro, monumento que nasceu com a nossa independencia, e me aguça uma curiosidade de sete seculos. Deus se amerceie de ti, ancião!

— Ora pois, passe muito bem!

Oh! ultimos dias do romantismo, do enthusiasmo e ardor de boa fé, da esperança e crença litteraria, da paixão pela poesia, pela arte, pela gloria; como tudo isso já lá vae ao longe! Todos os generos de litteratura, e tambem qualquer que não chegasse a sêl-o, viviam á vontade. Era a novella, o romance, a ballada, o rimance, a lenda, o mysterio, o idylio, a xacara. Todos os dramas vinham recheados de testamentos, que ora se perdiam, ora tornavam a achar-se, rasgados ás vezes, de outras vezes queimados: certidões de baptismo perdidas, encontradas d'ali a tempos: andatas para um lado e para outro, surprezas, traições, resurprezas e retraições, venenos e revenenos: tudo capaz de endoudecer um homem. A companhia do theatro de D. Maria, estabelecida n'esse tempo em sociedade, dava frequentes recitas de beneficios vendidos, e havia sempre, á porta, bilhetes a pataco. Caíamos lá todos aos sabbados, por não haver aula no dia immediato, podermos retirar-nos com maior urbanidade dos quatorze actos do *Mercado de Londres, Mysterios de París, Estalagem da Virgem, Trapeiro, et cœtera,* e chegarmos a nossas casas, a casa dos nossos paes, ao romper do dia.

Santos sentia melhor do que nós as fundas subtilezas de todo e qualquer melodrama, e, aprendendo-o logo de cór, recitava-nos trechos selectos das fallas de Theodorico — que era de ordinario o per-

sonagem mais eloquente, comquanto o mais perverso d'essas embrulhadas assustadoras. Santos n'essa epocha era propriamente um crente. Estava ali, sentadito na platéa, sem voltar a cabeça para uma banda nem para a outra, e sem consentir que nos distrahissemos; não podiamos procurar uma cousa na algibeira, nem olhar para quem nos ficava ao lado, nem assoar-nos, nem esgravatar os olhos, porque elle nos advertia de que n'esse breve espaço de tempo podiam ali passar-se cousas mais extraordinarias do que caberiam na vida de um patriarcha.

— Ouçam! Não se mexam e ouçam! ponderava elle juntando as sobrancelhas, agitando de enthusiasmo a vasta trunfa e esbogalhando os olhos grandes e scintillantes como os de Pantagruel em pequenito a brincar com os rabidos molossos. Aqui não ha explicações, nem phrases, nem dialogo! Aqui ha factos, tudo factos, e que factos!

Depois, com uma convicção inabalavel, e feliz na arte todo aquelle que tiver tanta fé, porque a communica aos outros e vem a succeder-lhe o que succedeu a este — dominar o publico, acrescentava:

— *Isto aconteceu!*

Ao lado, Luiz de Araujo ria-se das passagens dramaticas que mais impressionavam Santos. Dizia-se no tablado:

— Tu aqui! Por que prodigio?

— Sou eu, sou eu ainda, sim!

— Mas tu morreste não ha muito tempo!

— Silencio! Esse é o meu segredo.

E sem mais explicações, ía seguindo a acção.

Araujo torcia-se a rir.

— Oh! que chalaça!

E Santos, indignado:

— De que te ris tu?

— Ai Jesus, que morro!

E rebolava com gargalhadas.

— Mas de que te ris tu?

— Ai! Nossa Senhora!

— E pela derradeira vez, de que te ris?!

— Eu arrebento!...

Este moço, que acompanhava de gargalhadas os melodramas, veiu ser o melhor auctor das farças de hoje. Gostava já n'esse tempo do entremez franco e leal, sem ironias nem ridiculo pelo que é bom, pelo que é eternamente respeitavel, como usaram as comedias e as parodias que vieram depois. Gostava de rir, eis o caso. Quem poderá dizer que fazia mal n'isso? É tão bom! A gente vale mais quando sabe rir, isto é, quando logra ter no riso intelligencia, expressão e expansão de espirito. A grande prenda dos francezes é saberem rir com mais espirito do que nenhum outro povo. N'esta evolução curiosissima da natureza humana, curiosissima e rara ao ponto de se haver chegado a dizer que — o que distingue o homem do macaco é rir — aquelle que me-

lhor ri deve ser o mais intelligente e o que mais sabe ser homem!

Para qualquer outro será o riso um luxo: a elle faz-lhe companhia e ajuda-o. É a sua philosophia, é o seu poder.

Luiz de Araujo, por exemplo, veiu a ser de algum modo, tudo pelo riso, uma especie de senhor do Campo Grande. Foi para lá viver por ser a vida ali mais commoda, mais singela e mais barata, e em vez de ir, como qualquer outro, enfastiado, mazombo, triste e inutil, fez-se necessario e querido assim que lá chegou! Aquellas tascas não tinham fama no Chiado, aquelles tasqueiros viviam de uma gloria *extra-muros*, os freguezes tinham por lá graça sem ninguem dar por isso; um tal José, tendeiro, não se sentia, um mestre Domingos Conde, sapateiro, não sabia o valor que tinha, o pintor mestre Antonio, a vizinha Rita, os fadistas de Mata-Pombos e Zé-Atilho não davam por si; elle chegou lá, deu luz ao quadro, e veiu toda aquella gente a Lisboa, ás noites, em amplas burricadas, recrear-se com o ver-se em scena: e foram duzias de janotas, dos melhores da baixa e da alta, ao Campo Grande ver os heroes da farça.

É o unico modo, que por cá tenho visto, de colonisar!

Ninguem lhe deu o Campo Grande, mas o Campo Grande é d'elle. Conquistou-o com a graça, que faz

com que se perdoe tudo, as brincadeiras e as victorias! Prendeu-os sem mostrar as cadeias: se fosse ironico, azedo, tinha vindo de lá corrido até ás portas; mas riu. E agora ainda por lá vive, e se hoje os deixasse, pagar-lhe-íam a chorar por elle!

Não lhe importam phrases, arrebiques de estylo ou grandes invenções; todas aquellas ratices andam perto da natureza, esse é o caso; e os personagens fazem lembrar o famoso mestre Puck, que obedecia á risota que paira nos ares!...

Entretem o espectador com chistes, sem embirrar com a humanidade. Ha ali o riso facil, que desculpa tudo, um estylo á frescalhota, em *négligé,* estylo em mangas de camisa!

É o pae da galhofa. Tem palavras com olhos, nariz e bôca, em lhe sendo preciso: Lord Wellington é lord Brelintão, quem não tem dinheiro está *escorrido,* fato é *f'rapella,* um que ralha está *chicarado!* Não ha folia como aquella.

Ainda os grilos mal se ouvem, já elle os apresenta todos os annos á anciedade publica no *Diario de noticias!* É um magico. Teve sempre quéda para as artes raras; representava na perfeição na idade de começar a usar chapéu alto: nos papeis de sapateiro de escada era immortal! Silveira da Mota tinha por elle uma veneração, e eu outra. Muitas vezes diziamos:

— Quando poderemos nós representar assim?!

Nunca pudémos.

Em compensação davamos todos á patria quantas lucubrações podiamos. Silveira da Mota chegou a publicar tres ou quatro numeros de um jornal, o *Cancioneiro lusitano;* nem mais nem menos. Eu tinha na alcova uma condessa cheia de dramas em cinco actos, qual d'elles melhor, ao lado dos quaes eu dormia sempre, o que era um verdadeiro luxo, porque bastava um d'elles para adormecer um publico, e chegava a ser mal empregado estarem ali quatorze a adormecer o auctor!

Tudo isto era bom e tudo ía bem: o mal devia vir; quando menos se pensava n'elle, chegou.

N'uma noite, 22 de maio de 1851, eu tinha ido ao theatro de D. Maria: era sabbado, e a circumstancia de ser vespera de feriado deveria tornar-me o espectaculo ainda mais agradavel. Representava-se um d'aquelles dramas enormes, que principiavam ás sete horas e acabavam pela madrugada, poemas em acção, romances dialogados, em quinze e vinte quadros, *Trapeiro de París, Mysterios de París* e *Mercado de Londres,* obras interminaveis, que davam idéa de grandes *frescos,* pintados melhor ou peior nas paredes de algum palacio de gigantes.

Um dos filhos do general Mesquita, Eduardo, appareceu á porta da platéa, no meio de um acto, e chamou-me. Fui. Encontrei-o com o meu creado. O creado estava pallido, embaçado, como ainda diz

o povo na velha prosa portugueza para inculcar o perder da voz no medo e na angustia. Foram levando-me para fóra do theatro, deixando-me perceber, mais que dizendo-m'o, que meu pae havia tido um incommodo, um ataque, que estava doente, que estava mal.

Assim me preparavam tristemente para o peior dos golpes: no caminho disseram-me que eu já não tinha pae.

De principio não comprehendi bem essa noticia; levei mesmo muito tempo sem poder persuadir-me d'isso, a tal ponto ha na natureza humana um sentimento repulsivo para acreditar o que nos afflige, só comparavel á facilidade com que se acredita o que se deseja.

Meu pae havia chegado de Cintra na vespera para assistir ao beneficio da Sannasaro; jantára commigo n'esse mesmo dia; saíra de tarde sem se queixar, e dera ordem ao creado de ir buscar-me ao theatro ás onze horas.

— Não são peças para ver até ao fim! dissera elle sorrindo. O fim é triste de mais!

Mal cuidavamos que a minha saída do theatro tinha de ser mais triste ainda! Meu pae morrêra de repente ao caír d'essa tarde, do que os medicos chamam uma *angina pectoris:* o que quer que seja que suffoca, dá a agonia afflictivo, subito, e mata em dois minutos.

Morrêra fóra de casa. Haviam levado o corpo para a igreja da Encarnação. Á porta da sacristia d'essa igreja fui eu ainda, rompendo pela multidão que ali se agglomerava, pedir para o ver, na esperança, natural n'essas horas, de que a minha voz o acordasse. Não me deixaram entrar; Vicente Corradini, o antigo emprezario de S. Carlos, passando ali n'essa occasião, fez-me entrar n'uma sege, e disse ao meu creado que me levassem para casa.

É-me demasiado triste recordar tudo que se passou nos dias immediatos. Conheci a vida e os homens n'esse curto periodo. De tantos amigos que tinha meu pae, não me appareceu nenhum; acudiram, isso sim, os credores todos a visitar-me, e, diga-se, em seu louvor, eram respeitaveis não só pela quantidade, mas pela insistencia.

Entendi-me com elles, entregando-lhes uns bens, hypothecando-lhes outros: da maneira mais simples, emfim, que foi não só a de lhes pagar, mas de ficar eu sem cousa alguma.

Conservei-me em casa, na casa que meu pae acabára de mandar construir, e onde moravamos havia só quatro mezes, n'uma rua de nome fatal, rua da Praga; conservei-me ali, por uns compridos dias, fechado, com um creado antigo, a quem ainda hoje não posso apertar a mão sem estremecer, quando passo alguma vez pelas Janellas Verdes, e que o vejo e lhe fallo na casa Champalimaud, onde elle está des-

de essa epocha. Minha mãe instava commigo para que eu fosse para a Durruivos: mas a idéa de ir viver na aldeia amedrontava-me; figurava-se-me que não teria por lá outro horisonte senão o de ir guardar perús.

— Deixe-me aqui ficar, minha mãe: eu irei vêl-a, e farei a diligencia de lhe compensar por alegrias, que lhe dê mais tarde, a pena que lhe faz o eu não desejar ir para a aldeia. Que vou eu fazer na Durruivos? Temos fortuna para emprehender a existencia de lavrador? Podemos melhorar as fazendas, plantar, alargar, construir? Eu vivi lá até aos nove annos, bem o sabe, e quando aos nove annos aqui cheguei sabia ler mal, escrever mal, e ajudar á missa mal. De então para cá a Durruivos não deve ter melhorado consideravelmente em civilisação. Para toda a gente e em todas as idades a grande preoccupação é o futuro; uma pessoa vive esperando; quanto mais eu, minha mãe, que ainda agora principio a viver.

— Mas com que contas tu?

— Commigo.

A minha pobre mãe encolheu os hombros.

— Commigo, disse-lhe eu outra vez. Bem sei que o futuro é, de tudo quanto ha, aquillo com que menos póde contar-se; bem sei que elle brinca comnosco, com os grandes calculos, com a rasão e com a imprudencia; sei isso tudo; mas sinto que devo cá fi-

car, que hei de poder viver aqui; e, podendo aqui viver, para que hei de eu ir sepultar-me desde os dezeseis annos na Durruivos! Ha de tudo na minha situação, desde a morte de meu pae: desprendimento das commodidades, resolução firme de conseguir sósinho o que elle não teve tempo de me alcançar, o viver independente!

— E cuidas conseguir isso, de que maneira?

— Trabalhando, estudando...

— Estudando com que dinheiro?

— Com o que eu for ganhando ao mesmo tempo.

— E entendes que vens a ser rico?

— Estou convencido que não.

— Fallaste-me em independencia...

— Fallei. Mas independencia não é ser rico.

— Ah! É ser pobre?

— Tambem não é ser pobre.

— Então o que é?

— É mais simples, e mais complicado.

— É uma cousa que tu entendes!

— Exactamente.

— E que mais ninguem percebe.

— Que toda a gente percebe.

— Menos eu.

— Que a mamã percebe tambem; que a mamã percebe melhor do que muita gente.

— Porque?

— Porque tem juizo.

— Mas explica lá. Quero ouvir.

— Explico. Ha duas independencias...

— Ah! Agora ha duas!

— Quer ouvir?

— Dize lá...

— Ha duas independencias. Uma, é a do caracter: a outra, é a que dá o ter-se alguma cousa de seu; hei de ter a primeira, sinto que a tenho, e quero tel-a: e a segunda ha de vir com o tempo, á proporção que se livrarem alguns bens que estão agora hypothecados, e que eu pelo meu trabalho for ganhando a minha vida: d'estas duas independencias é que se faz a verdadeira, a boa, e quem tiver uma sem a outra não tem a independencia verdadeira. Eu espero vir a ter ambas.

Ella abraçou-me, chorando.

Nada mais dissemos a esse respeito.

A boa rasão aconselhava-a a não me acreditar, o seu coração teve talvez dó de mim, e, como costuma dizer-se, o desejo de me fazer a vontade. O amor das mães tem isso principalmente excepcional e immenso, de quererem aos filhos com o amor com que os paes lhes querem, e por cima d'isto ainda tambem com outro amor.

Poucos dias depois minha mãe partiu para a Durruivos.

Eu, fiquei em Lisboa.

Um procurador antigo da minha casa veiu dias

depois propor-me o ir eu para casa de minha avó e de duas irmãs d'ella. Minha avó estava louca havia annos; tinha sido uma das mulheres mais formosas de Portugal, essa infeliz senhora, que perdêra a rasão ao morrer-lhe o marido: as tias eram duas santas velhas, que faziam lembrar pelo genio as caturrices do pae e do tio de Mirabeau; haviam tido por meu pae uma adoração fanatica; tinham-o creado de pequeno, com extremos de amisade, mas á proporção que o viram gastar tres fortunas, porque meu pae teve a habilidade de despender setenta contos, que n'aquelle tempo era um dinheiro immenso, e morrer com dividas aos quarenta e um annos, começaram cada uma a tornar a outra responsavel d'aquellas folias elegantes e ruinosas.

Quando o procurador lhes propoz o ir eu para sua casa, as boas velhinhas estremeceram. O seu coração generoso fel-as logo dizer que sim, mas a cada momento se receiavam de que eu fosse encetar a carreira de estroina fastuoso, sem se lembrarem que eu não tinha dez réis de meu.

— Vamos, disse-me o procurador, é preciso ir; é indispensavel resignar-se a uma vida de sujeição e de humildade. Ficar sósinho n'esta occasião, seria uma loucura. Para tentar o que? Partir para a guerra de repente, sem estar preparado e sem uma probabilidade favoravel, não é acção, é demencia... Não se combatem os revezes senão com uma cora-

gem bem entendida; querer combatel-os ás tontas é favorecer a fortuna adversa. Que idéa faria se visse n'um campo de batalha um imprudente a atirar comsigo sem direcção, sem auxilio, sem armas? Se elle lhe dissesse que ía fazer mal ao inimigo, com rasão poderia responder-lhe que não só não ía fazer mal ao inimigo, mas que, ao revez d'isso, ía dar-lhe gosto, ía offerecer-lhe o espectaculo de uma derrota! Ora a derrota no seu caso cresceria todos os dias. Ía procural-a em condições desconhecidas, e era o mesmo que fazer quanto estivesse ao seu alcance para a tornar mais decisiva. Faça de conta que tem um grande inimigo: não quereria de certo emprehender luta sem uma tal ou qual confiança de não ser vencido; entendido isto, pondere outra circumstancia, é que não é obrigado a entrar desde já em acção; não é obrigado senão a uma cousa, a ter juizo. No dia em que principiar a lida convem ter a esperança firme de triumphar. Dê cá um abraço, e venha para casa da avó e das tias. Velhinhas todas, um pouco rabujentas; desconfiadas sempre de si; receiosas de tudo; desejando principalmente que sáia de casa o menos possivel, levadas pela idéa fixa de que em saíndo póde tentar-se, gastar, fazer dividas, contrahir maus habitos. Ora, pois: o Julio está uma creança, tem a vida adiante de si, o pequeno patrimonio que lhe cabe vae rendendo por emquanto para os credores, vistoque assim o quiz; d'aqui

a dez annos já terá bens livres; sujeite-se a tudo; que este tudo, pouco é. Casa silenciosa: uma governante, e uma creada; é preciso agradar a ambas; a avó e a tia, como os governos representativos, mandam, mas não governam. Almoça-se ás oito horas, janta-se ás duas, toma-se chá ás oito. A porta fecha-se ás nove horas, com duas voltas de chave, e tranca. Costumes rigidos, economia severa, e a tristeza amarga e aspera da velhice. Dê cá o braço...

— Vamos.

A casa era na rua do Oiro, o segundo andar do predio onde tem estado sempre o alfaiate Catarro. Mas hoje o predio está renovado, as janellas têem vidros grandes, a escada foi estucada, a porta é nova, as lojas estão occupadas por armazens de modas, e na rua ha um aspecto de vida moderna, o movimento constante de seges e de americanos...

Ao passo que, n'aquella epocha, o predio era de paredes fuscas, escada sombria, portas velhas e estreitas: nas lojas um oculista, um marceneiro e uma capellista, á esquina: nem já lá mora essa gente, nem as lojas parecem as mesmas: até a confeitaria Moreira, unico estabelecimento d'esse tempo, que ainda ali se conserva, hoje amplo e vistoso, era então uma lojita de uma porta só.

A rua tinha duas horas ao dia de um tal ou qual

movimento: á entrada, e á saída das secretarias. Depois, pelo dia adiante, uma carruagem de vez em quando, alguma traquitana de praça, o omnibus da companhia, e os classicos carros chiando estridulamente pelos eixos.

Á noite, uma necropole; um hypogéo de Thebas. Todas as lojas fechadas; um ou outro transeunte a passo dobrado; o pregão soturno dos aguadeiros; a apparição lamentosa da patrulha...

As santas velhinhas acolheram-me muito bem. Tratavam-me sem carinho, mas com bondade; e a pouco e pouco deixaram-me perceber que uma certa rigidez, que haviam adoptado, era, por assim dizer, do programma, e que a sua boa alma lhes pedia para commigo mais alguma doçura e amenidade a que não queriam entregar-se por meu bem, com receio de que eu abusasse d'isso.

Uma de minhas tias era viuva do coronel Travassos, que fôra mestre de mathematica do duque de Saldanha; o duque nunca esqueceu isso, e de uma occasião passando a cavallo e vendo esta velhinha, que vinha da missa com a governante e com a creada, apeiou-se e foi fallar-lhe. Ella referia-se muitas vezes com jubilo a essa amabilidade do illustre gentil-homem, e acrescentava sempre:

— E eu ía com o meu capote e lenço! Com o meu capote e lenço!

Essa, era a tia D. Anna.

A outra, tia D. Maria, era viuva de um negociante Brito, e ainda vive um enteado seu.

Genios diversissimos. Aquella, muito senhoril, grandemente cortez e ceremoniosa: esta, de temperamento um pouco agreste; na fórma, na expressão, no tom de voz, sobretudo; ambas de animo generoso, mas possuindo já poucos bens de fortuna, e attendendo muito por isso mesmo a não prejudicar nem de leve esses restos. Velhinhas ambas, e alquebradas; timoratas, rabujentas, mas boas, boas, boas.

Minha avó, muito mais nova que ellas, e que casára aos quatorze annos, era a expressão tardia de um tempo que passára. Recordava a graça comedida e casta, a formosura e timidez de outras eras. Physionomia de *madonna:* pallida, triste, serena. Parecia achar curioso e novo ser velha, e, por isso, deixar-se envelhecer. Tinha cincoenta e seis annos; (meu pae morrêra de quarenta); o rosto indicava apenas trinta e tantos, mas os cabellos eram todos brancos. A tolerancia não era o seu forte; afastava a vista da caixa de rapé das irmãs; susceptibilisava-se com a mais leve acção ou palavra; dava largos suspiros sem motivo; chorava sem rasão; levava as noites cortadas de insomnias a fallar sósinha. Loucura melancolica, absorvente; saudade inalteravel; idéa fixa de abandono, de isolamento...

— O que será de ti! dizia-me ella muitas vezes.

O que vae ser de ti? Eu não posso valer-te; o mundo é um horror; hão de conspirar-se todos para te levar teu pae...

As tias, fazendo a sua meia, retrucavam tristemente:

— Sim, que Deus não o chamou já! Cala-te; não estejas a affligir o rapaz...

Então, ella lembrava-se que eu estava n'aquella casa por já não ter pae, e rompia em choro.

Os dias não tinham fim. Eu estava para ali scismando, vagamente, ao acaso, e, como é natural, não me lembrava nunca senão o que eu preferiria esquecer. Ía encostar-me á janella por dentro de umas tabuinhas sempre descidas, e assim ía vendo através d'ellas a rua e o céu.

Os primeiros dias foram-me crueis; quasi que não podia com a tristeza que me devorava. Estava ali mettido não como n'um carcere, mas como n'um claustro.

Quando comecei a saír a melancolia não me ficava em casa, ía commigo para toda a parte, e tomava as proporções despoticas de uma inimiga; via-me só, e a ausencia completa de dinheiro tornava-me tudo antipathico, lugubre.

As tias eram as santas mais santas que tem havido, mas no capitulo dinheiro não faziam milagres; e eu percebi que essa parte do programma não viria nunca a ser susceptivel de alteração.

Um homem que estava afflicto da sua vida por lhe haverem corrido mal os negocios, encontrou de uma occasião um amigo, um grande amigo, um amigo íntimo...

Expoz-lhe o seu caso.

— Coitado! disse o outro. Coitado!

— Vê tu se me emprestas quatro libras; disse-lhe o amargurado. Com quatro libras de hoje para ámanhã, ainda eu dou uma volta ás cousas e me arranjo, se Deus quizer!

O amigo íntimo pareceu reflexionar gravemente, ergueu os olhos para o céu, e disse com ares de commovido:

— Quatro libras! Não! Quatro libras não seria sufficiente. Quatrocentos mil réis, sim! Pelo menos quatrocentos mil réis era o que tu precisavas! E não os ter eu! Se os eu tivesse! Mas, não os tenho, meu querido amigo. Que pena!

— Digo-te eu que com quatro libras...

— Quatro libras não te serviriam para nada! Quatrocentos mil réis! Isso é o que era. Quatrocentos mil réis! E Jesus, que desgraça!...

E foi-se, quasi a chorar, e de braços abertos, que parecia louco!

Eu achava-me de algum modo na situação d'aquelle pobre diabo. A titulo de não me poderem dar bastante, não me davam nada. E estar quasi nos dezenove annos sem ter nunca na algibeira uma

amostra de qualquer vil metal, ainda que fosse mesmo menos vil que o oiro, que, no dizer dos dramas e da poesia, é vilissimo, — mas prata, ou cobre que fosse, — era nobre, era poetico de mais.

— É preciso fazer uma cousa qualquer, scismava eu, — . . . para não ser tão poetico! Sinto-me desprendido demasiadamente dos baixos interesses, não quero agora ser o assombro dos povos, e passar a existencia n'esta isenção de fundos. Talvez fosse bom ganhar ahi uns vintens, a ver como isso é e se pesa muito.

Mas, em que? Ganhal-os, por que modo?

N'isto, ao voltar de uma rua, encontrei Ernesto Marécos, sobrinho do actual administrador da Imprensa Nacional.

Ernesto Marécos estava no seu periodo de prodigio. Em Coimbra e em Lisboa não se fallava senão d'elle, em se tratando de mancebos talentosos ou de mancebos extravagantes, porque elle accumulava estes dois empregos e de ambos se desempenhava com largueza.

Excellente coração e ardente phantasia, esse Ernesto Marécos!

É possivel que o seu estro se extraviasse alguma vez em regiões, de que um poeta moralista devia fugir, e que n'esses tempos de estudante cantasse a *perdida* com a uncção affectuosa de uma nobre piedade, ou entoasse n'uma ceia o hymno da mo-

cidade e a canção da folia; entretanto se ganhou o seu nome a ser rapaz, salvou-o mais tarde por deixar de o ser!

E vejam bem que pena não causaria ver tão sympathico, tão romantico, tão gracioso nome, perder-se na nuvem dos trovistas de má companhia, entre uma garrafa de cerveja e um mau cigarro! Nome, que mesmo parecia destinado por sua feição a viver nas letras, a ser decorado, repetido sem esforço, citado com prazer — o que é o primeiro passo, depois do talento, para a reputação de um escriptor, porque ha nomes feitos para a gloria, e outros que a repellem e lhe causam medo; nomes sympathicos, que acordam não sei que ternura instinctiva, e outros que têem o poder de fechar os corações; nomes fataes que amedrontam a felicidade, e outros que lhe sorriem e esperam: dize-me como te chamas, que eu te direi quem és! Se esse que foi o ultimo imperador dos francezes, em vez de se chamar Luiz Napoleão, se chamasse Nicodeme Bonnichon, não lhe teria sido possivel fazer carreira: o erudito senhor Tullio comprehendeu tão bem a influencia dos nomes, que acrescentou ao seu appellido Silva, que tem pouca auctoridade... a não ser no *Hernani,* esse de Tullio, de todo o ponto destinado á gloria e á conquista; e já antes do nosso illustre compatriota, um grande poeta italiano mudára o seu nome de Trapásso pelo de Metastasio, por achar bem de crer

que sob aquelle nome barbaro nunca haveria sido tão grande como com este gracioso pseudonymo; o senhor Alexandre Herculano estava perdido se se chamasse Serapião, e Garrett nunca haveria escripto as *Folhas caídas* se o seu nome houvesse sido Verissimo Martinianno Borromeu! É claro, é indisputavel; ha nomes destinados á celebridade, e outros que a despedem como um macho que atira.

Conta o historiador hespanhol Herrera um facto curioso; quando os embaixadores francezes negociaram casamento entre Luiz XVIII e uma princeza hespanhola, as duas filhas do rei de Hespanha chamavam-se Urraca e Branca. Era Urraca a mais formosa e destinada ao throno, mas os embaixadores deram preferencia a Branca, dizendo que o nome de Urraca não era de facil aclimatação. Houve em Lisboa, não sei se é vivo, um moço bastante instruido, que fez os seus exames regularmente, escreveu alguns artigos em jornaes diversos, principalmente n'um da senhora Pussich, e dotado de maneiras mui cortezãs e distinctas — mas chamava-se Alcoforado; n'isso está talvez a explicação da pouca popularidade que se ligou sempre ao merecimento d'elle; para illustrar similhantes nomes seria preciso conquistar o mundo! E todavia, vejam que singular destino, não faltou nunca ao senhor Alcoforado para ser um grande homem, senão chamar-se *Thomás Ribeiro!* Cruel condição esta, dos nomes

desastrosos, que tornam até comprehensivel o suicidio. Um moço — que por ahi fez seus versos, o senhor Torres Mangas, deu, em se chamar assim e querer ser poeta notavel, prova de grande coragem! Eu já conheci um homem que embirrava de se chamar Thomé Malaquias, e mudou para outra cousa; por gosto da esposa que era realista, sua filha chamava-se Aldegunda, nome da quarta filha do senhor D. Miguel; assim que a esposa partiu d'este mundo, fez elle chrismar a menina, mas depois de tantos trabalhos, esta foi casar com um Athanazio Praxedes, e o caso é que, em pouco tempo, o extremoso pae morreu d'isto!

Ernesto Marécos tinha o talento suave e vibrante ao mesmo tempo, como o seu nome. Depois, era de figura elegante e gentil, e tinha uma physionomia muito insinuante, sympathica, formosa, se é permittida esta expressão com referencia ao rosto de um homem.

Por um contraste permanente com a suavidade do seu semblante, com a doçura e meiguice da sua indole, não gostava de invocar a musa senão para cantar horrores. Era a mania da epocha, não era só a mania d'elle. Toda a gente tinha um romantismo febril. Havia uma admiração especial por tudo que não fosse sadio.

Cantava-se dedicadamente, enthusiasticamente:

A orgia.

O lupanar.

O vicio.

O crime.

E não era por mal; pelo contrario, era por bem. A fraqueza romantica engendrava sentimentos affectuosos para tudo, e tirava d'elles uma disposição sempre prompta para se identificar com os desgraçados, um dó nativo, uma compaixão exaltada que se tornára base de todas as virtudes sociaes.

Ia uma pessoa por seu gosto para o que mais o assustava.

Havia precisão de commoções violentas! dramas aterradores! poesias tetricas! romances lugubres! Quanto mais se vivia na ignorancia das paixões humanas, mais vigorosa era esta mania. Do mesmo modo que qualquer caso, por mais leve, da vida exterior, deve por força agitar a alma serena de uma freira; do mesmo modo que uma pedrinha, um seixo atirado á agua de um tanque, a acorda logo e faz ondear toda a superficie, assim as monstruosidades da vida extravagante tinham uma influencia na imaginação da gente nova que levava creançolas no mudar da voz a não cantarem senão os horrores da existencia, a lepra e ruinas da vida social.

Ernesto Marécos era o cantor da *Perdida*. Elle não tinha conhecido perdida nenhuma, nem houvera tido occasião de fazer da sua parte o que podesse para perder alguem; mas interessava-se por

aquella singularidade, e dava a uma bacchante, que só tinha de poetico o ser ainda para elle *impalpavel*, provavelmente, todo o calor de affeição que haveria feito a ventura de nove primas, ou dez, para não dar a conta das musas, que essas, coitadas, com pouco se contentam.

— Como estás tu, Marécos?

— Estou bom. Vou mandar imprimir um folheto.

— Um folheto! a respeito de que?

— Versos. *O vinho*. Um poemeto.

— O vinho! É boa. E para que vaes mandar imprimir isso?

— Para vender.

— Nos livreiros?

— Sim, nos livreiros; pois onde querias que fosse?

— Bem sei; não deveria ser nas tabernas, apesar do assumpto; mas succedeu perguntar-te isto. E esses livreiros compram-te os folhetos?

— Não; vendem-os a quem lá os for comprar: tiram 10 por cento para si e entregam-me o resto.

— Abraça-me, meu caro Ernesto; faze como se abraçasses em mim um collega, é necessario que eu tambem escreva e publique alguma obra, é sobretudo indispensavel que eu a venda...

— Deus te ajude! disse-me elle.

— Pois isso é que é; que Deus me ajude, e viva o litterato! Cá me vou pensando na obra...

— Poesias?

— Não.

— Drama?

— Tambem não.

— Comedia, uma farcita alegre...

— Não tenho graça. Ha de ser, ora deixa tu ver, sim... Está decidido. Ha de ser um romance.

— Um romance?! Caspite! Sentes-te com vocação para isso?

— Eu te digo; sinto-me com vontade de compor um caso e de o contar. Parece que isto deve entreter-me mais do que outro qualquer intento.

— E tens já o enredo?

— Não. O enredo faz-se hoje!

— Está claro. É fazel-o hoje... isso faz-se ahi n'um instante...

— N'um instante. É o que tambem me parece. Ámanhã está o enredo prompto, e principio o romance.

— Tambem podias fazer outra cousa...

— O que era?

— Principiares o romance, e deixar que o enredo fosse apparecendo por si mesmo ao acaso...

— Tambem deve ser bom; prefiro o meu methodo.

— Estás em casa de tua avó?

— Estou. E tu?

— Em casa de meu tio.

— Nenhum de nós tem pae. Tu perdeste já tua mãe, e eu estou longe da minha. Ambos fazemos versos: os teus são bons, os meus não prestam, é a unica differença. De hoje em diante haverá outra: tu, que já és illustre, continuarás a ser poeta, eu, a quem ainda ninguem conhece, vou preparar-me para folhetinista.

— Mas, o romance?

— O romance é um dos caminhos para o meu destino. O folhetim exige mil condições que se prendem aos outros generos: é preciso composição, dialogo, narrativa e critica. Não poderei ir-me a isso senão d'aqui a annos. É urgente por agora fazer-me conhecer; sem isso, que jornal me quererá?!

— Tratá de vires para Coimbra!

— Impossivel. Trato de ir para a rua do Oiro, e já. Começa a parecer-me todo o tempo pouco para pensar no meu livrito. Adeus: dentro de um mez o teu amigo Julio estará auctor de um romance: percebes-me bem? de um romance!

— E o que has de fazer d'elle?

— O que Deus quizer.

— Deus não edita livros!

— Mas ajuda-os.

Abraçámo-nos affectuosamente. Elle cortou para um lado, eu para o outro.

O encontro de Marécos fôra-me propicio; uma das maiores riquezas da mocidade, é a esperança e

a coragem que a esperança dá! Eu scismava effectivamente com o folhetim, e seduzia-me a idéa de poder um dia fazer carreira nas letras por esse genero...

Depois, a idéa de Lopes de Mendonça electrisava-me. E a impressão que elle me produzia, originava-se com igual poder em quasi todos os da minha idade. A litteratura para nós não representava em tanta maneira uma missão, quanto uma allegoria; e Mendonça symbolisava admiravelmente o nosso ideal. Estylo ligeiro, harmonioso, fluente; poeta e poeta em prosa, poeta prescindindo da campainha da rima, das idéas tantas vezes convencionaes, falsas, armadas ao effeito, dos lyricos; homem do mundo e artista, tendo um pé nas salas e outro nas caixas dos theatros...

Figuravamol-o amado pelo seu talento e pela sua profissão; parecia-nos que os versos já haviam feito, para os amores, a sua epocha de conquista; e que do mesmo modo que aos elegantes de 1833, sinistros, pallidos, sempre de sobrecasaca abotoada, haviam succedido os *fashionables* frios, desdenhosos, sarcasticos; do mesmo modo que ás meninas que se deitavam da janella abaixo, se haviam seguido as senhoras que só por gracejo fallavam de «uma paixão»; tambem a poesia das Marilias e das Marcias devia ser substituida pela litteratura em que dominasse o sentimento moderno, o gosto e a

ironia: a ironia, isto é, o espirito, a observação, a philosophia: o gosto, isto é, a singeleza, a arte, a melancolia e a graça!

Lopes de Mendonça tinha muito de tudo isto.

Era um litterato moderno na mais attrahente intuição d'esta palavra, um pouco ridicula entre nós pela applicação que se lhe tem dado.

Para voltar de cada vez com mais amor ao genero de sua predilecção emprehendeu excursões de capricho a outros generos litterarios, sem deixar de conservar-se fiel ao que era seu. Foi-se ao romance, ao drama *(Affronta por affronta)*, ao livro de viagens, ao livro de critica, com a audacia sagrada que não significa vaidade, mas fé em si proprio, o sentir-se com força, e tambem o saber que é assim e só assim que alguem consegue prevalecer — porque os outros não se fiam n'um homem sem verem que elle proprio tem confiança em si.

Depois, como que brincando, largava logo tudo isso, romance, proverbio, drama, estudos de historia e de poesia, e ía de novo ao folhetim, já com o direito de caminhar firme, fallar alto e ser senhor. Era preciso; sentiu-o, provavelmente, conheceu que era preciso animo. Não ha n'este mundo senão um perigo — ser fraco. Em um homem hesitando, sáem logo de algum buraco uns poucos que mal se atreviam a deitar o nariz de fóra; se faz concessões, avançam; se recua, comem-o vivo;

se, ao revés d'isso, vae para cima d'elles seguindo sempre o seu caminho, fogem ou cáem-lhe aos pés.

Faltou-lhe em certa hora a intrepidez desgraçadamente, e n'essa hora se perdeu. Trabalhára muito, trabalhára sempre, fôra um espirito dotado de infinita actividade, todo elle phantasia, vendo as cousas através de um prisma, ouvindo em tudo uma melodia; na vida, hymnos de amor; na gloria, vozes de sympathia; não o desanimando as primeiras lutas, e tivera-as cruelissimas; não o cansando nunca a sua lida, bastando-lhe para o consolar, depois de um dia inteiro á mesa da escripta, um baile, um charuto fino, uma chavena de bom café, uma aria, uma phrase, uma idéa, um bom dito... Lançando-se nas locubrações quasi improvisadas do jornalismo, estabelecendo o folhetim entre nós, tornando-o um poder litterario, possuindo a facilidade de apreciação, a abundancia no dizer, a amplidão de pensamento, que fazem com que o escriptor dos nossos dias vulgarise as cousas e os factos, conforme o modo de pensar d'esta epocha; brilhando durante annos nas revistas dos acontecimentos da semana, conseguindo que o folhetim entrasse nos costumes e necessidades da nação, e que se tornasse moda esta maneira rapida de communicar as apreciações, a facilidade d'este methodo de escrever a historia de cada dia, critica de todas as horas, que vae e vem como um relampago, sem descansar por um instante, e que convem perfeita-

mente a uma epocha como a nossa, tão apressada em escrever, em criticar, em pensar, em aprender, em saber, epocha em que os talentos são mais encyclopedicos do que profundos, e acompanham em tudo a actividade d'esta civilisação impaciente e febril.

Fôra o representante na litteratura portugueza das tendencias e feições do nosso tempo, mas, ao querer dirigir a sua attenção para outra ordem de trabalhos, a inveja aproveitou logo o ensejo de o desgostar; e elle, coitado, resentiu-se no seu amor proprio do acolhimento ingrato com que eram recebidos os esforços da nobre curiosidade do seu espirito; inquietou-se, entristeceu, deixou de ter confiança em si, perdeu as prendas de talento que tinha, tornou-se-lhe tudo indeciso, escuro, perturbou-se-lhe a acção cerebral, adulteraram-se-lhe as faculdades da intelligencia, e estalaram como cordas de um instrumento!

Se houvesse nascido em França, que carreira brilhante e feliz haveria tido!

Ha vantagens especiaes, unicas, para quem tiver de distinguir-se em França, que já por si mesmo é o paiz espirituoso por excellencia; ser de lá, viver lá, é meio caminho andado para ter espirito: á similhança da argilla do poeta persa, quem viver junto d'aquella flor maravilhosa fica tendo logo o aroma d'ella!...

Bem sei que pelo facto de ser o nosso um paiz adormecido, sem vida, sem acontecimentos, que sirvam de assumpto, e precisarem aqui os pobres revisteiros ser dotados da sobriedade do camello, que atravessa o deserto sem tomar alimento durante semanas, nem por isso deve considerar-se que baste para ser, por exemplo, Julio Janin, ter talento e ser francez; isso é claro: convem estudar sempre e saber muito, como esse estudava e sabia: tanto mais que o folhetim deve ser a apreciação constante de todos os acontecimentos, a divagação corrente e facil a proposito de assumptos os mais diversos, á proporção que elles apparecerem, prompto e preparado sempre para elles, e sabendo assignalar a actividade e aptidão em trabalhos successivos, differentes entre si na indole e na feição, conforme for o motivo que os inspire.

Quasi não se chega entre nós a poder comprehender a enorme influencia que tem tido em França os folhetinistas, Geoffroy, Jules Lecomte, Paul de Saint-Victor, Sainte-Beuve, Jules Janin, Théophile Gauthier. Levaria muito tempo a explicar isso, e, de mais a mais, para que? N'uma terra em que tanta gente se acha no caso de ser tudo, e querem uns ser administradores, outros governadores, outros deputados, outros ministros, sem terem feito nada para isso, necessariamente seria difficil perceber que alguns dos talentos mais notaveis da França, o que

quer dizer dos primeiros talentos do mundo, se hajam celebrisado e hajam enriquecido simplesmente, unicamente, pelos seus folhetins, considerados e acatados sempre como escriptores uteis.

Uteis!

Porque ha differentes maneiras de ser util.

Apanhar um segredo á natureza, explicar por uma lei o phenomeno que a confirma, achar uma explicação engenhosa das sciencias exactas, alguma nova pratica de agricultura, um novo apparelho mechanico, é util, e toda a gente sabe e diz que o é.

Mas, estudar os costumes, achar meio de os melhorar preservando a sociedade de alguns males e ridiculos, e não recorrer para isso senão á erudição, ao gosto, á philosophia; estar como sentinella vigilante entre o mundo que escreve e o mundo que lê; zelar as artes, a dignidade e elevação das letras; a nobreza dos talentos e dos caracteres; ser, sem vaidade, oraculo do merecimento alheio, pregoeiro dos acontecimentos importantes, dando-lhes justiça, que é ás vezes a maior das misericordias, por ser o mais sagrado, e sobre o mais sagrado, o mais regateado dos direitos; empregar o tempo em adquirir conhecimentos positivos, tirar inducções, explorar factos, raciocinar, acompanhando-se sempre dos dotes do estylo, o que significa boa ordem nas idéas, colorido na expressão, linguagem que todos entendam, e, ao mesmo tempo, a concisão que convem ao discre-

tear, a singularidade picante a que uns chamam espirito, outros graça, que é ás vezes o distinctivo do juizo, e a nobre energia que só consegue dar a consciencia da verdade, isso, tambem é util: e, quando é feito n'essa elevação de proporções, isso, é o folhetim.

— Com o tempo, —pensava eu,— quem sabe, talvez que eu alcance tambem ter um dia certo na semana ou no mez para escrever n'um jornal, e poder dizer as minhas opiniões não unicamente á avó e ás tias, — ao meu paiz! Mas, para isso é preciso estudar, trabalhar... Emfim, se um livrito podér abrir-me caminho, abençoado livro será elle: tentemos!

E, com a fé íntima, providencial, dos dezeseis annos:

— Ao romance! disse. Ao romance! com tanta ancia, como se exclamára:

— A Carthago!!!

Tem isso de bom principalmente a idade da adolescencia, e é que de qualquer cousa se edificam castellos no ar em que as fadas põem e dispõem: vê-se uma pessoa rica e illustre, vê-se senhor de um palacio ou de um castello, vê-se amado por uma mulher lindissima, ou mesmo por duas ou tres; embora o sonho tenha de ficar encantoado no cerebro, no escaninho das chimeras...

Assim eu sonhei com a celebridade, com a fama,

com as glorias litterarias, com as alegrias da victoria, com os incomparaveis jubilos do triumpho e da independencia alcançada pelo trabalho. E d'este modo me consolava do pouco em que me via! Era, como n'aquelles contos da idade media, o vago recurso do instincto da igualdade, em que o pobre servo se vingava da miseria e desgraça da sua condição por altas fortunas legendarias.

— E porque não terei, scismava eu, de realisar ainda estas chimeras! Não ha força senão a do impossivel para quebrar as resistencias, porque não serve de nada gemer diante d'esse enorme surdo. Mas, eu não me proponho a atacar o invencivel! A esperança por entre as dores parece que as acorda mais, mas é necessaria; julgar-me eu perdido, no meu caso, é não só um crime, mas uma asneira. Para que me estão dando casa e de comer, estas santas velhinhas, senão para eu crear animo e propor-me á luta. Succumbir aos revezes, equivale a não crer: ao passo que a resistencia significa sempre esperança...

Tudo isto pensei eu n'essa noite.

Na manhã immediata principiei a escrever o meu romance.

Levantava-me cedo; respirava o ar da madrugada, á janella. Ás vezes ouvia a avó ou alguma das tias espirrar e chamar a creada:

— Ó Maria?

— Minha senhora...

— Tu deixaste ficar aberta alguma das janellas?

— Não, minha senhora.

— Vem aqui tanto ar...

— É o sr. Julio.

— É o sr. Julio?!

— É o sr. Julio, que abriu agora a janella.

— Para quê?

— Para refrescar as idéas, ao que elle diz.

— Que precisão tem elle de ter as idéas tão fresces?

Eu ouvia, e fechava a janella.

— Lá fechou elle a janella. Agora vae escrever.

— Escrever o quê?

— Não sei, minha senhora.

— Ora que mania de rapaz, abrir a janella ainda fusque fusque, para refrescar as idéas. Ainda não veiu o leiteiro nem o padeiro, não, Maria?

— Não, minhas senhoras. É muito cedo. Vae a amanhecer.

— O rapaz é doudo! Então, não está a escrever antes do sol fóra!?

Quando uma das tias dizia isto, a outra respondia:

— Deixa-o lá, coitado, que te importa a ti se o rapaz se levanta cedo! Isso é bom para a sua saude. Mais enrija!

Restabelecia-se depois o silencio nas alcovas. As

tias continuavam a dormir: eu continuava a escrever.

De uma vez ou de outra, quando se levantavam, essas santas creaturas vinham ver-me. Eu escrevia na sala, que me servia de quarto: uma sala magnifica. Ás oito horas almoçava-se: ás duas horas jantava-se: ás nove uma prima velha, que lá estava como governante, e que vive hoje na minha companhia, uma tafulinha de mais de setenta annos! levantava um banquinho, um candieiro, e uma cadeira baixa onde se sentava a fazer meia, e dizia-nos:

— Vamos ao chá!

Ella mesma o preparava e distribuia as chavenas, emquanto a creada ía fazer-me a cama de chão no sitio em que a prima estivera fazendo meia.

Depois do chá, resava-se. A avó levava immenso tempo n'essas orações, e eu, de mão estendida para lhe pedir a benção, conservava-me especado diante d'ella, a scismar entretanto no andamento do meu romance. Uma vez dito por cada uma das tres boas velhinhas o «Deus te faça um santo!» cada qual tomava o seu rumo, e apagavam-se logo depois as luzes.

Uma de minhas tias gostava muito de que eu passeiasse ás tardes, na idéa de que o exercicio devia fazer-me bem. Eu era magrissimo n'esse tempo, e conservei-me n'essa delicadeza diaphana até perto dos vinte annos.

— Não tens um amigo? perguntava-me a boa tia D. Anna.

— Tenho. Pois então não tenho um amigo!

— Algum amigo da tua idade, mas serio.

— Muito serio.

— Convida-o, offerece-lhe a casa da nossa parte, e vão alguma vez passeiar juntos.

— Muito obrigado.

— Então, que amigo é?

— Tenho tres ou quatro bem bons. Hei de ver qual é o mais serio.

— Pois sim, isso é que é; que seja muito serio.

— Olhe, olhe, lá vae um!

E chamei-o da janella.

Era Pedro Vidoeira, meu companheiro no lyceu, e excellente moço.

As tias gostaram muito d'elle.

— É seriosinho, é.

— Muito seriosinho!

D'ali em diante, Vidoeira foi a minha providencia.

Uma irmã sua tinha casado havia muito pouco tempo com o actor Rosa. Viviam todos na mesma casa: rua Nova da Palma, n'um terceiro andar. Essas relações foram a todos os respeitos para mim uma mina. Vidoeira emprestava-me dramas e comedias, que andavam por ali a rôdo. Rosa, que sempre foi em muita maneira homem de familia, con-

versava ás vezes comnosco, explicava-nos cousas, contava-nos casos. De mais a mais elle havia conhecido meu pae, e mostrou de algum modo interessar-se por mim.

A elle devi eu logo por esse tempo o conhecer uma celebridade europêa, o famoso florista Constantino, a quem ninguem se limitava em chamar só isto, porém um cognome mais pomposo: *Rei dos floristas!*

Exactamente!

Alto estylo de *reclame.*

Rei dos floristas!

E, o mais é, que o merecia.

Ninguem ainda n'este mundo imitou as flores com tanta perfeição como elle.

São mais ou menos gloriosas as profissões, conforme a importancia d'ellas; ser rei dos floristas não é de certo uma das grandezas menos questionaveis do genio humano; e ha talvez o quer que seja de meio phantastico, por não dizer meio comico, n'estas classificações campanudas; entretanto áquelle que conseguiu melhor que todos imitar as flores, não se póde negar uma habilidade subtil, delicada, e rara, que lhe alcançou a distincção suprema para todo e qualquer destino — ser o primeiro na sua especialidade.

O caso é que, de uma occasião, o nosso distincto actor Rosa disse-me:

— Vossê tem que fazer?

— Conforme. De que se trata?

— De vir commigo a casa do Constantino.

— Qual Constantino?

Com aquella impaciencia de mau humor de que se nutre ha muitos annos, Rosa redarguiu logo n'uma entoação agreste:

— No mundo não se conhece senão um; se vossê tão rapazelho como é, já conhece outro, diga lá!

— Eu para lhe dizer a verdade, conheço dois.

— Dois! retorquiu Rosa indignado. Que é isso, dois?

— O senhor Constantino Ferreira da Cunha, e o senhor Constantino Lobo.

— Não é nenhum d'esses.

— Então já temos tres. Explique lá o seu; como é o appellido?

— Não tem appellido.

— Não tem appellido?

— Não.

— Ah! É como Werther, Antony, Eurico... Um nomesito de baptismo, que é por si só sujeito, verbo e caso. Já entendo. Constantino. Assim como a gente diz só Adão!

Rosa mediu-me com o seu ar de desdem n.º 1, e deixou caír estas palavras:

— Lá por fóra conhecem-se quatro portuguezes! este é um d'elles.

— Quaes são os outros?

— Camões, o duque de Loulé e o marechal Saldanha.

— Quem vem então a ser este?

— O rei dos floristas.

Eu nunca na minha vida ouvíra fallar de similhante rei, vivo nem morto. Em todo o caso, rei dos floristas! Era negocio serio.

— Vamos a elle, meu amigo e senhor Rosa. Vamos ver esse monarcha. Faz-me muito favor.

Chegámos á esquina da calçada do Sacramento, subimos á sobre-loja, encontrámos a porta meia aberta como sempre costumava estar, e fomos entrando.

— Constantino? gritou Rosa no corredor.

Elle appareceu logo.

— Caro Rosa!

E abraçou-o ternamente, á sua moda; porque elle ou não fazia caso das pessoas, ou as tratava com uma meiguice feminil.

Rosa apresentou-me a titulo não sei de que: de um rapazote que elle conhecia, e a quem levava áquella casa para eu o conhecer a elle. Mas Constantino principiou com perguntas, e quem era eu, e quantos annos tinha, e a que me destinava a minha familia. Quando o homem soube que eu perdêra meu pae, que minha mãe vivia longe, e que eu estava cá sósinho, rompeu logo a discursar a respeito da sua vida inteira.

—Isso não é nada. Serio foi o que eu passei. O senhor d'aqui a pouco ganhará a sua vida sem saír da terra em que nasceu. Sabe lá o que são cousas! Eu é que sei. Mais ninguem sabe! Encontrei-me orphão ao entrar na vida. Orphão, senhor! Desamparado de protecções, tendo o isolamento por patrimonio, mas a fé por divisa! Tive de abandonar este paiz. Ainda hoje isto me faz pena! Não sei porque gosto de Portugal, mas gosto. Não tenho rasões para lhe querer bem, e quero-lhe muito! A patria é como certas mulheres, quanto mais fazem soffrer uma pessoa, mais se gosta d'ellas. A indifferença n'este paiz, é o quinhão que toca aos artistas. Se não fosse a confiança do talento, a grandiosa consciencia de si proprio que Deus dá ás intelligencias superiores, morria por ahi de um dia para o outro toda a gente que tivesse talento: o que vale é a coragem da desgraça, que é a mais profunda por não haver outra mais verdadeira. Eu resisti sempre aos rigores do destino. Nunca houve um homem como eu!

E dava outro abraço no Rosa.

—Ora, o meu Rosa!...

Dizia isto, e tudo, n'uma lingua de trapos que dava um trabalhão á gente para o perceber, e com uns modos magestaticos, grandes de mais para o tamanho d'elle.

Constantino era um homem baixo, de rosto duro,

suissa por baixo do queixo; — o que em Lisboa n'outro tempo se chamou suissa á Flavio; — cabello muito comprido apartado excessivamente ao lado, e nem pera nem bigode.

A voz era de contrastes. Notas ao modo de *soprano* e de *contralto*. Tão depressa piava fininho uma palavra, como roncava outra meio tom abaixo da profundidade do orgão do porco.

Abrigavam-se-lhe debaixo da testa dois olhinhos, dois pontos escuros. O nariz, de ventas um pouco arqueadas, farejava apenas o segredo das flores: nada mais lhe importava senão isso. A bôca, como que encolhida e chupada nos cantos, deixava saír as palavras com difficuldade. Estava sempre a encostar os dentes de cima aos de baixo, mas sem os unir de todo, e dava uns geitos aos beiços como se estivesse a fazer uma careta a alguem, ou antes como a gente faz quando anda a aprender francez e que nos ensinam a pronunciar o *u*, aquelle famoso e delicado *u* que espreme os queixos e os beiços aos rapazes, e é raro que sáia em termos!

Percebia-se ao vel-o n'aquella mesma gravidade e melancolia dos seus modos, que havia soffrido, e que a vida não tinha sido para elle um gracejo leve, senão uma luta, uma batalha renhida. N'um livro de biographia e de arvore genealogica — porque elle tinha a deploravel mania de querer ser illustre por modo diverso d'aquelle por que o era, e

mandou armar uma arvore de familia em duzentas paginas que dava de presente ás visitas, e no qual se apresentava de uma fidalguia mais antiga que o pão — conta elle, e esse sim, que é um titulo de nobreza, haver-se encontrado no começo da sua carreira em lances tão apurados, abandonado em nação estranha, que teve de vender, para não expirar á mingua, um bracelete que sua irmã, que morrêra de colera em Santarem, lhe legára como lembrança.

A sorte mudou para elle, um dia, mercê dos seus esforços. Era homem extraordinariamente engenhoso e trabalhador. A primeira exposição de Londres foi-lhe campo de gloria, e o jury declarou que lhe competia o premio grande, proclamando-o primeiro dos floristas.

Todos os jornaes inglezes e francezes renderam tributo ao resultado brilhante de vinte annos de trabalho e de sacrificios. Foi moda, fez furor. Portugal deveu-lhe o melhor brilho da nossa exposição. Os salões d'elle em Regent-Street eram o logar de reunião de toda a nobreza europea.

Conta-se, entre outros incidentes, que a rainha de Inglaterra acompanhada do principe Alberto, do rei e da rainha da Belgica, do principe real e princeza da Prussia, das duquezas de Kent e de Cambridge e do duque de Wellington, lhe disse de uma occasião, entre outros louvores graciosos;

— Os seus trabalhos, senhor Constantino, são, no meu parecer, o melhor que ha n'esta exposição.

Constantino curvou-se com ares respeitosos; a rainha acrescentou:

— Raras vezes o diamante deixa de ter defeitos, as suas flores não têem nenhum!

Recebeu de quantos reis havia no mundo grandes demonstrações de sympathia e de attenção. Quando elle aqui esteve tinha condecorações de todos os paizes — excepto de Portugal!

— Ratão de paiz, este nosso!

O maior elogio que póde fazer-se d'elle, a melhor prova que possa dar-se do seu merecimento, é referir o que se passou em Londres com o jury, examinando-lhe as flores; examinou-as demoradamente, attentamente, e desconfiou que eram artificiaes. Para se convencer, quebrou uns arbustos.

Vivia já retirado á vida privada. No zenith do seu esplendor quiz ver de novo a terra que lhe dera a vida, e que lhe não deu mais nada. Por cá esteve um pouco de tempo, saíndo pouco de casa, parecendo melancolico, enfastiado, vivendo com um rapaz a quem chamava secretario, e com quem passava as horas a conversar. De dias a dias dava um passeio até o fim da rua Nova do Almada e entrava na livraria Langlet, descansava n'essa loja, que é hoje a livraria Férin, e, de uma vez viu em cima do balcão aquelle livro *Fleurs animées,* obra fran-

ceza, edição de luxo, em papel velino, com estampas, sabem? Quiz rasgal-o. Dizia-lhe o livreiro:

— Esteja quieto, senhor!

E elle na sua lingua embrulhada:

— *Lhe dou, senhor, une rosa minha, mas rasga iste. Iste é une porquerie! Pois senhor ache espirituose dar ás flores aparencia humana?* (nas estampas cada flor tinha feitio e cara de mulher.) *Eu ache stupide. O dessinator aleija égalemente flor e mulher, mulher e flor! Porquerie!*

Apesar de adorar as flores, tinha quisilia a jardins. Para elle não constituia paizagem aquella natureza arranjadinha, captiva, apoquentada, tão diversa da natureza verdadeira dos campos, que, ainda que cultivada, é sempre livre. Suffocava n'uma cerca. De uma occasião disse a um sujeito em Bemfica:

— *Falte espaço aqui, falte liberdade. Tire lá esse muro, e deixe passar!*

O dono da quinta dizia depois:

— Elle é doudo! Queria que eu tirasse o muro para o deixar passar!

Tinha até certo ponto talvez rasão. As flores são do campo; nasceram lá, lá vivem na sua formosura verdadeira, cada uma no sitio que mais lhe quadra e em que melhor sobresáe: nos pomares as florinhas brancas a atirarem um quasi nada para côr de rosa, enchendo o calix das arvores fructiferas; nas

sebes as roseiras bravas, que dão a rosa primitiva de corola branca, fundo côr de oiro, e a folha de um verde como não ha outro: depois, pelo campo fóra flores e flores a esmaltarem a terra como se fossem estrellas vegetaes; o malmequer, o valanco, o almeirão, o suspiro do campo, a papoula...

Pobre e glorioso Constantino! Bem feliz foi elle assim mesmo, em acertar com a paixão das flores e não haver tido outra na vida. Com ellas se contentou, e consolaram-o talvez da constante melancolia que marcou toda a sua existencia e foi o principio distinctivo do seu caracter. Podia até com ellas haver aprendido o mundo — porque nas flores ha tudo, e exprimem bem a variedade dos sentimentos, as alegrias que servem só para enganar, o brilho que passa, o aroma do que foi bom...

— Vidoeira, dizia eu ao meu amigo, tu já me alcançaste o conhecer Rosa, Rosa alcançou-me conhecer Constantino; este estylo biblico é digno da satisfação que tudo isto me dá. É preciso, porém, Vidoeira, que tu me alcances mais alguma cousa.

— O que? perguntava-me elle.

— É preciso que tu me alcances o eu poder recolher-me alguma vez depois das Ave-Marias.

— E como ha de ser?

— Ha de ser recolhendo-me ás dez.

— A titulo de que?

— De estar comtigo.

— E para fazer o que?

— Para tomar ar por ahi; para ver um bocado da cidade de noite.

— Pois sim.

Abraçámo-nos com effusão.

D'ahi em diante, uma, duas vezes por semana:

— Ó minha tia, posso demorar-me mais um bocado em casa do Vidoeira?

— Para que? Para estares lá a dar incommodo?

— Não dou incommodo. Até lá em casa estimam muito ver-me.

— Bem, pois vá. Mas até que horas?

— Nove e meia, nove e um quarto...

— Que não exceda.

— Não excederá.

A pouco e pouco foi excedendo. Quasi sempre havia annos. Annos do Vidoeira, annos do Rosa, annos do pequeno — que é este bem parecido João Rosa que já dá lustre á arte.

— Ha muita familia em casa do teu amigo! diziam-me minhas tias.

— Muita!

— E todos fazem annos no mesmo mez!

— Todos...

E caí em mim. Effectivamente eu tinha-lhes commemorado n'esse mez os seus anniversarios natalicios, e já não podia voltar a festejal-os senão para o outro anno. Transtorno!

As tias sorriam a esses expedientes, que vinham sempre n'um tom de gracejo que as entretinha. De mais a mais, nas minhas pequenas excursões pela cidade, eu ía sempre fazendo um peculio de casos galantes que presenceava, ou que ouvia contar, e depois em casa referia-lh'os a ellas para as divertir.

Assim, por exemplo, fallavamos lá sempre muito em Bernardino Martins — que era um dos *leões* d'essa epocha — sem eu proprio o conhecer senão pelo que ouvia a seu respeito; isto é, que era homem muito engraçado, que estivera muito tempo em França, que viajava sempre de sapato e meia de seda, e que, por seu proprio chiste, os casos o procuravam.

— Querem ouvir uma historinha do Bernardino Martins? dizia-lhes eu, ao jantar, que era a hora das conversações, ou antes dos soliloquios, porque só eu fallava e sempre. Querem ouvir? Lá vae.

E principiava.

Bernardino Martins, chegou de uma occasião a casa para jantar, e viu copos de Champagne na mesa.

— Copos de Champagne! dizia elle entre si. É curioso! Ninguem faz annos hoje n'esta casa, não ha rasão para solemnisar qualquer data gloriosa, qualquer feito heroico de meus antepassados, n'este dia, e temos Champagne! Está celebre.

Ao sentar-se á mesa, pergunta:

— Quem deu ordem para saírem do guarda-louça estes copinhos?

— Ninguem, meu senhor, respondeu um creado que n'esse mesmo dia havia entrado para aquella casa. Ninguem!

— E então porque motivo estão os copinhos aqui?

O creado apontou para uma garrafa de Champagne que estava em cima do aparador, e redarguiu respeitosamente:

— Foi lembrança minha. Uma garrafinha de Champagne que tomo a liberdade de offerecer a v. ex.ª

— Homem! Essa agora! Eu agradeço muito, mas não quero incommodos, e até me surprehende menos agradavelmente que haja tido essa idéa, alem de dispendiosa, excentrica.

— Bagatela! respondeu o servo.

Bernardino comeu a sopa, entrou serenamente pelo cozido e pelo prato de meio, e, ao chegar ao assado, antes mesmo de abrir a bôca para dizer a minima cousa a tal respeito, viu o famulo cortar com destreza as cadeias que prendiam na sua prisão de crystal aquelle vinho, mais que todos alegre e scintillante, e, offerecendo o copo, viu com muito gosto pular dentro d'elle o mais fino e seductor Champagne.

Bebeu.

— É bom, disse Bernardino. É muito bom!

— Ora se é bom! retorquiu o creado. É bom a valer. Depois do Cliquot e do Moetz, o melhor é este.

— Sim, heim!?

— Sim, senhor.

— Melhor que o *Carte-blanche?*

— Muito melhor.

— Melhor que o *Montebello*, melhor que o *Cordon rouge?*

— Melhor que isso tudo.

— Como sabe vossê tanto d'isso?

— Estive n'uma casa onde se bebia muito Champagne, e familiarisei-me com este vinho principesco.

— É galante!

— Conheço todas as marcas e sei a valia de estimação que convenha dar-se-lhe. Ahi está, por exemplo, o Champagne *Cabinet* que não vale nada, o *Sillery* que é uma pingarola doce de gulosos, e o *Rose* que só é proprio para senhoras.

— Realmente? Muito me conta. Bem, pois deite lá outro copo. Já que esteve com isto, não quero que diga que dou menos attenção á sua lembrança.

O creado encheu-lhe o copo novamente, com viva demonstração de jubilo.

— Isto é para que o aprecie! dizia elle. Logo vi que v. ex.ª era pessoa para este vinho, e que este

vinho era Champagne para v. ex.ª, isto é, do melhor. Agora, resta-me agradecer a sua bondade e indulgencia para com a minha fraca lembrança.

— Não, senhor, eu é que lhe agradeço. Como se chama vossemecê?

— Manuel.

— Obrigado, Manuel.

Passou-se em seguida á sobremesa, e não se fallou mais em similhante cousa.

No dia immediato, Bernardino Martins, bastante encalmado, porque se estava na entrada do verão, n'um d'aquelles primeiros dias abrasadores que igualam, se não excedem, os que hão de vir depois em junho, chega a casa á hora de jantar, e foi, sem animo para mais, caír sobre uma cadeira e encostar-se á mesa.

— Sirvo o jantar? perguntou o Manuel.

— Sirva, sim, deixe-me descansar um instante, e depois traga.

— V. ex.ª ha de querer gelo?

— Gelo? Sim, outro dia. Agora é tarde para o irem buscar.

— De mais a mais, eu metti-a no pote.

— Hein?

— Digo que, assim como assim, não fará tanta falta o gelo, porque a metti no pote para estar fresquinha.

— Metteu-a? Metteu o que?

— A garrafa.

— Qual garrafa?

— A do vinho.

— Ah! Fez bem. Ganha muita frescura com o estar na agua. Mas, para outra vez basta embrulhal-a n'um panno molhado.

— Nunca é tão bom. N'uma sorveteira sim! Isso sim!

Veiu o jantar para a mesa. Manuel serviu com muita gravidade, e conservou o mesmo ar respeitoso e sereno que já na vespera o distinguíra. Ao chegar ao assado, Bernardino Martins ouviu de repente um estalo ao pé de si, e deu um pulo.

— Que é isto?

Manuel abríra uma garrafa de Champagne.

— Isso para que é? perguntou o dono da casa.

— Para v. ex.ª beber.

— Champagne!

— Se me dá licença.

— Mas o que significa esta historia, Manuel? Então vossê quer dar-me outra vez Champagne?

— Quando vou de novo para uma casa, sempre nos tres primeiros dias tenho esta leve attenção com meus amos!

— Nos tres primeiros dias! Isso não tem geito, homem. Eu não consinto; não posso consentir similhante cousa. Se os outros patrões que tem tido gostavam d'estas dadivas, eu nem as desejo nem que-

ro admittil-as mais. Ponhamos ponto n'um caso tão singular, e feche lá a garrafa outra vez.

— Agora já está aberta...

— Não tem duvida. Rolhe-a e lacre-a. Isto fará de algum modo as vezes de arames e cordeis. Ande, feche-a, já lh'o disse.

O creado obedeceu, melancolicamente, e Bernardino dizia entre si:

— Está a fazer-me pena! Elle offerecia-m'a com tão boa vontade! Mas que remedio? Sejamos homem. Tenhamos força de vontade. Não deve tolerar-se que este pobre servo gaste o ordenado do primeiro mez a presentear-me nos primeiros tres dias. Vê-se que tem muito bons sentimentos! O seu animo é generoso e cavalheiro. Nasceu para amo, este creado!

E, ao levantar da mesa:

— Estou com pena de não lhe haver feito hoje a vontade! Mas, cumpre ser homem!... Tambem, que idéa a d'elle, dar Champagne a seu amo! É ratão.

D'ali a dias foi avisado pelo senhor Hislop, então director do caminho de ferro, de que tinha em casa um creado com o qual era indispensavel a maior cautela, porque havendo estado ao seu serviço, lhe roubára uma caixa de garrafas de Champagne.

No fim da historia, fazia eu ás tias e á avó a philosophia do conto:

—A figura historica d'este Manuel, minha avó e minhas tias, devo dizer-lhes que serve como desenho de uns creados que ha, os mais raros entre todos, que roubam por o simples gosto de roubar. Tiram d'aqui para dar acolá. Alem larapios, aquem mãos rotas. O creado phantasista é pouco vulgar, mas existe; pertence aos excentricos. Isso inculca, sempre, é claro, certo fundo de ruindade, mas a phantasia desculpa e faz absolver tanta cousa! Para isso é bom tomar os creados em pequenos; vê-se logo com quem se poderá tratar; ninguem se faz homem de bem com a idade; é-o desde rapaz, ou nunca o vem a ser; depende isso de uma disposição de coração e de espirito que mais tarde se torna em habito...

Em seguida, voltando-me para a creada:

—Aprende n'isto a conhecer o mundo e os seus habitantes; evita sempre o crime, e traze a salada, terno amorzinho!

—Cala a bôca! dizia-me uma das tias. Estás sempre á mesa com tolices. Que asneira é essa agora de chamar á rapariga tenro irmãosinho!

A outra tia, que percebêra que as palavras haviam sido outras, ria, ria...

—Agora principias tu!... dizia a tia vendo-a rir tanto e inquietando-se com isso. É para lhe dares o exemplo?

—Deixa-me rir, deixa-me rir...

A hora do jantar era a hora alegre. Esquecia o que a sorte estava tendo de crueldade, e o horisonte de negrume. Contava o que me succedêra na vespera, o que víra, por onde andára, que conhecimento novo havia feito, que companheiros tinha encontrado... As boas senhoras não conheciam nem de nome os sujeitos de quem eu lhes dava noticias.

— Encontrei hoje o Cardeira! Está mais gordo.

— Quem é o Cardeira?

— É o Cardeira, minhas tias. O celebre Cardeira! Diz-se isto, e está dito tudo.

Ellas encolhiam os hombros.

— Vê lá, toma sentido, vê lá com quem andas mettido!

Cardeira era auctor de um livrinho de versos, que o senhor Silva Tullio na *Semana* mettêra á bulha n'uma noticia.

Sinceramente não posso dispensar-me, ao cital-o, de estremecer de remorsos, recordando-me que, nas aulas de preparatorios, muitas vezes lemos versos nossos um ao outro. Com que doce inveja me puz eu a olhal-o, quando publicou o livrito a que alludo, *Uma corda da lyra,* e assumiu a dignidade de *auctor impresso!*... Separados por alguns annos, encontrámo-nos depois no mundo das letras outra vez; a differença apenas é que elle estava cirurgião-medico, e, se a sua primeira producção se chamava

Uma corda da lyra, a segunda chamava-se... *Da estomatite ulcerosa!....*

E para aquillo havia elle feito versos! E para aquillo teve elle dezoito annos, e cantou a lua, as estrellas, a flor de um *bouquet,* a primavera, o fim do baile, um vestido branco, e uns olhos azues!

Ah! Quem nos diz que certos estudos não tenham o que quer que seja de sombrio, que damnifique os dotes naturaes, e roube ao talento a sua facilidade? Não appliquemos esta idéa como maxima: mas convenham que tem o seu lado verdadeiro, quando se trata de naturezas, cujas qualidades andem por tal fórma unidas aos defeitos que se destruam aquellas, ao querer emendar estes! Julgue-se cada um contente em ser aquillo para que melhor serve; ha grandes talentos, que apenas prestam para cousas pequenas; pedir-lhes mais do que esboços, artigos rapidos, cartas, idéas, fragmentos, é perder-se; um livro assusta-os, uma obra extensa esmaga-os; se a academia lhes abrisse as suas portas, fartar-se-ía de esperar pelos discursos de recepção d'elles,—... exactamente como pelos dos outros! Não dispõem nunca do futuro, nem querem prender-se a elle; se trabalham é por sensualidade, por seu gosto, e não para gosto do leitor, que é de tudo no que pensam menos; muitas vezes até, é para depois gosarem melhor as doçuras do repouso! Não era assim Cardeira; esse nascêra mais para a scien-

cia do que para a poesia; era um caracter grave aos vinte annos; tinha ar de medico já n'esse tempo! Espirito serio e reflectido, o amor pelo estudo levou-o para a sciencia; quando tinha uma lyra, dedilhou apenas uma corda; bem se vê d'isto que pouco amor lhe tinha, ou que as outras cordas não estavam grande cousa. Mais tarde estimou-se muito o seu merecimento como cirurgião, e elle deu-se tão bem com isso, que não guardou da sua lyra... nem essa mesma corda só!... A morte pareceu querer punil-o por isso, e levou-o aos vinte e cinco annos.

De outra vez:

— Conhecem o Rodrigo Paganino? perguntava eu ás tias.

— Conhecemos n'outro tempo um Paganino...

— Então, perdoem; não póde ser este. Este é o companheiro do celebre Gonçalves e do celebre José Avellar... tambem já é meu amigo.

— Vaes tendo muitos amigos!

— Muitos. Preciso arranjar um por dia. Trezentos sessenta e cinco por anno. Tudo que não seja isto, não me chega!

Rodrigo Paganino era um rapazito magro, extraordinariamente esperto, devorado pela imaginação, sequioso de amor e de ser amado. Pertencia a uma familia distincta, e era elle proprio de muito bom trato; desprezava um pouco as exigencias do vestuario, não punha pomada no cabello, com-

prava as botas feitas, bem largas e compridas, e desdenhava completamente as exterioridades da vida. A namorada creio que comprehendia melhor as elegancias do luxo, do que as do talento, e fez-lhe o quer que foi. Acabaram esses amores, deixando-lhe uma impressão profunda que o foi minando.

Ha uma curiosissima obra d'elle: *Contos do tio Joaquim*. É dos mais notaveis livros da geração nova; muito original, muito galante.

Declinou, por gracejo, a gloria de auctor sobre um pobre homem a quem conhecêra em tempos, e que não tinha de litterato senão saber guiar uma junta de bois, conduzir a rabiça de um arado, ser grande mestre na poda e na empa, fazer um pé de lagar, erguer uma meda de pão, dar conselhos magnificos.

Tio Joaquim se chamava esse amigo, que, depois de narrar muitas historias a Rodrigo Paganino, lhe disse poucos momentos antes de morrer: «Agora acabaram-se os contos. Lembre-se de mim quando se lembrar d'elles; é a herança que lhe deixo». Para outro qualquer este legado teria algum parentesco com o de Rebollo pae, que na hora extrema concedia a seu filho a certeza de lhe deixar uma boa cabeça; mas Rodrigo, para honrar a memoria do velho, entendeu que devia dos contos d'elle fazer um bonito livro, e foi o que fez!

Estylo espontaneo, claro, sem arrebiques nem pre-

tensões, mas sempre com propriedade, e, o que mais é, com sabor portuguez. Conhecia-se apenas que era um mancebo quem escrevia, pelos dotes da imaginação, pelo tom breve das phrases; a idéa era sempre seria, prudente, exacta. Não se deixava levar de extravagancias que tendessem a affectar excentricidades; era excentrico ás vezes sem se sentir, excentrico com chiste, excentrico com feição. Não planeava os effeitos, não preparava a phrase final, não hesitava ante um adverbio por ser commum; concebia a acção, dispunha-a, depois deixava-se ir escrevendo, com uma rapidez, com uma veia, com uma facilidade de elaboração, que parecia estar a sentir-se a penna conduzil-o, em vez de o sentir conduzir a penna. Era a principal individualidade do livro, o segredo d'aquella maneira que só procura ver encantos na simplicidade. Fazia lembrar os primeiros livros de Alphonse Karr, em que elle escrevia ao publico como a um amigo desconhecido, cheio de familiaridade e de confiança; Rodrigo Paganino era d'essa familia de talentos; não procurava impor-se ao leitor; simplesmente tratava de se identificar com elle. O merecimento dos *Contos do tio Joaquim* não consistia na maior ou menor novidade da fabula, nos effeitos de surpreza mais ou menos habilmente preparados, mas na pintura dos caracteres e dos costumes. Cada um dos personagens era desenhado com tanta espontaneidade, que ficava vivo, real,

palpavel, e tomava o seu logar n'esta grande familia de seres creados pela arte, mais verdadeiros do que a verdade, particulares e geraes, individuaes, e humanos, corpos de carne transfigurados em estatuas. Ha escriptores para quem a rapidez do trabalho é uma condição favoravel, e com Paganino dava-se este caso; se elle escrevesse com uma pachorra de academico, faria talvez um livro indigerivel; o seu estylo era claro e franco; e, a exceptuarmos algumas raras passagens em que apparecia o auctor, cada personagem fallava perfeitamente a linguagem do seu caracter.

Quando depois do tempo do lyceu, o encontrei, já não lhe achei a alegria antiga. Viamos-nos, como então, cada um de nós com o seu livro: mas, a differença era, que, do livro que levavamos agora eramos nós o auctor! Pelos modos, isto é mau, ou, pelo menos, bom não é. Mais valêra talvez ser estudante sempre! Ao ler-se no frontispicio de uma obra o nome do que a escreveu, quem pensará, que foi ás vezes á força de trabalho, de paciencia, de miseria supportada heroicamente, de privações, de lutas de toda a especie, que, ao fim de alguns annos, ao vencer os ataques da critica e as invectivas da inveja, teve um homem o direito de escrever o seu nome na primeira pagina de um volume, esquecendo-se de que o injuriaram ás vezes no seu talento, na sua vida, no seu coração, e que o peito lhe serviu de alvo luminoso

ás settas atiradas de noite por uma cambada de frécheiros invisiveis?!

Para viver tranquillo e feliz, é melhor fechar hermeticamente a porta, e não abrir a quem bater, sobretudo se for a gloria. Apesar da mascara de anjo, que ella tem, não passa de esqueleto vestido de lentejoulas; namora-se uma pessoa d'ella, para se arrepender depois centos de vezes.

Elle haveria sido menos infeliz, se não se houvesse distinguido...

Como fiz eu conhecimento com Ayres Pinto de Sousa, que era n'essa epocha um dos redactores principaes da *Nação?* Não poderei dizel-o já: não me lembro. Sei que fui muitas tardes a sua casa, á Carreira dos Cavallos, sei que era homem extremamente instruido, grandemente distincto, e de uma affabilidade *ancien régime,* que já é muito raro encontrar hoje. Tinha uma filha, que estava tisica; e toda a alegria, todo o vigor litterario, a alma e a imaginação do infeliz pae, suffocaram-se n'essa desgraça. Ayres Pinto de Sousa era auctor de alguns artigos muito estimados; e terminára o primeiro volume do romance *Frei Paulo ou os doze mysterios,* que Antonio da Cunha Sotto Maior deixára incompleto.

Os homens mais eminentes do partido realista estavam por esse tempo em toda a força do talento e da voga.

João de Lemos não era só um poeta justamente estimado pela elevação do seu estro; era como que um ente sobrenatural na estimação da mocidade e para a sympathia das mulheres. Em Coimbra não havia dar um passo sem fallar d'elle; toda a gente recitava os seus versos, e o nome d'elle encontrava-se a cada momento, gravado nas arvores da quinta das Cannas, da Lapa dos Esteios. Quando as donzellas, ao caír das tardes, cravavam a vista nas margens de esmeralda do formoso Mondego, que parece ter oiro por areia, e corre docemente á sombra da virente rama dos salgueiros que o namoram, suspiravam, as formosas, suspiravam vagamente...

A familia não sabia ás vezes de que provinha, e onde iria aquelle suspirar melancolico...

Era a falta de alegria?

O viver longe das festas?

O não ter ali as distracções da vida elegante, as noites de baile, as noites de theatro, as manhãs de passeio, os dias entretidos nos nadas galantes da vida moderna?

O que tinha a menina?

Eram saudades de algum estudante?

O medo de ser esquecida? O receio de que nunca mais lhe escrevesse?

Porque estava ella triste, apesar de moça, bonita, querida da familia e de todos... Que melancolia era aquella, indefinida, inexplicavel?

Pensava em João de Lemos.

Nos salões *vieille roche,* outro homem de letras, outro poeta, produzia tambem grata impressão.

Outra indole; genio diverso. Não lembrando nunca um estudante, um artista, ou um bohemio. Grave, gentil, sereno; um quasi nada, mas propriamente quasi nada, maneirado; uma suspeita, uma vaga suspeita de *pose;* mas, não se póde ser homem de mundo, cavalheiro, fidalgo, sem um poucoxinho de attitude. Antonio Pereira da Cunha esteve sempre longe de ser um *poseur,* mas nunca se esquecia de si; tudo isto é em seu louvor, é claro; elle continua ainda hoje, como n'aquelle tempo, a ser irreprehensivel no porte, no trato, e no modo, exactamente como nos versos: sempre o sentimento do rythmo: na poesia, na vida, no vestuario, nas maneiras.

Antonio Pereira da Cunha, considerado como o mais correcto metrificador portuguez depois de Castilho, é auctor de um livro de prosa que produziu sensação, e que merece não ser esquecido.

Quando esse livro se publicou, Lisboa pareceu gritar:

Alleluia! Alleluia! Temos um bom livro!...

Mas quando se diz um bom livro, não se explica e não se faz logo idéa do porque é elle bom, da fórma porque é bom, e bom para o que! Até não se conhece cousa mais indefinida e vaga perante o pu-

blico do que a bondade ou ruindade de uma obra de litteratura! Quando fizerdes um romance historico, trabalho de uma difficuldade, de uma consciencia e de uma verdade de estudo e de côr, que assombre os que estiverem ao facto do tempo consumido laboriosamente a indagar, a observar, a pensar e a escrever esse livro de uma importancia extrema, haverá logo quem sinta a necessidade de gracejar um instante com a vossa grave applicação, dar-vos a perceber que sois um cabelleira e um estopada, que escreveis obras que uma pessoa manda encadernar, mas não quer ler, e que terão de viver fechadas á chave na estante, sem ninguem se dar sequer á curiosidade de as pedir emprestadas!

Se possuis as prendas de romancista, logo sacaes da vida de um e outro este ou aquelle facto mais original, e offereceis ao leitor que se sirva de uma talhada, em que encontrará sabor de indiscrição; mas ao passo que certa roda de amadores do mexerico apregoar a obra como um capitulo de historia contemporanea, os leitores sinceros, que não conheçam os personagens, terão de engulir trezentas paginas sem interesse, sem paixão, sem idéa e sem estylo!

Ou, se vos estabeleceis heroe da historia, não largaes durante todo o livro o espelhinho em que vos miraes. Narciso nunca se namorou tanto de sua pessoa! Copiaes-vos de frente, de perfil, a tres quar-

tos, nas attitudes mais solemnes e tambem nas mais familiares. A titulo de serem sensações privilegiadas vae o amigo impingindo-as á humanidade. Cada pulsação d'esse coração precioso será registrada com uma exactidão de chronometro! Os amores mais triviaes e ephemeros virão tratados com a seriedade de uma grande pagina historica! Um suspiro seu fará um barulho comparavel ao carrilhão de Mafra!... As vizinhas do bairro reconhecêl-o-hão na obra, pela exacta descripção que faz de sua figura, dos seus sentimentos; e de um paletó que costuma usar; os mais leitores, porém, talvez parem no segundo capitulo, com immensa pena de se acharem privados das bellezas que o resto poderá ter, e isto unicamente pela idéa, verdadeira ou falsa, de que o amigo é tolo.

Póde escolher tambem o genero religioso e compor um livro pesado, sem as graças da fórma, sem o artificio da dialectica, em que diga as cousas nuas, cruas, a pretexto de ser isso o que convem ao genero. O que n'um escriptor fluente podia tornar-se em poema harmonioso da natureza, fica parecendo no recommendavel livro de vossa senhoria uma chalaça, que, quando estiver só, a si proprio o ha de fazer rir. Embora nos diga que Deus é tudo o que se vê, tudo em que se mexe, tudo o que se ouve, se sente e se saboreia, emquanto uns o acclamarem por isso grande auctor, outros começarão a resmun-

gar que não passa de um pancracio; e o meu amigo, que tambem se comprometteria por metaphysico, se houvesse fallado apenas em infinito, em immensidade, em cousa eterna, em substancia universal e em unidade de ser, começa a desconfiar de que fez um livro, que não presta!

Se, por capricho de sua justiceira rasão, se resolve a emprehender um livro de critica, em que deva occupar-se de execraveis producções, recebe logo uma carta de recommendação, em que se lhe diz que o auctor sustenta a familia; se disser d'elle o que é de justiça, põe-o a pedir esmola, e em vez de um bom livro terá feito um livro ruim; se disser que o homem tem talento, não faz de mau, mas faz de idiota!

Se caír na tonteria de escrever obra humoristica, despretenciosa, elegante, em que, por exemplo, diga que um baile é o campo de batalha do amor, e descreva galantemente esse torneio, em que os modernos Magriços quebram lanças por suas bellas e se inflammam tanto com flores, diamantes, musica, que obrigam sempre os socios... a dar refrescos, será o meu amigo estimado e lido em certa sociedade, mas terá de passar pela distracção de ouvir uns sujeitos que vendem generos falsificados, uns politicões que têem servido todos os partidos, e uns negociantes de vinho que o arranjam com pau de campeche, queixarem-se acremente da immoralidade dos litteratos!...

Ora Antonio Pereira da Cunha havia feito um livro que não se filiava em nenhum d'esses generos, e d'ahi proveiu logo parte da fortuna que teve, a da novidade. Chamava-se *Brios heroicos de portuguezas.*

Era a narrativa dos acontecimentos em que as mulheres da nossa terra, esquecendo por algum tempo o papel que lhes impõe a natureza, conseguiram imitar em coragem as mais illustres guerreiras. Não ha povo que não tenha heroinas que citar, e ás quaes attribua o haver-se ganho uma batalha ou salvado a patria; em todos os tempos houve d'essas creaturas especiaes, que, secundando o zêlo dos soldados, não souberam apenas mostrar animo impetuoso de ataque, mas tambem a fria coragem que affronta a morte; no livro de Pereira da Cunha citam-se as mulheres celebres em feitos de guerra da antiguidade; todavia a idade media, e os seculos que lhe succederam, são talvez ainda mais ferteis em heroinas; e a rasão maravilha-se ao observar Joanna d'Arc, terror dos inglezes e gloria da França, que igualou pelo seu valor os mais intrepidos cavalleiros do seu tempo, ou Margarida d'Anjou, que por duas vezes libertou seu marido dos ferros, deu doze batalhas, foi feita prisioneira, e supportou corajosamente o captiveiro até á hora em que o rei Luiz XI lhe concedeu a liberdade!

É caso excentrico, mas glorioso de referir, que,

a par de alguns homens que se têem sacrificado á patria, se conte maior numero ainda de mulheres; ellas, coitadas, entregam o seu oiro e as suas joias para salvarem a cidade de saque e de incendio, resolvem atirar-se ás chammas ao ser tomada a sua terra, e coroam de flores a que primeiro deu esta idéa; fazem mais: cortam os cabellos para fazer cordas, a fim de substituir as dos arcos e das machinas de guerra, que íam estando gastas!

Essa obra de Pereira da Cunha (creio que nunca publicou mais do que o primeiro volume) contém a noticia historica de algumas heroinas portuguezas: D. Filippa de Vilhena, Margarida de Abreu, Brites Gonçalves de Moura, Deu-la-deu Martins, Joanna de Gouveia, Ignez Negra, Maria Annes, Maria de Sousa, etc.

O merito principal d'este trabalho era principalmente a simplicidade com que tudo ali se contava e apreciava, sem os adornos romanticos de que ás vezes se costuma revestir a natural grandeza dos factos, a pretexto de os tornar *interessantes*. O resultado de tal escola é apenas estontear o publico, que fica persuadido que se instruiu, e não fez mais do que entreter-se, á maneira de um leitor de Dumas, que seja homem de boa fé, e que deslumbrado pelo relevo, que o romancista dava nos seus romances historicos a um ou outro personagem ficticio, fique na persuasão de que d'Artagnan foi o primeiro

homem do seculo de Luiz XIII, e que o Richelieu e o Mazarin eram uns figurõesitos secundarios ao pé d'elle!...

Os *Brios heroicos de portuguezas* conservam as proporções serenas, elevadas, simples, da epocha, do caracter e do estylo. Não ha esforço, não se sente o trabalho da indagação, e a fadiga que elle traz comsigo; os retratos das heroinas são feitos em dois traços, e parece que estão vivas; para adivinhar uma physionomia basta um furtivo olhar lançado sobre o modelo; ha auctores dados a estas descripções, que levariam setenta paginas para nos dizer como era cada uma d'essas briosas portuguezas; para fazerem qualquer retrato pedem inspirações ao céu, olham para as nuvens, e escutam o vento que vem pela chaminé!... É que, tambem, Pereira da Cunha, poeta de grande lyrismo, meiguice e ternura, pareceu n'esse livro não querer dar á sua alma certos extasis, consentindo-lhe que converse a proposito de qualquer cousa com as arvores e com as flores, contentando-se de instinctos mais do que de realidades, e querendo antes divagar em roda do provavel do que dizer simplesmente o certo. É tudo bem contado, mas nada mais do que narrativa fiel, concisa.

Teve essa obra grande acolhimento, e isso explica-se: era livro que precisava fazer-se. Disse então toda a gente — «Ainda bem que está feito!» Eu com certeza nunca o faria. As Brites de Almeida,

as Custodias Sanches, ou as Irias Vaz, não serão nunca o meu ideal da mulher, e prefiro incomparavelmente v. ex.ª, minha senhora, com o seu *bouquet,* o leque, e o livro de missa, a essas desembaraçadas damas, que estabelecem imperio pela força physica, e pela masculina coragem de um Galamba de caracoes, ou de um Remechido de brincos nas orelhas! Não me parece destinada a mulher á profissão das armas, porque a sua missão sobre a terra é dar a vida... e não tiral-a!...

Pois em que reside a força das mulheres, senão na sua propria fraqueza? Não são porventura as galanterias, a meiguice, o espirito, a belleza, que formam o seu inquestionavel poder, o seu poder cem vezes mais solido que o dos conquistadores? A doçura é o talisman de v. ex.ª, a elegancia a sua corôa; creou-a Deus para passar na vida domestica, na tranquillidade do lar, ou nos prestigios do alto mundo, enfeitada, graciosa, inspirando o amor, e acalmando os selvaticos furores do homem!

Já têem querido uns lanzudos philosophos de gola alta e caixa de rapé, que as senhoras se destinassem á direcção dos negocios publicos, e ao governo do estado, por nem lhes faltar a força e o vigor precisos, nem dever transtornar-se-lhes o juizo entre actos de despotismo e de fraqueza. D'aqui partem estes pensadores a commemorar Semiramis, cuja gloria encheu o mundo, Zenobia, que conquistou o Egy-

pto, ou aquella valentona da Catharina, que dizia ao rei de Navarra seu marido: «D. João, se vossê tivesse nascido Catharina e eu João, nunca haveriamos perdido Navarra!...» Bem sei tambem que não é só com a barba que se governa o mundo; mas, do que me persuado é que esses pantaleões, que têem attentado afastar as senhoras dos seus naturaes destinos, — são inimigos disfarçados e pusillanimes. Fiquem-se com as Mór Lourenço, as Ignez Negra e as Joannas da Silva, os pimpões que procuram, para companheiras, indoles *ejusdem farinae*. Gosto mais de beijos que de murros, e não poderia habituar-me á idéa de que as senhoras viessem ao mundo para jogar a bordoada; ás idades de cavallaria succederam os seculos das artes e das letras, e a mulher provou em mil circumstancias que a fraqueza do seu sexo a encaminhava mais para os trabalhos da intelligencia do que para as acções heroicas. Digam-me realmente se ellas não são mais bonitas quando resam na igreja, quando costuram em casa, ou quando dansam nos bailes, do que afogueadas pela ira, desgrenhadas, com o olhar feroz e o braço armado, a gritar vingança? Ah! Em sendo meigas, formosas e boas, já serão grandes. Tenho pena que os homens sejam tão feios, porque, a não ser isso, chamar-lhes-ía a mais bella flor da creação, e diria que as senhoras... são o aroma!...

Para ver gente, para conhecer gente, os botequins eram n'esse tempo a grande fonte de receita, e possuiam, mais do que hoje, feição marcada e definida.

Sabia-se que o Freitas era o botequim dos *antigos*.

O Marcos Filippe, o botequim dos *velhos*.

O Marrare das sete portas, o botequim dos jogadores.

O Suisso, o dos estudantes.

O Marrare do Chiado, o dos estroinas.

O Martinho, o dos litteratos.

Latino Coelho apparecia ali de tempos a tempos, á noite, e era já n'esse tempo considerado como um raro espirito. Mostrava-se aos entendedores o Latino Coelho: era um talento para os litteratos, para os sabios e para os artistas; uma curiosidade para os delicados.

Ainda havia então gente para quem Latino Coelho era uma especie de mytho: a sua superioridade impedia-o de ter a estimação calorosa das maiorias. De vez em quando algum pedante chocho estabelecia restricções á valia d'este homem verdadeiramente extraordinario. Por muitos annos o costume foi soltar com maguada benevolencia esta phrase dolorida:

«Não ha um só livro d'este grande talento!»

E pareciam considerar como uma brincadeira um tão grande numero de artigos admiraveis, de rara

eloquencia, de um relevo metallico, de uma portentosa attracção de côr, alliando o brilho á profundidade e elegancia privilegiada de um estylo de que só elle dispõe.

Felizmente, appareceram os livros.

Quando Latino escreve, a phrase ha de dar á idéa um encanto especial ou leva-a o diabo. É o artista! É o amor do estylo! É a seducção da fórma! Os grandes parteiros nunca têem dó de sacrificar um pouco a mãe para salvarem o filho. Latino é um apostolo enthusiasta, que sabe os grandes segredos, e não recua diante da necessidade de violentar a lingua, se isso for preciso, comtanto que lhe arranque a suprema elegancia e a suprema graça!

Escriptor, jornalista, orador, Latino Coelho tem tomado parte na actividade dos ultimos vinte annos. Ainda assim chamam-lhe preguiçoso, dizem de vez em quando que trabalha pouco!

Elle sabe tudo. Entende, adivinha; aprendeu tudo. Sabe-se que elle existe, pela fama e pelos seus artigos. Actualmente os da *Tribuna* são sempre transcriptos, são sempre saudados; mas a elle ninguem o vê, a elle ninguem o viu. Como no Tristam Shandy:

— «Quem o viu?

— «Viste-o tu?

— «Viu-o alguem?

N'aquelle tempo morava elle aos Paulistas. Dor-

mia duas horas, tres horas: lia sempre; ia um bocado á janella, gostou sempre muito de estar á janella, á portugueza, á peninsular, a ver quem passa, a olhar para as vizinhas — saía um instante, á tardinha, atravessava a rua, conversava um bocado á esquina, e ía outra vez para casa.

De mezes em mezes levavam-o dezoito amigos ao Martinho. Formava-se ali um cavaco em grande, de mesa para mesa, e elle tinha ditos magnificos, que ficavam a ser repetidos pelos echos d'aquelle botequim luxuoso durante noites e noites.

Toda a gente em Portugal tem ouvido fallar d'elle e lhe conhece o nome: muitos o têem lido; poucos, muito poucos o conhecem a elle. Similhante ao Eterno de Moysés, que se manifestava ao povo e escondia o rosto, assim Latino Coelho tem sempre atravessado as epochas como um symbolo, esclarecendo os espiritos, mas separado da turba por uma nuvem.

As mesas do Martinho tinham significação, caracter, nobiliarchia.

Não era indifferente estar n'esta ou n'aquella.

Havia a mesa dos politicos.

Mesa dos litteratos grandes.

Mesa dos litteratos regulares.

Mesa dos litteratos baixos.

Mesa dos litteratos miudos.

E tambem a da missanga dos litteratos.

A missanga era composta de uns poucos de fedelhos sabios e de alguns não sabios.

Alem d'isso havia a mesa dos *extra,* os adventicios: a novidade.

Por essa quadra appareceram duas. Uma chamava-se Harcourt.

A outra Luiz Candido Furtado Coelho.

Luiz Candido Furtado Coelho toda a gente sabia quem era, e quando não lembrava o nome d'elle dizia-se:

— Aquelle rapaz bonitote, neto do governador do Castello...

— Ah! bem sei!

O governador do Castello, Euzebio Candido, era, depois do Judeu errante, o homem mais popular do mundo.

Emquanto a Harcourt ninguem sabia quem elle era: ninguem nunca o soube.

Furtado Coelho era o que se chama o menino bonito das salas. Havia uma *soirée:*

— Vejam se trazem o Furtado... Toca piano com tanto gosto!

E lá ía o Furtado; e tocava, e recitava e compunha.

O theatro já n'essa idade o preoccupava.

Fallava muito no Tasso, sonhava com o Tasso, observava-o em o encontrando. De uma vez não pôde resistir, fez uma peça. Chamava-se o *Agiota.*

Havia uma scena n'esse drama em que o filho cuspia na cara do pae. E representou-se em D. Maria. E, o que admira ainda mais, caíu!... Caíu, como se fosse boa!

Tasso era o filho.

Theodorico, o pae.

O espirito santo não pôde fazer nada n'isso, e a peça foi para onde vão as luas velhas, como dizem os francezes.

— Ah! Não vae como auctor? disse elle então. Ah! Como auctor não vae o caso por diante? Pois esperem lá, que ainda tenho outra prenda, e com esta havemos de ter obra. Vou ser actor!

Uma noite faltou no Martinho, na mesa das novidades.

— Que é do Furtado?

— Foi para o Brazil.

De lá voltou ao cabo de uns quinze annos, e appareceu-nos na Trindade.

Foi uma surpreza e ao mesmo tempo uma sensação curiosa para voluptuosos em assumptos de arte, acharam-se sentados na platéa a olhar para o panno de bôca e a lembrar-se de que por traz d'elle estava um talento que havia já quinze annos illustrava do outro lado do Atlantico o nome portuguez, e vinha aqui n'uma noite jogar em duas horas o seu nome, a sua alegria, a sua gloria: mais do que o seu futuro, o seu passado!

Esse homem, a quem a maior parte da gente d'aqui não sabia o nome, que já era nosso irmão por ser portuguez, e o ficou sendo duas vezes, graças aos mil segredos intimos que veiu contar-nos, companheiro das tristezas e dos extasis de cada um, sol benefico a que poderam aquecer-se as almas que as chuvas anteriores houvessem molhado: esse homem tornou-se de alguma fórma, aindaque por pouco tempo, em occupação quotidiana de nós todos, dominando o publico e modificando-o profundamente nas suas opiniões antecipadas.

Ignorado ás oito horas, illustre ás dez, appareceu na peça do *Supplicio de uma mulher*, mais do que como um artista, como um amigo que Deus e a arte nos davam. Isso surprehendeu muito os que o viam pela primeira vez, ou os que só de leve o trataram. A mim não, que o conhecia de havermos convivido n'aquelle tempo, que foi o dos primeiros passos da carreira de ambos. Cuido estar ainda n'um celebre quarto dos Irmãos Unidos, onde nos reuniamos dez e doze a jantar todos os dias; polkas por cima da cama, e nós por cima d'ellas; um piano de que elle não prescindia, e que era nas longas e serenas noites d'aquella patriarchal hospedaria o confidente incessante das suas inspirações; um bahú, em que guardava a roupa e a guitarra; um cofre para as cartas de amores e para os cigarros; uma mesa pequena, cuja gaveta arrecadava as es-

covas, os livros, as cartas de exame, os retratos de mulheres e a navalha de barba. E desenhos pelas paredes, e cognac pelo chão, e mocidade em tudo!

Quando elle partiu não era porque a desgraça o levasse, mas o capricho, que é o deus dos vinte annos. Ouvíra dizer que no Brazil sempre faz calor: teve frio um dia, e foi para lá.

Nem elle sabia o que era, nem o que queria ser. Tocava em tudo. Tentára todos os ramos da habilidade humana. Compunha musica, tocava piano, escrevia, poetava em albuns, e no dia em que estaria para se lembrar de fazer um relogio — lembrou-lhe fazer-se actor.

Simplesmente!

Comprou um chapéu de palha, tomou passagem no paquete, e foi para o Rio de Janeiro.

O que fez por lá? Lidou, lutou, obscuro ao principio, não esperando de braços cruzados o destino, mas fazendo-o — porque o destino fal-o uma pessoa pelo trabalho, acceitando os revezes com o sentimento do fatalismo antigo e a serenidade grave do musulmano. Foi de encontro á velha rotina da declamação melodramatica, inaugurou no Brazil a escola moderna, e produziu uma revolução na scena e no gosto.

Fizeram-lhe por lá grandes cousas, fizeram-lhe tudo, porque no Brazil ha o culto do talento, o enthusiasmo, o calor sagrado da admiração, as gran-

des dedicações, os grandes rasgos. No centro d'aquella vida activa e attenta aos interesses materiaes, que toma tão grande porção de tempo para o mister que cada um exerce; em que está tudo marcado pela sua ordem e pelos logares, sem que os ociosos possam disfarçar-se no fluxo e refluxo da população; por entre aquelle positivismo util para o commercio e para a industria, ha ali nobreza de paixões, ha o instincto e a adoração de tudo que é grande, acolhimento e hospitalidade para tudo que é bom, admiração para tudo que é bello!

O que fez elle e o que lhe fizeram? Representou em todas as grandes cidades do Brazil, desde o Pará até o Rio Grande do Sul; construiu e inaugurou um theatro; chegou a ser socio benemerito de muitas sociedades portuguezas de beneficencia do Brazil; e, alem d'isto, foi um actor notavel, propriamente notavel.

E vimol-o, estreando-se desacompanhado de amigos officiosos, de artigos armados por elle mesmo a elogiar-se nos jornaes, dos mil recursos, emfim, de que os mediocres se valem sem conseguirem sequer illudir alguem.

Não teve palmas ao apparecer em scena e ninguem o applaudiu até uma certa scena, do segundo acto me parece, em que para não o applaudirem seria preciso pateal-o, porque as assembléas numerosas acabam sempre por ter, mais bocado menos

bocado, o respeito humano e o sentimento da verdade.

Não havia intriga, não havia trama, não havia facção nem cabala, mas havia a conspiração tacita, magnetica, que nasce do sentimento commum: o publico ía em má disposição para com o artista, desejava um revez, talvez sem consciencia de que o desejava, achava-se ali para ajudar a um terremoto.

Desde essa scena, porém, venceu tudo, conseguiu tudo, até as cousas para as quaes o publico é sempre mais rebelde — interessar-se pelo estylo, pelas idéas, pela sciencia do coração humano, pela analyse das paixões.

Dicção limpida. Não se perdendo uma palavra, não se esvaíndo o fim de uma phrase, não esmorecendo uma syllaba. Não se deixava ir em exercicios telegraphicos, e sabia ser senhor dos braços em gestos sobrios. Completa naturalidade; mas um pouco frio para o que se quer no theatro; a serenidade academica exige um repertorio especial, como na *Comédie française*. Elle não tem grandes relampagos de actor, os chamados rasgos theatraes; sabe porém dizer na perfeição.

É uma natureza de artista, não é bem talvez uma natureza de actor.

O mais curioso é que tendo elle sido sempre um dos portuguezes de vida mais aventurosa, empre-

hendedora e arriscada, teve sempre o ar de concentração e de prudencia, que a natureza por um gentil disfarce concede ás vezes aos extravagantes.

Hoje está casado e quieto.

Depois de mil prodigalidades, e de uma existencia nomada, em que o lucro e a satisfação das phantasias procuraram compensal-o da ausencia da familia e da patria, depois das noites de gloria e dos dias de festa, depois das folias de artista e dos devaneios de nababo, disse adeus ao Rio de Janeiro, aos passeios a Botta-fogo, á Tijuca, ao encanto das xacaras, aos commodos da rêde, á graça das morenas, e veiu para Lisboa com sua mulher, a sr.ª D. Lucinda Simões, filha do estimado actor do Gymnasio.

Furtado Coelho era um phantasista, um imaginoso, um sonhador, um empreiteiro de temeridades; era um original, emfim: e creio que se conserva.

O seu amigo Harcourt vinha de Coimbra precedido de uma reputação de talento monstruoso. Não se dizia d'elle que era um homem de talento, de algum talento, de muito talento: era um monstro de talento.

Este monstro de talento chegou a Lisboa, e tratou logo de fazer fallar de si:

— O que ha por cá?

— Em que genero?

— Qual é a maior novidade? O grande caso actual? O facto por excellencia?

— A *Prophecia ou a quéda de Jerusalem.*

— Que vem a ser isso?

— Um drama biblico?

— Safa! Escripto por quem?

— Por D. José de Almada e Lencastre.

— Vou-me a elle.

— Hein?

— Vou atirar-me á peça. Gostam d'ella?

— Muito!

— Melhor. Vou devastal-a. E do auctor gostam?

— Tambem todos gostam.

— Vou moêl-o.

Viu a peça, metteu-se em casa oito dias, a estudar para dar com ella em terra, comeu e bebeu os *Martyres* de Chateaubriand, e despediu tres folhetins como quem atira tres settas.

Os folhetins fizeram bulha. Harcourt tinha todo o charlatanismo de talento com que se maravilham os leitores faceis. Citou muitos auctores, referiu-se a muitas obras, metteu trechos de todas as linguas, uns bocados em latim, outros em allemão, dois em grego. O Martinho exultou. O homem novo ía matar tudo.

Não matou cousa nenhuma. D. José de Almada tinha não só mais talento que elle, mas outra qualidade de merecimento e outra seriedade de estudo.

Incommodou-se com isso, como toda a gente se incommoda de ver a ruindade fazer gosto em desacreditar os dotes mais nobres de um homem, a sua intelligencia e o seu trabalho, e respondeu-lhe com a elevação de um poeta e o sentimento de um artista.

Pouco depois representou-se uma peça de Andrade Corvo, *O Astrologo*.

—Ah! O Corvo é um homem superior, um homem justamente respeitado pela valia dos seus meritos... Vou-me a elle.

E atirou-se-lhe n'uns folhetins, como póde atirar-se um lobo esfomeado a um homem bem nutrido. Corvo foi o ultimo a dar por isso.

De mais a mais, exactamente por essa occasião, João de Andrade Corvo, tenente do corpo de engenheiros, lente da escola polytechnica, socio da academia real das sciencias, auctor do *Anno na côrte*, do *Alliciador*, do *Astrologo*, de *D. Maria Telles*, de *D. Gil*, de *Nem tudo que luz é oiro*, de grande numero de artigos publicados nos *Annaes das sciencias e letras*, na *Epocha*, etc., estava todo entregue a uma curiosidade.

Uma tarde, no Rocio, passeando com o dr. Thomás de Carvalho e o dr. Magalhães Coutinho, Andrade Corvo dissera-lhes que para as suas cousas de botanica teria talvez de ir estudar physiologia animal, e ser discipulo d'elles.

— Não és capaz?

— Ora! Elle é lá capaz d'isso!

— Sou capaz até de estudar o curso completo.

Os dois olharam para elle, sorrindo.

— Vou matricular-me ámanhã.

Matriculou-se no dia immediato.

Abriram as aulas; e, desde o primeiro dia, lá ía elle sempre com a maior regularidade, de lição sabida, sentar-se no seu banco: e quando se diz lá ía, quer dizer que foi lá cinco annos, todos os dias, como um dos melhores discipulos, o mais applicado, o mais exacto no cumprimento dos seus deveres. Ás vezes chovia o grande diabo, e Andrade Corvo, a pé, modestamente, *á estudante,* trepava aquella calçada do Garcia e mettia-se pela rua que vae ao hospital com o passo accelerado de um filho familias que estivesse exposto mais dia menos dia a que o pae lhe exigisse uma certidão de frequencia colhida com austeridade nos registros sisudos do livro de ponto.

Homem verdadeiramente original! Homem de constancia no trabalho, no estudo, na sêde de saber, que só n'isso faz do desejo uma força, e que n'elle ainda não parou, nem se fartou um instante.

Elle tem passado a sua vida descansando alternadamente da sciencia na politica, da politica na litteratura. Por isso tambem a litteratura n'elle tem sido uma caricia infatigavel a tudo em que tem to-

cado, na sciencia e na politica. Tão litterato nos dialogos do infante D. Pedro e da rainha na caçada do *Anno na côrte:*

«— É um prazer barbaro, este que se gosa em perseguir, em matar um pobre animal, que vive socegado no seu deserto, sem fazer mal aos que tanto mal lhe querem, disse a rainha, quando viu caír exangue o porco que el-rei atravessára com a lança.

— Barbaro é sempre o prazer que se tem em ver padecer: quantas vezes os proprios anjos sentem prazer n'isso? acudiu sua alteza.

— Os anjos! A vingança é o prazer dos deuses, diziam os pagãos: mas dos anjos ninguem o disse senão vossa alteza.

— Sem ser por vingança, por simples passatempo, ha anjos, dos que andam pela terra, que fazem passar horas de dor, amarguradas horas aos que os adoram mais ardentemente.

— É que não são anjos, esses taes; disse a rainha rindo. E se o são, não os tenha vossa alteza por bons, tenha-os por anjos maus.

— Vossa magestade não sabe que os fanaticos não pensam, adoram só?»

Tão litterato n'esses dialogos como na nota ao arcebispo de Damieta, quando monsenhor Oreglia se queixou ao arcebispo de Goa attribuindo ao clero goano as discordias da christandade do Oriente, pe-

dindo-lhe que subdelegasse as suas faculdades extraordinarias nos vigarios apostolicos, e fizesse com que os sacerdotes goanos lhe não estorvassem o seu exercicio.

Fallam de romances, fallam de typos; mas, nas litteraturas estrangeiras, é raro encontrar romances da valia do *Anno na côrte!* O drama é por tal fórma combinado com a historia, que, sem o interesse afrouxar por um momento, vão as figuras historicas apparecendo na sua verdadeira luz, e as intrigas da côrte, os caracteres, os factos desenhando-se com a segurança da tradição e com a graça de lances do romantismo. É a epocha, e o seu romance, mas é tambem o encanto da narrativa, o primor dos dialogos, e depois o sentimento, a nota que não se confunde de um escriptor que não tem marcado apenas pela sua illustração scientifica profundissima, mas pelas suas qualidades de poeta não só nas idéas, porém na sua mesma existencia, poeta sempre e em todo o tempo poeta: nota, que não se confunde, de um coração que conhece as venturas e as dores do amor, os enthusiasmos e as quédas das dedicações, as illusões e os desenganos da grande e eterna carreira do sentimento.

E não se é poeta, não se é romancista, não se é artista, sem isso. É preciso haver soffrido; não se chega á gloria senão pela melancolia, senão pela luta com a vida, com as idéas, com os tempera-

mentos, com a sorte: não se chega á gloria senão pelas lagrimas; é preciso passar pela cruz para ser deus.

Uma comedia em tres actos *Um conto ao serão* marcou pelo mesmo tempo da *Sobrinha do marquez* o seu logar no nosso theatro; essa comedia agradou muito, ás mulheres principalmente: a mais rara das cousas — uma comedia portugueza de que as mulheres gostem, isto é, uma comedia portugueza de que as mulheres possam gostar.

A moda inventou um genero novo, por essa occasião: os proverbios. Toda a gente se serviu das suas muitas ou poucas letras para fazer um.

Nem o espirito portuguez se prestava a esse genero, nem a lingua, — esta lingua positiva, chã, boa pessoa, pesada e de pé grande.

Era um genero? Entre nós não chegou a sêl-o.

Não discutiremos agora os proverbios; todas as fórmas são boas, e todas más; são modernas todas, e todas são antigas; o caso está unicamente no modo por que um escriptor sabe servir-se d'ellas; o proverbio apparecêra pela primeira vez longe de Portugal; veiu do theatro da sociedade da França, e trazia a marca de Musset; era uma sombra da comedia, em que se procuravam disfarçar habilmente debaixo das graças naturaes ou artificiaes do espirito algumas lagrimasitas sinceras. Obras consideradas ligeiras, mas que deviam ser pintura exacta

dos sentimentos modernos — o que nem todas as comedias, mesmo algumas grandemente ambiciosas, conseguem quasi nunca. O proverbio de Corvo foi, ainda assim, considerado como a perola dos que appareceram, apesar de todos os homens de letras de certa distincção, de certa elegancia, se apressarem em saír logo com o seu proverbiosito; as condições do genero eram estas — bom tom, phrases refinadas até á extrema singeleza, mas refinadas por meio de reflexões valiosas: enredos nascidos de um nada, de uma desconfiança, de uma sympathia, de uma amisade: ares de nenhuma pretensão, a maior das difficuldades, porque de vez em quando ficavam o que ha mais presumido, mais assucarado, mais piegas: a verdadeira expressão, galante, airosa, simples, de certos rasgões serios da vida intima; o salto mortal dos melodramas mechanicos para a graça serena do folhetim com uma sombra de acção.

N'um ou n'outro havia certa verdade: foram raros, esses. O tempo, que faz justiça sempre das questões de gosto, acabou com isso, logo que viu que se abusava. Acima do gosto, que não passa ás vezes de ser o mesmo que a moda, e simplesmente ella, está a verdade que dá lei. Quando a graça é graça, e quando a sinceridade é sincera, toda a gente a entende, e entende-a sempre; não agrada a uns para desagradar a outros, nunca ha dissentimento que retenha e sirva de estorvo ao applauso

e á estimação. O que não podia aturar-se era que, a pretexto de fazer litteratura fina, guindada, litteratura de sala lhe chamavam alguns (ainda hoje nos theatros corre como designação das peças delicadas esta classificação de comedia de sala), nos dessem, como succedeu, umas sensaborias vaidosas e arrebicadas, sem idéa, sem philosophia, sem chiste, sem estylo, e as quizessem impor á sombra de não terem enredo, nem lances, nem movimento, como se isto em vez de serem defeitos não fossem exactamente as verdadeiras qualidades das obras de theatro.

O titulo de homem de sciencia ía entregando por um momento Andrade Corvo a reacções injustas; mas quando se viu que nos mais leves trabalhos, nas poesias lyricas, exactamente como nos proverbios, e tanto nos artigos de jornal como nos dramas, este homem tinha sempre um ideal que lhe servia de criterio, ninguem fez caso das animadversões dos ignorantes e dos invejosos, e as suas peças, apesar de accusadas então, são das raras d'aquelle tempo, que têem resistido, por poderem resistir. Quando uns poucos de annos depois o *Archivo* publicou o *Astrologo*, esta peça alcançou um triumpho, triumpho litterario, triumpho propriamente de estima, mas de certo mais duradouro, mais seguro, mais sincero, e muito menos facil do que tantos que a platéa concede, e que o espirito publico, a parte sã da opinião, condemna no dia im-

mediato, e condemna para sempre no peior tribunal, n'aquelle de onde nunca mais se appella — o do desdem, da desconsideração e do esquecimento.

As peças originaes mais importantes que appareceram por essa epocha eram reflexos dos dramas que a voga do estrangeiro vinha apregoando. Até o sr. Mendes Leal, o mais notavel dos auctores dramaticos de Portugal — depois, já se vê, de Garrett, que foi o mais notavel não só no theatro, mas em tudo quanto emprehendeu, — teve nos seus dramas d'esse tempo analogias de methodo e de idéa com auctores francezes que, como litteratos e como poetas, lhe eram inferiores. Ainda mal, por exemplo, não surgiram as *Filles de marbre*, já elle compunha os *Homens de marmore*, o *Homem de oiro*, etc.

Andrade Corvo tentou por esse tempo todos os generos.

Foi romancista, poeta, auctor dramatico e professor; n'esse concerto de aptidões brilhantes, por entre as mil *fioriturí* do saber e do espirito, a nota era sempre sonora e prompta; entendia-se como ninguem nos trabalhos de espirito, tinha a intrepidez do talento e do trabalho, a infatigavel presença de espirito em tudo, para tudo; tinha a fertilidade prestigiosa que dá as lições ao professor como folhas á arvore. Dizia o marquez de Niza:

— Tenho conhecido gente que sabe muito; o Corvo sabe tudo.

O seu professorado teve n'esse tempo um triumpho, uma voga incomparaveis; quantos assistiram alguma vez ás suas lições, conservam memoria da fluencia e rara elegancia da sua palavra; d'ella encontram indicio os que pertencem a esta geração mais recente, nos famosos artigos da *Epocha*.

Não seria facil, e mesmo para isso sou eu incompetente, julgar *au pied levé* um homem que tem representado tão consideravel papel na historia litteraria e politica de Portugal; limito-me a esboçar alguns traços principaes d'esta physionomia.

Por entre as preoccupações da sciencia e do trabalho, Andrade Corvo tem sido sempre homem do mundo, e tem tido uma vida agitada e caprichosa. Crer e amar são as duas grandes forças; este homem que parece tão frio, tão indifferente a tudo, tem-as tido. Acrescente-se a isto, a perfeita indifferença pelo medo da opinião.

Os senhores nunca viram um inglez levantar-se, á mesa, friamente, e soltar com energia por tres vezes seguidas o grito de:

—Hip!

—Hip!.

—Hurrah!

em honra da sua patria, ou de um paiz amigo?

Outro qualquer fica sempre comico, e dá vontade de rir, quando faz isso. Tenho-o visto fazer muitas vezes, em jantares, em ceias de artistas: nunca dei-

xei de rir, senão, quando o tenho visto, feito por um inglez.

Parece que devia ser ao contrario.

Mas não é.

E sabem porque?

É porque o inglez é o unico sujeito que n'essas circumstancias fica absolutamenta serio, e chega ao seu fim, porque acredita n'aquillo.

Assim Corvo.

Corvo nunca se cansou, seja do que for, nem das lutas, nem das guerras. Depois dos furores de momento da sorte, cala-se tudo de vez em quando. É calmaria? Virou o vento. Elle conhece-o logo, como todos que têem sido apanhados por temporal, por isso mesmo nem muda de barco, nem de rumo, e tem tido por muitas vezes a arte de fazer com que o sôpro contrario o conduza. Hoje já tudo está estabelecido a seu respeito na opinião.

Ha uma cousa que elle nunca venceu, que nunca vencerá: é que uma pessoa ao vêl-o, sem o conhecer bastante, deixe de fazer a seu respeito uma idéa completamente errada. Isto é, que não fique pensando que elle é o homem mais indifferente a tudo, e mais soberbamente desdenhoso.

Curiosa cousa!

E é o que ha mais singelo, mas desaffectado, mais sincero, mais affectuoso e bom. Mas tem effectivamente aquelle largo desdem da aguia pairando em

alturas incommensuraveis, com que o mundo embirra ás vezes solemnemente. Não é a indifferença sceptica do espirito «não se me dá, nem se me deu», para quem seja tudo igual, por não acreditar em cousa alguma, sem sombra de convicção, e rindo de tudo. Pelo contrario. É o desencanto da vida, é o conhecer a fundo a inanidade dos esforços para o que for grande e bello, é a imparcialidade do desprezo.

O auctor dramatico, que, por essa epocha, conseguíra mais o agrado e applauso das platéas, e escapára incolume das furias do jornalismo, que n'esse tempo tinha dente, como diz o povo, foi Francisco Gomes de Amorim.

O poeta Amorim!

A vida d'esse homem é hoje uma existencia de resguardo e clausura; há muitos annos já que elle é um contraste permanente com a alegria que se lhe admirava outr'ora!

Pergunta uma pessoa ao destino, que atroz e singular malicia pôde ser essa de haver querido reduzir á vida automatica um moço, que todos avistâmos ainda em nossa reminiscencia, como que n'um sonho, agil, desembaraçado, jovial, entregando garridamente a mocidade e a intelligencia ás lidas e aos acasos da vida, querido como um dos mancebos que o mundo costuma chamar felizes.

Lisboa hoje está sendo, para o que então era, como que outra terra. Então ainda respirava em

tudo singeleza; respirava enthusiasmo em tudo. Era qualquer cousa um acontecimento. Uma extravagancia pequena era um escandalo; chá e torradas depois da uma hora da noite, era uma orgia. Havia tres, quatro heroes, cinco doudos; recortavam-se umas tantas figuras ao molde dos personagens de romance; tinhamos um conde de Monte Christo, dois Rodolfos, tres Lugartos, doze Artagnans.

Ninguem se demorava á porta do Marrare sem haver ganho celebridade e sem ter lenda. Contavam-se de um maravilhas, de outro horrores, d'este e d'aquelle atrocidades ou heroismos: um fôra bater-se por Abdel-Kader; este raptára uma actriz; aquelle beijára na rua uma senhora; est'outro n'um entrudo despendêra 2:000$000 réis em ovos; o d'aqui desafiára de uma frisa de bôca á platéa toda de S. Carlos; o d'ali perdêra um olho n'uma aposta...

A politica vivia entretidamente de crises galantes, revoltas semanaes, conspirações, bernardas, acclamações. Não se passava um mez em que não houvesse um hymno novo.

O theatro era o bem parado d'essas exaltações lisonjeiras. Cantava-se o hymno toda a noite, e a orchestra substituia por hymnos as symphonias.

Estavam os poetas nos bastidores compondo coplas á ultima hora para serem cantadas pelas actrizes, saciando de hymnos a ancia publica. Nem os

poetas, nem ellas, nem o publico, sabiam ás vezes bem do que se tratava; porque nunca se fundava cousa alguma permanente. Mas, apesar d'isso, havia n'esse tempo o que não ha hoje: havia fé.

Não se julgava tudo com a indifferença da inhabilidade ou do desdem. A poesia aventurosa tinha os seus devotos: os successos memoraveis, proprios para terem influencia na marcha da civilisação, inspiravam os auctores; appareciam dramas historicos: um tinha mais fogo e mais arrojo, o outro mais exactidão e mais suavidade; este era todo lyrismo, aquelle descia á sociedade; algum deixava-se influenciar demasiado pelo romantismo, ainda outro celebrava a liberdade com a exaltação febril dos annos verdes, e, mesmo sem a patria dar por elle, parecia querer morrer como o Dante a pedir que a salvassem.

Havia versos de mais, cantava-se qualquer cousa com sobejidão de lyrismo, um pouco á douda; a musa largava a ser pomposa por isto e por aquillo: não era senhora uma borboleta de andar á roda da luz, que logo a esse respeito não se enchessem as columnas dos jornaes. Faziam-se odes extraordinarias; os poetas não tinham fim; punha-se a panella ao lume com xacaras, balladas e solaus; mas, com dez diabos! havia um sentimento de admiração espontanea, havia um culto exuberante por tudo que fosse bello e divino, attrahente ou sympathico;

embrulhava-se cada um no seu ideal como hoje se embrulha cada um no seu cobertor, amaldiçoava-se a torpeza e a tyrannia, tratava-se de desforrar a cada momento a humanidade dos seus desaires e aviltamentos; havia fé, emfim, havia fé!

Mostravam-se a dedo pela rua os homens notaveis do tempo; onde apparecia Garrett parava gente para o ver; tiravam-se copias dos *Ciumes do bardo;* jantou toda a população depois das ave-marias no dia em que saíu o *Eu e o clero,* por não querer ir para a mesa sem ter lido o folheto todo; a livraria Bertrand esgotou n'um só dia, das nove horas da manhã ás quatro da tarde, a primeira edição das *Folhas caídas,* de Garrett.

Gomes de Amorim appareceu então.

E, o que é mais, appareceu symbolisando uma idéa nova: era o poeta operario.

— Já vistes o poeta operario?

— Onde apparece o poeta operario?

— O poeta operario escreveu hontem alguma cousa?

Toda a gente queria lel-o, vel-o, abraçal-o. Poeta operario cá, poeta operario lá!...

Avistava-se tudo côr de rosa. Evitava-se o pessimismo como um veneno, tinha-se confiança no futuro, ninguem desanimava nem de si, nem dos outros, nem sequer... das inscripções, ou de receber quatro pintos esbrugados por uma nota de moeda!

Eramos uns tafues. Queriamos tudo, estavamos por tudo, e sempre cara alegre e genio de feição.

Amorim não se creára n'esta chilra vegetação. Logo nas primeiros annos tivera occasião de encarar a vida pelo lado serio, indo para o Brazil ainda em pequeno ganhar o seu pão como caixeiro, e os seus dramas, os seus romances, os seus escriptos de viagem, o *Odio de raça,* o *Cedro vermelho,* os *Selvagens,* e muitas obras importantes, curiosas, valiosissimas, fructo abençoado da dura provação d'aquella epocha da sua existencia, sempre inspiradas das perfeições d'aquella natureza do Brazil, rescendem á pompa e ao encanto d'ella.

Por muitas vezes se têem occupado dignamente da poetica e prodigiosa natureza do Brazil, poetas notaveis, romancistas, viajantes, criticos; mas todas as scenas da natureza terrestre dão origem a certa e determinada poesia, a uma fórma especial: o valle produz a egloga; os prados dão o idylio; o campo de batalha dá a epopéa; as florestas, as ruinas, os castellos velhos, produzem a ballada; as cidades dão o folhetim; e o Brazil observado e sentido — por um caixeiro — que era ao mesmo tempo um poeta — devia originar, como succedeu, dramas, romances, poemas, livros de curiosidades, obras multiplices, variadas na idéa e nos fundamentos, em que se agrupam, se separam, se ligam, se isolam, se fortificam, e, ora juntas, ora de per si, triumpham as

qualidades de dramaturgo, de erudito, de poeta e de contista.

Era elle para as conversações o litterato mais entretido. Estava-se de bôca aberta quando começava a contar cousas a respeito do viver das tribus selvagens. Andára pelas florestas, sabia de todas aquellas flores de especies raras, e d'aquelles logares do Pará e do Amazonas; fallava d'isso como nós da cêrca do Castello Melhor; não havia campina, lago, planta, clareira, que elle não conservasse de lembrança; não havia até bichos de que elle se esquecesse, e com isso divertia o auditorio, dizendo o nome d'elles em tupi, conforme suas cores e tamanhos; sabia do sertão como nós do Chiado; comêra, bebêra, vivêra no mato; a barbarie, para elle, era como para nós a vizinhança!...

Quantos amigos, n'aquella epocha, quantos enthusiastas, quantos curiosos tambem, íam a um celebre primeiro andar do bêco do Forno, onde elle vivia, procural-o a toda a hora!

Tinha grandes sympathias, e a circumstancia de Garrett ser muito amigo d'elle, revestia-o de certa aureola.

Alem d'isso, como Tasso era o seu homem e elle o homem de Tasso, todos os amigos de Tasso, que era a cidade inteira, tornaram-se amigos d'elle.

Quando entrava na loja do Chico, suspendiam-se as navalhas e as conversações. O Chico, que todos

em Lisboa conhecemos, sacrificava religiosamente ás letras e ás artes, e tinha pelos homens de talento a devoção de um fanatico. É o unico barbeiro que sempre quiz chamar-se assim, e que não tentou nunca ser Chico cabelleireiro!

Cousa rara! Rara pela constancia, pela permanencia, que n'esse tempo não era isso raro, cada um era da profissão que tinha; só depois é que se transformou tudo, e, a exemplo de se terem ido os deuses, foram-se os tendeiros, que passaram a ter

ARMAZEM DE VIVERES

os sapateiros, que nunca mais quizeram ser senão fulanos de tal

COM LOJA DE CALÇADO

e assim por diante.

O Chico era o homem das primeiras representações. Quando os comicos (mau! tambem já não se chamam comicos, são artistas dramaticos, e, quando menos, actores), quando os actores espreitavam pelos oculos do panno de bôca, antes de principiar o espectaculo, viam-o sempre ao centro no primeiro banco. Distinguia-se dos outros espectadores por um signal que não falhava: os outros calçavam as

luvas quando entravam no theatro; elle assim que entrava, tirava-as logo.

Para as palmas!

Foi o primeiro homem que deu palmas estridulas no theatro de D. Maria. Em S. Carlos já tinha havido d'isso muitas vezes, e Luiz Forjaz era celebre n'essa habilidade. Houve mesmo um periodo em que a elegancia, de accordo com a força, fez consistir na valentia do applauso a virilidade e a nobreza do louvor.

D. Alvaro applaudia estridentemente a Schira.

Polycarpo Machado a Polletti.

Augusto Talone a Bussola.

Antonio Schwalbach a Arrigotti, uma celebre cantora, que passava por filha de Fernando VII, e tinha o nariz paterno, um nariz do tamanho das duas Castellas, *la nueva y la vieja!*

Mas no theatro de D. Maria, theatro sisudo, soturno, merencorio, os applausos do Chico produziram verdadeira commoção. Era mais que uma novidade, era uma proeza! As doze, que Hercules levou a exito, não excediam aquella! Sobretudo se pensarmos que não entrava o amor n'esse heroismo, e que tanto se applaudia o sexo meigo como o sexo bravo: era a Soller, era a Delfina, era a Gertrudes, e era tambem o Tasso e o Theodorico!

N'esse tempo não havia «claque», nem se sabia bem por cá o que isso era. Estavamos nas trevas

da ignorancia. Era um cahos. Mais tarde viu-se que a *claque* é uma intelligente instituição, que nenhum povo civilisado deve dispensar. Aquelle ratão do imperador Nero, que era dado a cantar modinhas, apesar de ter uma voz inaturavel, foi quem se lembrou um dia, vendo que ninguem lhe dava applausos, de inventar uma reunião de patuscos folgasões, que o não deixassem abrir bôca sem o applaudir freneticamente. Nero era, por fim de tudo, um dos homens mais prudentes da antiguidade, e bem o provou por seus dotes de charlatão engenhoso; hoje todos os reis que prezam o seu real prestigio têem tambem *claqueurs* de diversos generos, no paço, na imprensa, no parlamento, na camara municipal, etc. Quanto mais os reis... de theatro!

Considerar o que lá por fóra se attendeu á *claque*, e quanto ella tem provado á humanidade a sua importancia nos acontecimentos, seria trabalho para uma memoria á academia: que d'antes era costume para entrar para a academia fazer uma memoria; agora, pelos modos, basta um esquecimento.

Nos paizes estrangeiros ser *claqueur* é um emprego, alem de rendoso, cheio de dignidade. Contou-me de uma vez o tenor Naudin, que um antigo chefe de *claque* vendeu o seu logar por um dinheirão. Se fosse cá, até o dispensariam de assentar praça, ou, pelo menos, de ser jurado...

— Então que motivos allega para não cumprir estes deveres?

— O ter muito que fazer, senhor juiz. Saberá vossa senhoria.

— Em que se emprega?

— Sou artista!

— Que qualidade de artista?

— Sou do theatro.

— É comico?

— Não, senhor! Saberá vossa senhoria...

— É musico?

— Tambem não senhor!

— Faz machinas para as magicas?

— Nada d'isso! Saberá vossa senhoria...

— Então o que faz?

— Aqueço as peças!

— Vocemessê está-me a disfructar?

— Saberá vossa senhoria que estou a fallar serio. Está bem de ver que não me é possivel, estando lá preso ás noites e tendo de assistir de manhã aos ensaios...

— Aos ensaios?

— Clarório. Para marcarmos, de accordo com o emprezario, o traductor e os senhores comicos, as situações que devem ser palmeadas. Tem guiso! Aquillo toma tempo a valer!

— Diz bem, responderia o juiz meditando. Fica dispensado, á vista de taes rasões. Póde retirar-se!

O *claqueur* em Portugal estima a instrucção, e é para andar em dia com as peças novas e por uma natural aversão a comprar bilhete, que elle se deixa arrastar a dar auxilio ao repertorio. Não ganham elles com os theatros, e os theatros ganham pouco com elles, porque é a elles que se deve haver acabado a *claque* affectuosa, a *claque* da amisade, do amor, do capricho, dos desejos, do namoro, que havia d'antes, e que dava á vida de rapaz um dos entretenimentos mais agradaveis, mais inoffensivos e mais originaes.

Que de triumphos, que de ovações se faziam sem a mais leve sombra de serem merecidos, e tambem sem ninguem protestar contra ellas! O publico sincero ria com isso, e dizia apenas:

— Deixar folgar os rapazes!

Não temos aproveitado desde então para os theatros de cá senão os peiores costumes dos estrangeiros: apagar o gaz emquanto se representa, como se a comedia tambem se passasse na sala, e houvesse vantagem em fazer doer os olhos a quem vae ali na idéa de se divertir; *claque* na platéa; e *reclames* escriptos pelos emprezarios, e publicados nos jornaes, como em París, mas sem terem a mesma rasão de ser pelo brilhantismo da obra que recommendam, nem, sobretudo, pela excellencia do desempenho d'ella.

Ha em todos os paizes uns homens excepcionaes,

que, levados pela força instinctiva da sua vocação e pela sinceridade das suas sympathias, vivem ao lado dos homens de letras e dos artistas, sem o serem elles. São os devotos, os enthusiastas, os unicos amigos talvez que têem os homens de talento. Comprehendem-os por adivinhação, quando mesmo os seus estudos os não hajam collocado á altura de justificar aquelle dicto celebre: «Comprehender é igualar». A sua intelligencia e a boa vontade com que se propõem a um dos mais nobres e dos mais raros sentimentos, o da admiração, dão-lhes forças para o vôo. Os grandes amigos dos homens celebres quasi nunca têem saído da mesma classe, da mesma profissão, dos mesmos destinos d'elles. A maledicencia dos collegas e a inveja do mundo fazem ás vezes com que se tenha em conta de insignificantes e tente fazer-se passar por nullos os que vivem por uso e gosto em intimidade com os homens notaveis. É engano! Não é para os poetas, nem para os pintores que os insignificantes gostam de chegar-se: vão para os que são trunfo, para os felizes; escriptores e artistas não pertencem ao gremio dos medalhões; quem os procura é porque os estima, e vae n'isso o seu elogio e o indicio das qualidades nativas que o distinguem.

Assim, o Chico.

Rapazito enthusiasta por tudo que significava talento, os seus cuidados e os seus recreios eram

as letras, as artes, por intermedio dos seus cultores.

— O Antonio de Serpa está tirando um drama das scenas de *Dallila* de Octavio Feuillet!

O pae, o velho Manuel Joaquim, dizia-lhe:

— Deixa-o estar. Vae tu a este freguez!

— E vou! dizia Chico. Já!

E entalava-lhe o pescoço na toalha, e largava a friccionar os queixos ao homem; pincel e mais pincel, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— Vossa senhoria já foi ver *Como se sobe ao poder?*

E o freguez:

— Ainda não!

— E os *Dois casamentos de conveniencia* do Palmeirim?

— Tambem ainda não.

— Quer que deixe pera?

— Sim, quero.

— Já se usa pouco, e não está sendo elegante. O Tasso nunca apparece de pera.

— Porque não a tem.

— Mais uma rasão para eu notar que não se usa; não a tem, mas podia pôl-a.

— Ah! No tablado?

— Está visto; no tablado. O Nery Baraldi nos *Puritanos* tambem se deixou d'isso. Escanhôo mais esta suissa?

— Não; gosto que me acompanhe bem a cara.

— N'esse caso é deixal-a á Mario; o senhor Garrett não quer outra cousa.

— Qual Garrett?

Elle suspendia a navalha e ficava um pouco absorto.

— Vossa senhoria diz «qual Garrett?»

— Sim. Pergunto quem é esse sujeito?

— O auctor do *Auto de Gil Vicente.*

— Ah!

— Já sabe?

— Não.

— O auctor da *Sobrinha do marquez,* tambem não sabe? Do *Frei Luiz de Sousa*...

— Não estou certo.

Silencio.

Dava-lhe mais dois raspões, zztt, zztt, e, passando-o ao tio, o famoso *Situação,* homem politico, despedia seccamente estas palavras:

— Ó tio, faz favor de pentear este senhor, que eu tenho de ir fazer a barba ao senhor marquez de Niza...

Era o castigo.

O freguez não conhecia Garrett; mas não era penteado por Chico.

Chucha! Apanha! Aguenta-te! Enforca-te!

Aquella loja era um viveiro de notabilidades em todos os generos. Rara a hora em que lá não havia

discussões, renhidas contendas ácerca de todos os assumptos, economicos, litterarios, scientificos... Fazia lembrar o pregão do Furibundo:

«O Fu-ri-bun-do! jornal po-li-ti-co, litterario, humoristico, satyrico, burlesco...»

Thiago Horta explicava o andamento das cousas, o Neves alfaiate apostrophava tudo, Miguel Coxo contava París, os irmãos Avellar incitavam a polemica, Domingos Ardisson refrescava-a com chistes, Paulo Midosi, Adriano Carlos, Estevão Lobo, Emilio Calas, mandavam ás vezes ir do Marrare das sete portas, fronteiro á loja, o café para o tomarem lá...

Mesmo os que não eram freguezes da loja não passavam ali sem uma attenção, e demoravam-se á porta a conversar. Ás vezes ouvia-se uma estalada e via-se um clarão. A turba respondia clamorosamente. D'ali a nada uma bulha como as peças de panno de linho quando se rasgam; depois alto motim, mais luzes, uma fuzilaria turbulenta, brilhante: um relampago em que todos se viam uns aos outros. Era Freitas e Oliveira, que, então estudante de Coimbra, estudante de mathematica dos mais distinctos, typo da mocidade, da arrogancia, do enthusiasmo, viera a ferias e estava á porta, conversando, apostrophando, e rindo.

Á noite íam os litteratos e os elegantes pentear-se.

Porque n'esse tempo havia a mania da *penteadella*. Assim se lhe chamava, mais pittoresca do que vernaculamente.

Um ou outro resistia milagrosamente á furia das pomadas, D. João de Menezes ou Ernesto Biester, por exemplo. Biester não estava ainda como auctor dramatico na voga que alcançou annos depois. Fizera todavia uma peça que lhe merecêra as sympathias do publico, *Fernando,* depois de ter feito uma que lhe valêra as suas iras, o *Limpa candieiros,* e da qual com o andar do tempo elle tirou no theatro desforra completa. N'aquella epocha era um conquistador *émérite,* e a chronica de cada dia tinha de registrar quasi sempre algum caso romantico em que elle jogava arriscadamente em capitulo interessante. Mas tudo sem alcatira, apesar da costumeira do tempo ser de despejar potes de alcatira na cabeça dos inspirados!

Havia sujeito que se penteava tres e quatro vezes ao dia. Sempre de graça. O pataco da barba dava direito a isso tudo, e ás vezes ainda levavam agua de Colonia no lenço.

Estão quasi todos calvos, ha muito tempo já, por causa d'isso, e ía-lhes tambem apodrecendo a mioleira tanta alcatira!

Outros morreram, e para mim é ponto de fé que foi a alcatira que os matou.

Havia um Rebocho, inventor do cabello apartado

até á nuca, que foi n'esse genero o catita por excellencia.

Diz-se que as mulheres gostavam muito d'isso, e que chegaram por esse tempo ao grau de civilisação de não acceitar a côrte a quem não parecesse ter cabeça de pau.

Havia cabelleiras celebres.

A cabelleira de D. Alvaro, por exemplo.

Cabelleira phantastica, cabelleira digna de um personagem de Hoffman!

Mas, cumpre dizel-o, a alcatira que teve um imperio apenas comparavel ao macassar, tem caído muito nos ultimos tempos...

Diz-se que ella exercia uma influencia perniciosissima.

A poder de refrescar o cerebro arrefecia o toutiço.

Deve-se-lhe a maluqueira de scepticismo de que a rapaziada andou depois por ahi a fazer gala. Tudo por causa da alcatira!

É o que explica para as letras, para as artes, para as sciencias, e para o amor, o resfriamento que se lhes observou desde então. Para o amor, principalmente, a alcatira foi uma catastrophe. Tornou calvos os namorados e imbecís os amantes. Ha mil e um caso, que poderiam citar-se. Sobre imbecís e calvos, scepticos. Medonho!

Os proprios litteratos n'esse tempo eram dados

ao dandysmo; havia uma febre de elegancia e de catitismo, que fazia pouca despeza. Ainda vivia o collete branco com calça preta, para passeio. Está tudo dito!

Os poetas não faziam gala n'esta philosophia nova de um homem não cuidar de si. Bem descascados, bem burnidos, dava gosto vel-os.

Mendes Leal vestia-se com um escrupulo primoroso. Era pela sua exterioridade, do mesmo modo que pelo seu talento, um personagem. As suas primeiras obras haviam-lhe alcançado grande celebridade: dominára por uns tempos, sósinho, como unico poeta dramatico da então chamada geração nova. Ainda logo depois da abertura do theatro de D. Maria, em seguida ao *Magriço*, e ao *Gonçalo Hermigues*, se havia representado de novo o seu drama dos *Dois renegados*, e uma peça nova, muito delicadamente escripta, *Madresilva*. O partido cartista via n'elle uma das suas glorias, e ajudára-o a fundar um jornal, *A lei*.

A vida de Mendes Leal n'esse tempo era curiosissima.

Levantava-se ao meio dia; lia os jornaes; recebia as pessoas que o procuravam; depois saía, ía para a galeria das camaras, se estava aberto o parlamento; dava as suas voltas, passeava; almoçava, ou jantava, á noite, era-lhe indifferente; depois fazia o jornal, todo o jornal, escrevendo artigos ma-

gnificos, doutrinarios, sempre n'um estylo litterario irreprehensivel; ás nove horas ía para os theatros.

Esperavam-o nos palcos anciosamente: em D. Maria e no velho Gymnasio. Então principiava o poeta a viver; e, depois de passear toda a noite, com um ou com outro, que o ía acompanhar e a quem elle ía acompanhar depois, repetindo-se n'algumas noites tres vezes esta ceremonia, pela madrugada via-se um embuçado — como nos dramas do seu repertorio — deslisar mysteriosamente pela travessa das Mercês, e parar diante de um portão largo. O portão abria-se, girava surdamente nos seus eixos, apparecia um creado insultando com uma véla de estearina o limpido alvor do dia...

O desconhecido entrava, sempre envolto no seu amplo capote de bandas de velludo carmesim...

Era o sr. Mendes Leal que ía deitar-se.

O sino das Mercês soava seis horas...

A dois passos d'aquella casa, o conservatorio dormia.

Dormia! Sempre!..

No genero e ao modo de Alfredo de Musset, galante da sua poesia e de sua pessoa, tinhamos Bulhão Pato, então na flor do talento.

Bulhão Pato namorava!

Bulhão Pato puxava a pera, negra, longa e lustrosa!

Bulhão Pato caçava!

Bulhão Pato cavalgava — e o que é mais — caía com o seu cavallo da ponte do Carregado abaixo e ficava vivo!

Os seus versos satisfaziam por igual o ouvido, mercê da cadencia expressiva, e o sentimento ideal das cousas por uma imitação subordinada ás condições do gosto. Era uma individualidade, um talento meridional, solto e livre, comquanto provindo de elementos diversos, oppostos, inconciliaveis apparentemente, imaginação ardente e viva ás ordens de uma rasão intrepida, melancolica de trovador e riso de extravagante, um capricho de *virtuose,* a meiguice de um adolescente, e os impetos de um brigão!

Personalidade difficil de apanhar, principalmente em poucas linhas. E todavia personalidade inseparavel d'aquelle talento; o quer que seja attrahente no excesso de intelligencia, que lhe anima a physionomia; sentindo-se a gente interrogada, adivinhada quasi. Quando o vi pela primeira vez, no Chiado, era elle encantador; cabellos negros magnificos a moldurarem uma gentil cabeça de vinte annos, bigode finissimo, e a pera romantica dos trovadores: dir-se-ía que a poesia florejava n'elle!

Poeta de raça. A sua palavra, da mesma fórma que os seus versos e o seu rosto, tinham o cunho da força e o da graça. O que era elle? Poeta, satyrista, estroina, ou orador. Quando passava, sor-

rindo magestosameute e affagando a pera, este homem de letras, este derviche do Chiado, este poeta, este preguiçoso, era saudado festivamente no seu caminho por quantos reconheciam n'elle um parente de Musset.

Não quiz da vida senão o que ella tem mais entretido e phantasioso; tem levado a existencia em jornadas, em passeios e em festas. E aposto que, com quanto a marcha tenha, apesar d'isso, sido alguma vez cruel, não atirou ainda á valla a bagagem inutil das paixões. Vêem-o de braços cruzados com ares de quem só conserva a sensação e o desdem? Reparem bem na expressão de magoa, que o olhar — que Deus não consente que se disfarce — denuncia. É a saudade dos vinte annos. *Oimé!* É a pera grisalha!...

Porque havia elle de ter ido aqui ou ali: onde? A camara dos deputados? Tem feito, ha vinte annos consecutivos, tres discursos por dia, brilhantissimos, aos seus amigos, que o admiram e o applaudem; tem tido sempre — tomemos a media — vinte e quatro triumphos por semana. Sempre que tem sido preciso uma testemunha n'um desafio, um companheiro para uma entrevista arriscada, para um passeio, para uma festa, para uma excursão, ou um conviva eloquente para um jantar, Bulhão Pato foi tão incapaz de tremer diante de uma espada luzidia como na presença do vinho do Porto!

Tem tido appetite e talento. Com estas duas azas domina-se o mundo. Fica-se bem, fica-se seductor, ganha-se a familiaridade unida á grandeza, torna-se uma pessoa igual d'este e d'aquelle. E depois, sempre foi cavalheiresco no tom e nas maneiras. Um recitador de que não ha exemplo, encantador, encantado.

Um lyrico, um caçador, um polemista; tudo. Voz vibrante e energica que o annuncia ao longe, gesto nobre, andar de senhor. Jantava na Ajuda com o sr. Alexandre Herculano, seu amigo intimo; de manhã fazia saltar rolhas de Champagne n'um almoço elegante; estava convidado nos dias immediatos para jantar com dois condes, mas promettêra tambem á senhora D. Maria Krus, e tambem dissera aos condes de Carvalhal que talvez por lá apparecesse... Antes de se decidir, Bulhão Pato entrava no café Martinho para tomar absinto, mas estavam lá tantos amigos, que o cercavam, que lhe faziam festa, estendiam-se tantas mãos para elle, íam tantos sorrisos ao encontro do seu, que passava a hora dos jantares, entre o charuto e o cavaco, e ahi atirava elle com a sua taça de oiro ao mar e ía jantar ao Mata!

Mas é assim que o pezar foi entrando n'aquella alma de creança e de poeta; todo esse motim e essa balburdia de festa, acabam por suffocar um homem insensivelmente.

O poeta, hoje grisalho, — uma das suas desesperações! balancear cruel do espirito entre a modestia e a agua Circassiana! — era um lindo rapaz, na epocha em que o sr. Alexandre Herculano lhe chamava o seu Patinho. Marcava uma physionomia, um typo, não se parecia com mais ninguem, era o ultimo bardo, fazia lembrar os trovadores de novella, os bellos pagens dedilhando em seu bandolim e amados pela princeza!

Aos jantares de Alexandre Herculano, aos sabbados, na Ajuda, Pato ía sempre com Francisco Bordallo, de sege, e voltavam á meia noite, a pé: essa retirada era curiosa, pelas discussões, aliás amigaveis, é claro, em que elles vinham sempre.

Francisco Maria Bordallo tinha muito merecimento e muita originalidade na graça. Dizia umas cousas que ninguem esperava, e que se gravavam para sempre na lembrança de quem ouvia. De uma occasião foi jantar a casa de umas senhoras do seu conhecimento, pessoas idosas e de muito respeito. Á sobremesa, as senhoras instavam para que elle não deixasse de provar dos seus doces e dos seus fructos:

— Este podim, sr. Bordallo...

— Oh! sr. Bordallo, um bocadinho de batatada...

— Olhe, olhe, sr. Bordallo, esta compota de alperce...

— Eu como, minhas senhoras, eu como; deixem estar, que eu como de tudo!

E foi comendo.

D'ahi a pouco, uma das senhoras:

— Um cachinho de uvas, sr. Bordallo...

— O que! Então não quer uvas! dizia-lhe a outra.

— De tudo o mais comerei, minhas senhoras; mas d'isso, hão de me dispensar; vinho em pilulas, não gosto!...

Ricardo Guimarães — hoje visconde de Benalcanfor — e Luiz Augusto Palmeirim, eram os *fleurs des pois* do espirito n'esse tempo. Todas as noites no camarim da Soller, no theatro de D. Maria II, estes dois esgrimistas do chiste e do epigramma batiam-se em duello cerrado, e, exactamente como depois dos desafios de outra qualidade, ía tudo acabar no Mata, não n'um abraço, mas n'uma ceia, e variando apenas do desenlace dos duellos á espada ou á pistola em recomeçarem as justas mal se sentavam á mesa.

Lá n'um bello dia estes dois demonios lembravam-se de pôr em pratica uma phantasia qualquer, dito e feito: a phantasia era cumprida.

De uma vez Palmeirim viu uma menina que o olhava ternamente: quiz escrever-lhe, disseram-lhe que lá em casa não havia meio de fazer entrar a sombra de uma carta.

— Ah! O pae não quer lá o meu estylo! disse

Palmeirim. Pois até elle proprio me ha de ler! Vou fazer artigos de fundo!

— Vaes fazer artigos de fundo? exclamou Ricardo.

— Vou.

— Em que jornal?

— Na *Revolução de Setembro*. Queres vir?

— Quero.

Foram ambos.

Durante tres mezes a *Revolução de Setembro* publicou artigos politicos assignados por L. A. Palmeirim e R. Guimarães.

Eram elles! como se diz nos melodramas.

Cada qual assignava sempre n'esse tempo os seus artigos, e respondia d'este modo em tudo e para tudo pelo que escrevia. Bom ou mau, justo ou injusto, imprudente ou rasoavel, o homem achava-se logo no artigo, e avistava-se-lhe o nome com o artigo ás costas. Attendia-se muito ao brio, á dignidade das letras, e não se fallava tanto, como agora, n'esta historia de instituição da imprensa...

A instituição da imprensa!

Ih!...

Tenho feito sempre a diligencia de honrar a penna que o acaso me confiou, mas, confesso-lhes a verdade, nunca percebi nem respeito demasiadamente o que por ahi hoje baptisam com este tal nome faustuoso de

INSTITUIÇÃO DA IMPRENSA

Implica, no meu modo de ver, este baptismo solemne, um caracter de solidariedade, em que não têem nada a lucrar nem o talento, nem o credito dos escriptores verdadeiramente dignos e que pelo seu caracter e independencia merecem ser lidos, ouvidos, e tidos em boa conta. Desde o momento em que os maus são cobertos e amnistiados pelos bons, deixa logo de ser uma força a solidariedade, e vem a dar na peior das hypocrisias, porque, com o prestar-se ás especulações e vaevens tenebrosos do pensamento, embrulha e confunde debaixo do capote, emboçando-o até o nariz, os homens leaes e de bons sentimentos, e aquelles a quem o povo na sua linguagem pittoresca chama os *pulhas* da imprensa; isto é, os que vão por becos de má nota, e os que vão pelo caminho direito.

Quantas vezes, por exemplo, pela graça de substituir a responsabilidade animosa do escriptor pela responsabilidade ficticia do gerente, boneco de palha, manequim de jornal, caça do Limoeiro em sarafuscas politicas, tem tido o pobre homem, a quem se havia dito:

— Consinta vossê em ser editor...

— Editor, homem!

— Em passar, em passar por editor; não é sel-o, é passar por isso. Simplesmente para a formalidade, um nome, percebe o amigo, um nome!

— Bem; pois seja!

de ir bailar nos ferros de el-rei, emquanto os que lhe alcançaram esse divertimento se escondem miseravelmente, ficando para sempre toda a gente em duvida, se eram estes ou aquelles!

A assignatura dos artigos e dos folhetins deveria ser obrigatoria e não facultativa; conviria acabar com a tal instituição solidaria em proveito da dignidade do individuo, e, de algum modo, da sua liberdade, com o tirar o jornalista do nada e das trevas; esta obrigação seria o mesmo que dizer-lhe:

— Amigo, acabou a cumplicidade da sombra; podes ser azedo á tua vontade, e ter graça quantas vezes possas, mas talvez não deixe de ter conveniencia o seres bem creado.

Lá fui eu de uma occasião visitar ao Limoeiro o editor da antiga *Lanterna,* Sousa Neves, muito estimado pelas suas qualidades e pela sua aptidão:

— Adeus, Neves! Então que diabo, estás aqui mettido! O que fizeste tu para isto? Escreveste cousas diabolicas, heim?

— Não escrevi nada. Era editor.

— Ah! Eras editor. Tinhas esse jornal por tua conta?

— Não. Imprimia-se na minha typographia; mais nada.

E ahi está, que de todos os redactores da *Lan-*

terna, mercê da discrição d'este homem de bem, nunca se conseguiu apurar senão quem era o que não a escrevia!

Para Palmeirim, exactamente, como para Ricardo Guimarães, a politica foi um episodio na sua carreira; mezes depois ambos elles voltaram de novo ás letras.

Entre os poetas d'aquella epocha, Luiz Augusto Palmeirim, talento original, sincero, *o nosso Béranger,* foi o mais popular, inquestionavelmente. Recitavam-se no theatro os seus versos; para alguns fez musica o Frondoni, para a *Vivandeira,* por exemplo, e Portugal inteiro repetiu em côro

Ai amor! Ai amor! Ai amor!

Zaluar tinha tambem o seu publico, mas não conseguiu nunca ser popular. As mulheres gostavam muito de o ler; os homens achavam-o um pouco triste de officio, uma especie de proposito firme de nunca estar satisfeito da sua vida, nem do caminho que tomam as cousas d'este mundo.

Os outros poetas da moda eram:

Augusto Lima, filho de um medico, que ainda vive, que me fez o favor de me tirar a ferros do ventre de minha mãe, e com tal empenho e arte se propoz a isso, que não tive remedio senão nascer.

Augusto Lima era forte em quadras, e a quadra

era o forte d'esse tempo. Compunha-as primorosamente, mas a sua poesia reduzia-se a um rosario de lamurias; o poeta vinha todas as semanas na *Revista popular* fazer queixa aos leitores, de que a sua bella havia cuspido na religião do seu coração, que estava farto e contrariado de seu destino, que queria baptisar com pranto a imagem da ingrata que não comprehendêra os vôos da sua imaginação. Depois chorava, dizia cousas ao prado, namorava a limpha, e gabava-se de ouvir suspirar a brisa.

Era um chorão.

> Porque gemo se suspiras,
> Porque gemo se surris,
> Porque gemo se uma perola,
> Te fende as faces gentis?

E assim ía gemendo sempre, por qualquer cousa que a tal pessoa fizesse.

Outro, da voga, era Henrique O'Neill, hoje aio dos principes.

N'aquelle tempo via-se apparecer no passeio, nas tardes de julho e agosto, um moço alto, bem parecido, muito sereno, que levava abraços de um e outro, e distribuia tambem d'isso com grande lhaneza.

— Quem é aquelle? perguntava-se.

— É o O'Neill! Olhem que maganão!

— Está a ferias!

— Quando vieste, ó O'Neill?

— Isto é que é pilheria!

— Faz rir as pedras, aquelle demonio, tem graça ás pilhas!

— Mas quem é elle? perguntava de novo uma pessoa.

— O poeta O'Neill.

E estava dito tudo.

O sr. O'Neill vinha de Coimbra.

Não fez nunca vida pela poesia, mas tambem não fez morte por isso; tinha horas proprias para aquella distracção. Era bom estudante, e dizem que muito engraçado; contavam-se d'elle dictos chistosos; era um estudante um pouco á maneira dos de Allemanha, serio, grave, e ao mesmo tempo estroina. Não sei se de manhã, se á tarde, tinha um bocadinho de dia melancolico, mas sempre doce, em que dizia á musa que se pozesse em pé, para brincarem juntos. Poeta de fino gosto, um amador, um engenho delicado, que se dava galantemente á poesia, como as meninas se dão á harpa — para ter mais uma prenda.

Outro artista e tambem meio amador, era Sousa Almada, um bello homem, robusto, intrepido, de hombro largo, barba assedada e longa, physionomia intelligente e varonil.

A sua bagagem litteraria era pequena, mas não

insignificante: alguns versos frescos, graciosos, que se decoravam por gosto:

> Dos beijos que por 'hi vão
> Perdidos que nem eu sei...

um drama maritimo, *Flor do oceano,* e uma comedia em tres actos *O hotel sem o ser*. Tudo isso elle esqueceu por emprezas de outra ordem; *O huomo d'affari* suffocou o poeta; o seu nome deixou de figurar nos catalogos, e começou a apparecer n'outra ordem de trabalhos: era hoje os *planos inclinados,* ámanhã as *ostreiras*... Uma enfermidade cruel, a pallida anemia, foi surprehendel-o e devoral-o no melhor da sua lida e dos seus esforços.

Gentil companheiro!

N'outro genero, Couto Monteiro.

Homem de espirito.

Para alguns não era bem um poeta, por ter juizo, por não dizer descôcos a pretexto de enthusiasmo, nem imaginar tolices a titulo de phantasia ardente.

Para muita gente em Portugal um bonito poeta tem sido sempre um basofio palavroso, em cujas obras só um chimico poderia discriminar bem que dóses ha de pieguice, de exageração, de mentira e de despauterio.

Era um poeta raciocinador, que não se deixava levar apenas pelo sentimento, e entendia que as idéas não prejudicam o temperamento poetico, e que para tudo é bom pensar.

Appareceu então em Lisboa um poeta, um prosador, um *diabo* como diz Heine de Proudhon, que com uma simples poesia, *A harpa do sceptico*, produziu uma impressão profunda, e ganhou desde logo as attenções para um romance que se publicava na *Semana, Anathema*.

O seu amigo, o seu companheiro era Ricardo Guimarães, então em toda a graça da mocidade e do espirito, um dandy das letras e da moda, brilhante no estylo e no vestuario, folhetinista elegante do *Nacional* do Porto. Andavam quasi sempre juntos; alegres, intrepidos, emprehendedores: muito agradaveis no trato, propriamente amaveis, litteratos cavalheiros.

É desde essa epocha que ao nome de Camillo Castello Branco vive ligada uma curiosidade, uma attenção, um interesse, que, a um povo indifferente e frivolo como o nosso, só um especial e como que mysterioso destino podia inspirar. Dir-se-ía um heroe de romance, um homem differente dos outros homens.

Que fez elle, ou que lhe fizeram?

Quasi todos os seus livros me parecem ser continuação de conversações suas, interrompidas. Dir-se-ía que uma questão suscitada de leve, uma phrase dita ao acaso, uma palavra a que elle não chegou a responder, o moveram depois no silencio da solidão a recordar-se, e a dar ao mundo umas vergalhadas, de alguma vez umas justificações.

Contam-se d'elle mil historias ao ouvido: ninguem sabe ao certo o que se tem passado na vida d'este homem, e quando a gente o encontra põe-se a fixal-o avidamente, na esperança de lhe adivinhar a alma, nos olhos, que devem ser espelhos d'ella... Mas, baldada esperança! O rosto frio e sereno, conserva-se impassivel, e nem o olhar, nem o sorriso, essas duas supremas manifestações do homem, dizem nada d'elle. Nas situações mais difficeis, assim como nos dias tranquillos da sua existencia, contempla o mundo exterior com o eloquente desdem, que a experiencia dá.

Atirado na onda amarga em que a sociedade expelle de si os poetas, medrosa d'elles, a tristeza, que podia haver-lhe dado a morte, deu-lhe desde moço a ironia. Ha o que quer que seja satanico n'um epigramma d'elle, e têem tido sempre grandeza as ousadias da sua revolta. Podia por orgulho querer vingar-se de decepções, na sociedade, na natureza e em Deus; — mas não é assim; ha maldições sinceras nos seus gritos; não é um pyrotechnico a atirar o seu foguete para divertir o publico, e fazer correr o povo, embora venha caír-lhe a canna no chapéu.

Qual é, por fim de tudo, o grande defeito d'este homem? O amor! O doce e abençoado defeito dos poetas que se perdem á simples idéa de que o mel se encontra nos labios das mulheres, como no calix

das flores, e se prendem áquellas como a estas se prende a abelha!... E para quem escreveu elle tantos romances, senão para ellas, que sabem melhor que os homens apreciar o que ha de sentimento e de imaginação, o que ha de dedicação e de amor no mysterioso thesouro, que loucamente se dissipa na imprensa, para entreter o publico, que lhe quebra imprudentemente a chave!?

A mulher! Mas, Deus meu! pois existe alguma cousa alem d'ella? Porventura, todos os escriptores que se têem feito notar pela delicadeza do gosto, pela finura do espirito, e pela elegancia do estylo, não têem devido sempre estas qualidades ás mulheres? Não tem sido acaso o desejo de lhes agradar, que, em todos os seculos, creou as maravilhas da arte, produziu a epistola, a elegia, o epithalamio, o folhetim, o romance, e a canção, todo esse numero infinito de trabalhos apaixonados, monumentos immorredouros do poder da belleza?

Tenho visto Camillo em epochas muito diversas. Quando elle escrevia aquelle admiravel romance *Anathema,* em cujo titulo parece ter havido não sei que vaga adivinhação, ainda era feliz ou parecia sêl-o. Viam-se-lhe na physionomia as boas ou más impressões do espirito; lia-se-lhe no rosto, como n'um livro aberto, a colera, a paciencia, o orgulho, a sympathia.

Isto tinha de passar e passou. Annos depois vi

outra vez Camillo em Lisboa; n'uma manhã de inverno, no passeio publico. Parecia abatido, pallido, e cansado: — tinha vivido. O seu olhar tão depressa era imperioso, como indeciso: e os diversos movimentos do corpo, os gestos, as attitudes, o porte, o andar, o modo de fazer um comprimento, haviam tomado vão physionomico; tinha o modo grave dos espiritos serios, atraiçoado ás vezes pelos gestos vivos, multiplicados, impetuosos, dos genios que o povo diz azedos. Levava comsigo um cão da Terra Nova, que parecia estimar devéras; ía com uns poucos de homens de letras, conversando, mas não olhava senão para o cão.

A fatalidade havia vindo n'estes intervallos fazer-lhe a sua visita. Ainda assim, no que respeita a letras, trepou sempre com segurança de degrau em degrau, pela escada da gloria. Qual é o seu melhor romance? Eu não sei: de ordinario os leitores de Camillo têem as suas obras completas, e dão a todas igual estima.

Hoje, quieto, retirado, Camillo Castello Branco já não é um elegante nem um heroe: é um classico. *Diavolo!*

Ha lembranças d'aquella epocha que eu sinto estarem lá ao longe, incapazes sim de se apagarem de todo, mas que vão recuando, recuando, ao ponto de parecerem prender-se a uma vida anterior a esta, encantoada n'outro planeta, e das quaes, ao recor-

dar-me, fico um momento sem saber se é memoria ou se é sonho.

Assim quando penso na primeira vez que eu vi Sant'Anna e Vasconcellos.

Fallava-se muito d'elle, como rapaz, como estroina, como homem de uma vivacidade e animo, facil de dar em colera, não podendo vencer a impaciencia; dizia-se tambem, e assim era, que tinha bom fundo, alma sem rancor, communicativa, incapaz de inveja ou de odios.

Ha tres susceptibilidades difficeis de distinguir, a do amor proprio, a do coração, e a dos nervos. Elle tinha as tres, creio eu, a julgar pelo rosto: certas pregas da bôca denunciavam a primeira; a segunda via-se-lhe nos olhos e na fronte; a terceira no tom geral do semblante e da voz.

Toda essa existencia de rapaz, do mesmo modo que para certas naturezas o estado contemplativo e scismador, não foi nunca ociosidade; ao passo que tem sempre havido por ahi tanta actividade esteril, tanto movimento perdido, como quem podesse dizer a agitação do vacuo! Elle foi sempre notavelmente applicado, emprehendedor. É homem que eu nunca vi enfastiar-se. Comprehende-se isso. Para aquelle temperamento o enfastiar-se era uma especie de acto de humildade — impossivel por isso mesmo.

Desde muito novo que a historia da sua vida foi agitada.

Quando em 1828 emigraram da ilha da Madeira quasi todos os liberaes, o pae de Sant'Anna, mais tarde visconde das Nogueiras, saíu da ilha; o pequeno tinha quatro annos. Sua mãe, justamente considerada como senhora de superiores dotes moraes, notavel talento e instrucção variadissima, dedicou-se inteiramente á educação do filho, formando-lhe o coração e cultivando-lhe a intelligencia.

Voltou o pae; o moço cresceu, queria ser militar; o pae mandou-o para Coimbra. Fez ahi travessuras, e saíu de Portugal, indo para França acabar a sua educação.

Na viagem tocou em portos hespanhoes do Mediterraneo com destino a Marselha; recebeu em Gibraltar dinheiro para a viagem, e, ao embarcar, caíu-lhe a bolsa ao mar.

Carpe diem! Acabára-se hontem, e ámanhã não existia! É o que parece que deveria ser: é o que não foi. Desembarcou em Barcelona sem um real de seu, devendo pagar as despezas do hotel e a viagem pelos Pyrenéos até Montpellier; mas — sempre o mas da Providencia — levava os bahus cheios de fato novo, feito no celebre barão das Agulhas; procurou e achou uns negociantes de fato, disse-lhes que era collega, e vendeu-lhes as suas galas...

Dias depois estava em Montpellier.

Estudou por lá algum tempo, depois cansou-se da terra e foi para París: ahi levou vida de estudante.

O pae, que morria por elle, ía-lhe mandando dinheiro; mas elle tinha necessidades grandes; dava-se ao luxo de ter aspirações e de fazer dividas; inventou uma historia para suavisar os cordões da bolsa paterna, e escreveu uma comprida carta a referir que estava dado á chimica, que não via senão chimica, que todo elle era apparelhos, retortas, que tinha em casa fornalhas soberbas, mas que, por não poder esquivar-se á fatalidade que persegue os grandes homens, n'uma tarde em que fôra dar o seu passeio, deixára um imprudente fogareiro com restos de lume: d'ahi as considerações mais judiciosas, que dos fogareiros mal apagados sáem faíscas, que as faíscas pegam fogo, e que o fogo é um pavoroso elemento; que houvera fogo no predio, que os vizinhos tinham soffrido muito, que os tribunaes eram severos, que seria indispensavel pagar os prejuizos; terminando tudo, já se vê, por: Salve, meu pae, este predestinado chimico!

O pae sorriu-se...

Adivinhou a tramoia...

E mandou o dinheiro.

Che fare?

Nunca abandonou os livros; mas, de vez em quando, batia-se em duello n'algum intervallo dos seus estudos.

Era no tempo em que estavam em París estudando Thomás de Carvalho, Joaquim Julio Pereira

de Carvalho, e outros portuguezes, que contribuiram com Camões e com as laranjas para sermos conhecidos no estrangeiro.

Os casos seguiam-se e pareciam-se muito por duas circumstancias: eram sempre extravagantes, mas sempre cavalheirescos.

Quando Sant'Anna estava em Montmorency bateu-se em duello um amigo seu; havia desigualdade na pericia dos combatentes; o amigo não sabia jogar a espada, e saíu da contenda mal ferido.

Sant'Anna vindo a París condemnou as condições do combate, e foi provocado violentamente por uma das testemunhas do contrario.

Deu-lhe uma bofetada.

Caso serio no codigo dos duellistas.

Foram bater-se.

O contendor era da primeira força á espada, e a bofetada recebida dera-lhe a escolha das armas.

Escolheu a arma em que era perito.

Podéra escolher a outra!

As condições eram bater-se ao ultimo sangue.

Sant'Anna foi ferido quatro vezes no peito, e teve o braço direito atravessado; apesar d'isso continuaram, e o caso é que feriu gravemente o seu contrario. Apenas o viu caír com um ferimento na clavicula, abraçou-o, e foi depois um dos seus melhores amigos.

Viajou ainda por esse mundo de Christo, esteve

no Brazil, aonde fez cousas momentosas, regressou á patria, e achava-se em Coimbra matriculado no 1.º anno de mathematica e de philosophia, quando o marechal Saldanha fez a regeneração. Entrou na revolução, fez serviços que o marechal considerou relevantes, e pelos quaes lhe offereceu, á escolha, um logar de addido na legação de París ou um secretariado geral.

—Venha o secretariado geral!

Assim entrou na vida administrativa, e foi secretario do Fayal e de Aveiro.

Por entre tudo isto ía fazendo versos: *Patria e amor* se chamava o seu livro, com uma introducção de Latino Coelho.

Era gentil e forte. Os poetas d'esse tempo tinham o defeito de ser magros, debeis; elle, um pimpão. Isso produziu effeito. Estava-se farto de homens de talento de corpo diaphano, transparente. Elle era robusto e agil, de sangue vivaz, perna alta e braço longo. Ía, vinha, parecia que se arrasava o mundo; passava a vida em casos; abria a bôca, e fallava em verso; não se calava senão para beber champagne, com graça, com alegria, e com bravura.

A febre da politica principiára a minar tudo. Elle percebeu que o que se queria por cá era eleições, não era versos; e não só eleições, mas lutas parlamentares e polemicas de imprensa.

«Tratemos as cousas ao ponto de vista nacional!»

Foi deputado uns poucos de annos, pela Madeira, por Aveiro, e não lhe escapou a ilha do Pico; tomou a iniciativa na apresentação de um projecto de lei para a abolição dos morgados, pertencendo mais tarde á commissão que os aboliu, e entrou sempre nas discussões mais importantes do parlamento.

Passou por ser, de alguma vez, exaltado, talvez agreste, na camara. Mas, a dizermos a verdade, em dadas occasiões e para certos homens, por que ha de estar-se com ceremonias e com euphemismos? É bom ter attenções — e n'esse caso teve-as elle sempre — para com a gente de valia: adversarios serios e de boa fé; mas nem sempre ha d'isso, e então o melhor é dizer a verdade nua e sem ambages, dizer a quem não presta, que não presta; a quem calumnia melhor que D. Bazilio, que mente, não como o heroe do *Fallar verdade a mentir*, pelo gosto de ir mentindo, mas que mente para prejudicar.

Na sua exaltação, e porventura nas demasias das suas apostrophes, houve sempre sinceridade. Entre nós ha de ha muito tempo um intruso chamado «Deixal-o!» que é o que perde tudo, porque invadiu tudo. Não ha peior e mais desprezivel cousa do que a hesitação que provém da duvida: duvidar de si, dos outros, da patria, do talento, da virtude; edificar na praia para as ondas levarem tudo, não ser capaz de uma dedicação, de uma imprudencia

até, de um fogacho de genio, é o que ha mais chocho!

Sant'Anna e Vasconcellos teve constantemente esse raro dote: a crença. Elle póde peccar por solemne, nunca peccará por insignificante. Temperamento enthusiasta, indole aberta aos sentimentos e ás paixões. Teve sempre a fé, e a fé é o que forma o caracter, a familia, a sociedade: é o Styge que torna um homem de boa tempera. Em tudo quanto for grande ha fé, e é uma força; em tudo que for quebranto, abatimento, relaxação, ha duvida, e é a peior fraqueza.

Todos esses homens conhecia eu de vista; a todos, dias depois da publicação do romancito *Claudio,* conheci pessoalmente, sendo-lhes apresentado por Lopes de Mendonça, que foi o meu padrinho litterario.

No dia em que escrevi no baixo da ultima pagina do romance a palavra *fim* tive como que uma suspeita da alegria que senti depois ao ver impressa a ultima folha. Encarregou-se da publicação da obra o typographo João de Almeida, um dos melhores typographos portuguezes, estabelecido hoje na rua do Oiro, á esquina da travessa de Santa Justa; um excentrico, um artista em toda a proporção de dotes e de originalidades. Compoz elle o livrito inteiro pela sua mão: elle comprou o papel, elle o fez imprimir, elle o mandou brochar. No fim

deu-me uma porção avultada de exemplares, e estava tão contente como eu; mais contente talvez, porque me parecia contente por si e por mim, do exito que o livro alcançou.

Esse exito foi devido sobretudo ao folhetim de Lopes de Mendonça. Não se calcula hoje facilmente a importancia que tinha n'essa epocha uma recommendação da imprensa.

Alem de que, é muito verdadeira a maxima dos antigos, de que os livros têem os seus destinos. Quantos ha que mereceriam ao menos ser notados, e cáem no esquecimento desde que nascem; e que de outros logram triumphar, e seriam dignos, quando muito, de simples menção. O romancito *Claudio* veiu em hora propicia, e passou facilmente, mercê da disposição benevola com que os espiritos n'esse tempo acolhiam qualquer producção litteraria.

Logo que tive em meu poder o primeiro exemplar da obra lembrei-me de ir procurar aquelle homem que eu havia encontrado, ainda em vida de meu pae, na loja do livreiro Silva, que me havia dado as *Memorias de um doido*, e que sempre me ficára conhecendo. Fui de manhã a sua casa. Morava n'essa epocha na calçada dos Caetanos, na casa em que mora hoje Ramalho Ortigão.

Lopes de Mendonça recebeu-me sorrindo-se para mim:

— Adeus, Machadinho!

E sem me dar tempo a mais nada:

— Que temos?

— Temos um livrito! respondi, olhando para elle fixamente, a ver que impressão lhe produzia esta novidade.

Elle tirou-me o livro da mão, abriu-o e leu a primeira pagina:

CLAUDIO

ROMANCE

POR

JULIO CESAR MACHADO

— Quem te imprimiu isto? perguntou-me em seguida, todo elle a brilhar de alegria, e deixando-se entranhar d'ella ao ponto de me tratar por tu.

— O João de Almeida, typographo.

Começou logo a ler o livro. Não trocámos uma palavra durante um comprido quarto de hora. Elle ía passando de pagina para pagina, febrilmente, e eu seguia-o com a vista a querer adivinhar-lhe nos olhos, nos mais leves movimentos da fronte, no encrespar dos labios, em que conta me estava elle tendo. Leu assim de um folego tres capitulos, depois fixou-me demoradamente, estendeu-me a mão, e disse-me:

— Vou annunciar o livro!

— É o que eu vinha pedir-lhe, retorqui, se o se-

nhor Lopes de Mendonça entender que elle possa merecer-lhe esse favor.

— No primeiro folhetim.

A minha alegria commoveu-o. Mendonça era dotado de grande sensibilidade, e, comquanto no decurso da sua vida houvesse partilhado de todas as preoccupações que agitam os homens, conservou sempre uma alma generosa e delicada. Gostava sinceramente das letras, e a sua mão estava sempre aberta para os homens que as cultivavam. Não foi só o amigo de Alexandre Herculano, de Oliveira Marreca, de José Estevão e de todos os nossos homens illustres; a muitos trabalhadores obscuros valeu mil vezes a sua discreta bondade. Esta qualidade que distingue, por exemplo, ainda hoje, um homem, de quem na historia litteraria de uma epocha immediata a esta terei de tratar largamente, o dr. Thomás de Carvalho, é verdadeiramente rara. Todas as paixões de Mendonça foram inspiradas pelo amor das letras: o mundo para elle não passava de ser um theatro, um entretenimento que lhe era preciso.

— Olha, disse-me, é um bem para ti, talvez, ser pobre. Trabalha, estuda com a paixão e o brio de artista. Não te pezem os revezes da pobreza. É n'ella que se formam os temperamentos. Vae vivendo por uns tempos sem vintem, sem fato novo, sem chapéu de chuva: de tudo isso colherás depois

Escriptor que por ahi não passe, nunca será artista.

E usando da sua famosa robustez, pegou-me ao collo.

— Já te fizeram conselho de familia, Machadinho?

— Ainda não.

— Vamos tratar d'elle. Quero ser teu tutor. Dá cá outro abraço e vae-te embora. Vou fallar-te do livro e ser teu tutor!

De lá fui para casa. Reuni capitulo na casa da costura, e li trechos da obra ás tias e á velha prima. Para não abusar da sua surpreza, calei-me muito bem calado a respeito do nome do auctor.

É um romance, dizia-lhes eu: as minhas tias já leram algum romance?

Não, diziam as tias; mas sabemos o que seja.

— Então perdoem-me a pergunta, o que é?

— É uma historia, são casos.

— Perfeitamente. Encontrei isto, eu, este livrinho, que são casos, uma historia. Querem ouvir?

— Pois sim, dize lá.

E eu lia.

De vez em quando uma das tias abria um breve parenthesis na attenção com que escutava a leitura, para ponderar:

— Esse homem sabe bem das cousas que vão pelo mundo!

— Qual homem? perguntava eu.

— O homem que escreveu isso!

— Tambem me parece! retorquia eu gravemente.

E em seguida, na musica da *Barcarolla,* que era a mania da epocha, cantava solemnemente ás tias e á prima, que olhavam para mim admiradas:

Sou eu!
Sou eu!
Sou eu!

FIM

OBRAS PUBLICADAS

PELA

EMPREZA EDITORA CARVALHO & C.ª

THEATRO

Os sabichões — Comedia original em 4 actos, por Ernesto Biester 200

Ao calçar das luvas — Comedia original em 1 acto, por Rangel de Lima 100

O afilhado de Pompignac — Comedia (traducção) em 4 actos, por L. C. M. 200

Um homem politico — Comedia (imitação) em 3 actos, por Aristides Abranches 300

O fidalguinho — Comedia original em 3 actos, por Ferreira de Mesquita 200

Abençoado progresso — Comedia original em 1 acto, por Rangel de Lima 100

As campainhas — Comedia (traducção) em 1 acto, por Pinheiro Chagas 100

João o britador — Drama (traducção) em 5 actos, por L. C. M. 250

As tres rocas de crystal — Magica em 3 actos e 17 quadros, por Aristides Abranches 300

A familia — Drama original em 5 actos, por J. Ricardo Cordeiro Junior 300

Quem desdenha... — Comedia original em 1 acto, por Pinheiro Chagas 100

Caso de consciencia — Comedia (traducção) em 1 acto, por Pinheiro Chagas 100

Luiz XI e o poeta — Comedia (traducção) em 1 acto, por Ferreira de Mesquita 100

A mosca branca — Comedia (imitação) em 3 actos, por Duarte Santos 200

A cruz de prata — Drama (traducção) em 5 actos, por L. C. M. 300

N. B. A quem comprar a collecção completa (15 peças) 40 por cento de abatimento.

ROMANCES

As duas flores de sangue — Original, por Pinheiro Chagas (1 volume) 500

As doze espadas do diabo — Traducção de Guilherme Celestino (2 volumes) 800

Claudio — Original, por Julio Cesar Machado (1 volume) 500

NO PRELO

Nas cinzas — Traducção por L. C. M. (1 volume) 500

Remettem-se, francos de porte, a quem enviar a sua importancia em estampilhas ao escriptorio da empreza, rua larga de S. Roque, n.º 100, 1.º andar.

Imprensa Nacional — 1875

FEB 1 1934

LIBRARY OF CONGRESS
0 021 100 923 8